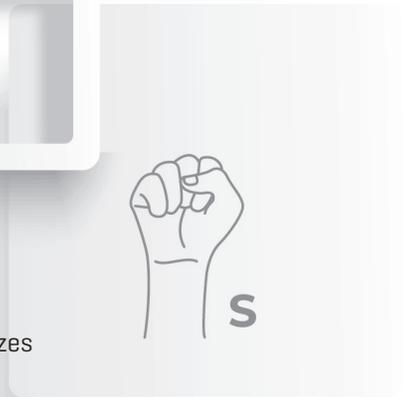
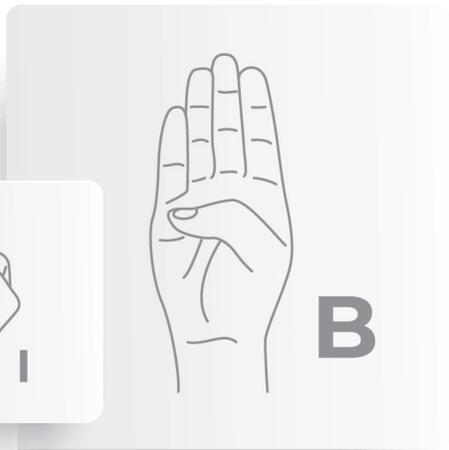


Dinéia Ghizzo Neto Fellini
Elsa Midori Shimazaki
Vinícius Hidalgo Pedroni

Aspectos históricos, políticos e linguísticos da língua brasileira de sinais



Campos dos Goytacazes



2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F319a Fellini, Dineia Ghizzo Neto
Aspectos históricos, políticos e linguísticos da língua brasileira de sinais
[recurso eletrônico] / Dineia Ghizzo Neto Fellini; Vinicius Hidalgo Pedroni; Elsa
Midori Shimazak. — Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2024.

Livro eletrônico.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/321>>

ISBN 978-65-87500-38-6 (e-book)

1. Língua de sinais. 2. Linguística. I. Pedroni, Vinicius Hidalgo. II. Shimazak, Elsa
Midori. III. Título.

CDD 419

Essentia Editora

Rua Coronel Walter Kramer, 357 - Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes/RJ | CEP 28080-565
Tel.: [22] 2737-5648 | www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor	Victor Barbosa Saraiva
Pró-Reitor de Administração	Fernando Nunes de Souza Santos
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas	Vinicius Chrysostomo Silva
Pró-Reitor de Ensino	Paulo Vitor Vidal Aguiar
Pró-Reitora de Extensão, Cultura, Esporte e Diversidade	Marcia Regina Chrysostomo
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação	Simone Vasconcelos Silva
Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação	Marcos Antonio Cruz Moreira

Conselho Editorial 2022-2025

Ana Paula Lopes Siqueira	José Augusto Ferreira da Silva
Ana Paula de Castro	Kíssila da Conceição Ribeiro
Bruno Barzellay Ferreira da Costa (UFRJ)	Natália Deus de Oliveira Crespo
Carlos Victor Pontes do Rosário	Paula Alvarenga Borges
Daniela Balduino de Souza Vieira	Pedro de Azevedo Castelo Branco
Elias Fernandes de Souza (UFENF)	Raimundo Hélio Lopes
Fernanda Soares Luz	Renato Barreto de Souza
Gislane Nunes Leitão	Sandra de Miranda Soares
Guilherme Vieira Dias	Vicente de Paulo Santos Oliveira
Heise Cristine Aires Arêas	Wagner da Silva Terra
Inez Barcellos de Andrade	
Jader Lugon Junior	

Equipe Editorial

Editora Executiva	Daniela Balduino de Souza Vieira
Editor Científico	Jader Lugon Junior
Capa, projeto gráfico e diagramação	Claudia Marcia Alves Ferreira
Catalogação e Revisão Técnica	Inez Barcellos de Andrade
Revisão de Texto	Denise Rena Haddad
Revisão Final	Edson Carlos Nascimento

Sumário

Prefácio	05
Apresentação	07
.....	
PARTE 1	11
O surgimento da linguagem	
Capítulo 1	13
Da linguagem das mãos na pré-história às primeiras iniciativas na área da surdez na Idade Média	
Capítulo 2	23
A língua de sinais da Idade Moderna [Século XV ao XVIII] à Idade Contemporânea [a partir do Século XIX]	
Capítulo 3	35
Contexto histórico da Língua de Sinais no Brasil	
.....	
PARTE 2	47
Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras	
Capítulo 4	49
Parâmetros primários e secundários da Libras	
Capítulo 5	81
Aspectos morfossintáticos da Libras	

Capítulo 6	117
Classificadores em Libras	
Capítulo 7	127
Tipos de sentenças	
Capítulo 8	143
O uso das expressões idiomáticas, figuras de linguagem, ironias e gírias em Libras	
Referências	155

Prefácio

Sinto-me muito honrada com o convite dos colegas Dinéia Ghizzo Neto Fellini, Vinicius Hialgo Pedroni e Elsa Midori Shimazaki para prefacionar a obra por eles apresentada **Aspectos históricos, políticos e linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Asseguro que esta obra certamente representará uma contribuição significativa para a área da surdez, mais especificamente sobre Língua de Sinais e, conseqüentemente, para a nossa Língua Brasileira de Sinais.

É sabido que a pintura rupestre foi a primeira forma de comunicação do homem e serviu para organização e orientação daqueles povos, além de expressar fenômenos, acontecimentos, sentimentos e tantas outras coisas. E é essa forma de comunicação que deu origem à linguagem oral e à linguagem gestual, surgindo, assim, a língua de sinais, tendo as mãos como elementos fundamentais.

As perspectivas apresentadas por esta obra são amplas e ao mesmo tempo completas, trazendo, assim, o diferencial de outras publicadas sobre o assunto, tendo em vista que a formação e as experiências vividas pelos autores em áreas diferentes de suas formações originais têm a propriedade de enriquecer sobremaneira suas pesquisas, pois oferecem, nas páginas que seguem, uma dimensão genuína sobre marcos históricos, políticos e linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, em especial, com o aporte pragmático de quem transita com segurança entre as áreas da Linguística e Educação de Surdos, não deixando de enfatizar o Dialogismo e a Teoria Histórico-Cultural.

A apresentação, a ilustração e a análise dos Aspectos Morfofonológicos e Aspectos Morfosintáticos da LIBRAS são o grande diferencial desta obra a ampliar a construção de reflexões críticas no horizonte dos grandes eixos das demandas linguísticas e sociais dos surdos. Por essas e tantas outras razões que se revelam no conteúdo

didático e desafiante deste livro, é que, com muita satisfação e orgulho, apresento e recomendo a presente obra. Boa leitura a todas e a todos!

Profa. PhD. MARIA AMELIA ALMEIDA

*Pós-Doutora em Educação Especial (Universidade da Georgia, EUA);
Doutora e Mestre em Educação Especial pela Vanderbilt University (EUA);
Professora Titular da Universidade Federal de São Carlos.*

Apresentação

A linguagem, assim como o desenvolvimento do pensamento humano, data de tempos remotos. Entre as formas primeiras possíveis de comunicação que foram constatadas ao longo da história de evolução do homem, citam-se os sons acústicos, as pinturas, a linguagem dos gestos, também conhecida como linguagem das mãos, a escrita, a linguagem falada, entre outras formas de manifestações humanas. Aqui, interessa-nos observar o contexto de constituição da linguagem falada e da linguagem das mãos, com ênfase na segunda pelo uso em Libras.

As formas de comunicação foram importantes para que o homem, na organização interna de seus grupos sociais, aprimorasse tanto a linguagem utilizada, como pudesse desenvolver formas conscientes de atuar sobre a natureza, relacionar-se com outros grupos, transformando o meio e a si ao mesmo tempo. Tais transformações exigiram adaptações, assim como permitiram aos homens criar meios de sobrevivência e compreender os objetivos do grupo de vivência por meio de sistemas simbólicos.

Assim, acordamos na posição de que a linguagem/língua não consiste em algo natural, mas, sim, em um ato social¹, pois, segundo Volóchinov (2019, p. 134-135), “a palavra é um esqueleto, que ganha carne viva somente no processo de percepção criativa e, por conseguinte, somente no processo da comunicação social viva”, ou seja, fora do seu contexto de uso, a linguagem não significa nada, não possui peso, é morta, sem significação. Nesse sentido, ela é tão social que Rastier (2009, p. 107) afirma: “[...] se a faculdade da linguagem é uma faculdade de aprender línguas [language acquisition], seu exercício pressupõe a existência das línguas; nesse caso, a natureza humana pressupõe a cultura, o que se opõe à hipótese inicial de naturalização”. Dessa forma, “[...] **o homem é um ser social e,**

¹ Importante frisar que algumas teorias, como o inatismo e o gerativismo, veem a língua como natural, mas o campo teórico por nós escolhido a vê como social. Evidenciamos ainda que, ao vermos a língua como social, não estamos negando que seja natural, mas, sim, que ela é social justamente porque há indícios que lhe permitem desenvolver-se, sendo o natural parte da execução do social.

fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade” [Vigotski, 2018, p. 90 [destaques do autor]], ou seja, jamais haveria desenvolvimento humano sem que houvesse a cultura produzida pelo homem em sua história.

Como destaca Rastier [2009], caso a linguagem oral fosse algo natural, teria se originado do encontro entre o aparelho fonador e o córtex pré-frontal, cujo desenvolvimento excepcional possibilitaria a imaginação de objetos mesmo ausentes. Partindo, porém, da concepção de que a linguagem é de natureza social, entende-se que a linguagem não só permitiu que as ações no grupo sofressem uma organização interna e externa em relação ao trabalho, como também auxiliou nas relações estabelecidas entre os membros do próprio grupo e naquelas constituídas com grupos externos, permitindo o compartilhamento de símbolos, valores e ideologias. Nesse aspecto, Rastier [2009] ensina que,

nem interna e nem externa, a língua é um lugar do acoplamento entre o indivíduo e o seu meio ambiente, porque os significantes são externos [ainda que reconstruídos na percepção] e os significados internos [ainda que construídos a partir de uma doxa externa]. Como a linguagem faz parte do meio em que agimos, é em práticas diversificadas, das quais os discursos e os gêneros são testemunhos, que nos ligamos ao nosso meio ambiente [p. 109].

É a partir dessa relação do homem com o meio que a cultura foi sendo produzida, compartilhada, apropriada, a ponto de permitir ao homem transformar a natureza e se transformar. É nessas relações que a linguagem se constitui, logo não podemos pensá-la de forma isolada, mas no contexto de uso do cotidiano. É nessa concepção social de linguagem/língua que os apontamentos que seguem são apresentados a partir de recortes temporais. Dessa maneira, a divisão está delimitada:

Parte 1 – O surgimento da linguagem

Nessa primeira parte, o livro se divide em três capítulos. No primeiro tem-se um esboço sobre a Pré-História, a fim de pontuar tanto a relação entre a pintura rupestre e a linguagem das mãos, quanto a sua influência sobre a constituição da linguagem falada e a de sinais. Para tanto, complementamos com as concepções da sociedade a respeito das pessoas com deficiência, a destacar, no período, a inclusão dos surdos, cuja interferência ocorreu na sua constituição linguística do período à

Idade Média [século V ao século XV]. No segundo capítulo, aborda-se o desenvolvimento linguístico dos surdos, assim como os precursores dos primeiros trabalhos de seu atendimento e as primeiras obras na área, a iniciar na Idade Moderna [século XV ao século XVIII], compreendendo também a Idade Contemporânea, que se iniciou em 1798, período de muita ascensão no uso da língua de sinais, mas também de certo deprecimento. No terceiro capítulo, por fim, retrata-se o contexto histórico e social de constituição linguística da Língua Brasileira de Sinais [Libras] no Brasil, com as iniciativas que datam ainda do século XIX e permanecem até nossos dias, além dos documentos legais e orientadores na área de Educação.

Parte 2 - Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais - Libras

A segunda parte é constituída de cinco capítulos. No quarto capítulo, é possível compreender a constituição da Libras a partir dos parâmetros primários e secundários, pontuados segundo suas especificidades. Os exemplos imagéticos ajudam o leitor a reconhecê-los na sinalização e a compreender sua importância na produção dos signos gestuais. No quinto capítulo, constata-se a descrição dos aspectos morfossintáticos da Libras, mais precisamente aqueles elementos que contribuem na formalização da língua, cujos morfemas são expressos por algumas Configurações de Mãos [CMs], Movimentos [Ms] direcionados e pela alteração na frequência dos Ms. Atribui-se, neste caso, alguns Pontos de Articulação [PA] na estrutura morfológica e também expressões faciais ou movimentos com a cabeça em concomitância ao signo gestual², elementos necessários para que não ocorram equívocos nas sentenças, ao combinar os signos gestuais. No sexto capítulo, é possível ter um panorama dos classificadores em Libras, que correspondem às formas de representar entidades a partir de suas características essenciais, isso em decorrência da capacidade humana de apreender o mundo. Muito se assemelham aos gestos que acompanham a fala, contudo, na Libras, eles fazem parte da gramática. No sétimo capítulo, é possível observar as diferentes sentenças que são produzidas em Libras, cuja ordenação e flexão verbal dependem do sujeito e objeto, além do aspecto verbal. No oitavo e último capítulo, é possível observar a Libras, a partir das expressões idiomáticas, figuras de linguagem, ironias e gírias, pois, assim como as línguas orais, as línguas de sinais também são completas e abarcam uma riqueza polissêmica de modo a criar enunciados com sentidos diversos.

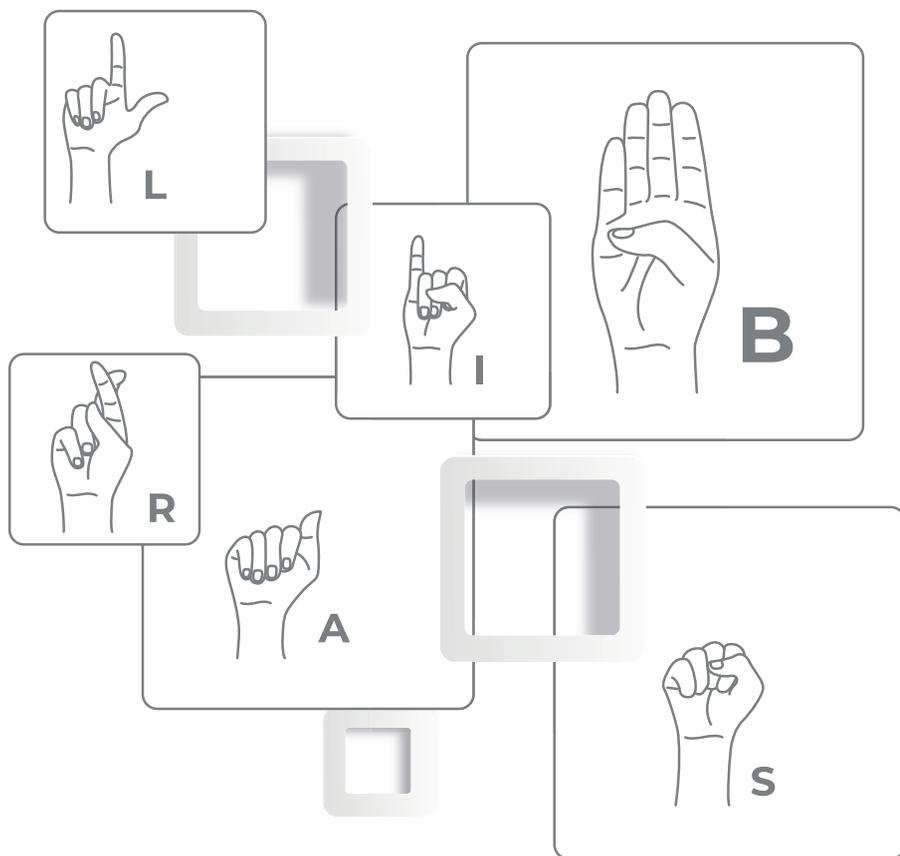
² Delineamos nesta obra o conceito de signo linguístico quando nos referimos à língua portuguesa e ao conceito de signo gestual em momentos que referenciamos a Libras para diferenciações pertinentes ao longo do texto.

Este livro é resultado de um estudo consistente baseado em pesquisas desenvolvidas na área da linguagem, que auxiliam a compreensão do processo de constituição histórica, política e linguística da Libras. Seu embasamento teórico visa a caracterizar a Libras sob o viés de língua enquanto sistema de signos socialmente organizado. Esperamos que suas contribuições para a área da surdez sejam constantes, produtivas e enriquecedoras, necessárias para que a Libras seja sempre conhecida e reconhecida.

Os autores

PARTE 1

O surgimento da linguagem



Capítulo 1

Da linguagem das mãos, na pré-história às primeiras iniciativas na área da surdez, na Idade Média

No desenvolvimento humano, o comportamento está intimamente relacionado ao meio, relação que se estabelece desde o nascimento. Segundo Vygotsky e Luria [1996], o processo passa por três estágios principais: 1º) em todos os animais, o desenvolvimento do comportamento é representado pelos modos inatos, ou seja, pelas reações hereditárias, normalmente chamados de instintos, que têm como prioridade a satisfação das necessidades básicas do organismo e, logo, são realizados sem necessidade de aprendizagem; 2º) a partir do primeiro estágio, o segundo é conhecido por estágio dos reflexos condicionados, provindo da experiência individual do animal, resultantes da aprendizagem e do treinamento específico, além da experiência acumulada individualmente. Assim, “essencialmente, o treinamento não cria novas reações no animal, mas serve apenas para associar reações inatas, dando origem a novas conexões condicionadas entre reações inatas e estímulos ambientais” [Vygotsky; Luria, 1996, p. 56]; 3º) têm-se as técnicas como fatores principais do desenvolvimento psicológico do homem, recursos artificiais auxiliares e instrumentos, além, é claro, do desenvolvimento de uma estrutura social. Dessa maneira, entre os instrumentos materiais utilizados para sobreviver, aos poucos, o homem também desenvolveu a linguagem articulada humana, instrumento intelectual que permitiu o desenvolvimento da estrutura social.

O homem tornou-se homem diferenciando-se dos animais, criando e recriando instrumentos e artefatos para a caça, a pesca, assim como para a manutenção de sua sobrevivência. Nesse aspecto, a comunicação tornou-se fator indispensável, seja ela por meio de sons em forma de gritos, seja por pinturas, gestos com as mãos e as mais variadas possibilidades de comunicação desenvolvidas. Para Parellada [2015, p. 47], “considera-se arte rupestre como uma forma de comunicação através de convenções,

ou seja, um tipo de linguagem simbólica organizada; uma estratégia de se relacionar com as pessoas e através do tempo”. Essa forma de comunicação, segundo Pacheco [2018], é uma das primeiras modalidades de expressão linguística, representando não apenas o que os homens viam, como também os sons que ouviam, transformando-os, posteriormente, em representações visuais nas diversas modalidades semióticas existentes em cada período da história.

As representações visuais eram figurativas ou geométricas abstratas, na realidade, sinais, que, para Parellada [2015], representavam as figuras humanas, a fauna, a flora, entre outros sinais possíveis. Alguns sinais, como os pontos, os traços, as barras, são elementares; do mesmo modo, os sinais elaborados e criados a partir da reunião de sinais simples, os quais, dada a repetição, contribuem tanto para a definição de culturas e territórios quanto para a cronologia de desenvolvimento do homem em sociedade. Nesse sentido, as pinturas rupestres, um dos sinais humanos, têm sido consideradas uma das mais antigas representações artísticas. Na realidade, os mecanismos de que deriva a pintura rupestre permitem conceber que muito se parece com a linguagem do homem por meio dos sinais [Pacheco, 2018], ajudando-nos a compreender como a linguagem humana evoluiu ao longo do tempo [Figura 1].

Figura 1 – Pintura rupestre na caverna de Chauvet



Fonte: Pacheco [2018]

Tais pinturas serviam de orientação para os membros do grupo, pois se tratavam tanto de reproduções ocorridas, como ataques aos animais, lutas

com membros de tribos rivais etc., quanto da representação da imaginação criadora do homem, ou seja, ações que, embora não houvessem acontecido ainda, provavelmente aconteceriam (Gondim, 2012). A imaginação, nesse caso, permitia ao homem se apropriar de ações perceptivas, da imaginação reprodutora, já que, sustentado num determinado fato ocorrido, criaria novas possibilidades de ocorrência, da memória, além da probabilidade de formulação real de ações. É a linguagem humana manifestando a potencialidade do homem.

Dessa forma, a partir dessa relação do homem com a manifestação de linguagem, as mãos se destacam como membros do corpo com grande utilidade ao homem, usadas tanto no trabalho manual quanto como forma de linguagem por meio da pintura, dos gestos etc., sendo reconhecidas, de acordo com Leontiev (2004), como o principal órgão de trabalho do homem, fato que salientamos por implicar na constituição comunicativa em Libras. O uso das mãos era, portanto, de extrema importância para os homens da Idade da Pedra, já que todos os sons normalmente acompanhavam os movimentos realizados pelas mãos e pelo corpo, como é o caso dos gestos, das mímicas e de outras expressões. Segundo Gondim (2012), era pela pintura, realizada com as mãos, que a firmeza, a intensidade e o diâmetro dos traços nas imagens recriadas pelo homem pré-histórico a demonstrar algo que ansiava, embora ainda distante, eram observados.

A pintura permitia a aproximação entre os homens, a expressão dos pensamentos e sentimentos, e, do mesmo modo, a compreensão do que o outro estava a pensar. Não demorou para que os gestos com as mãos também adquirissem significação. No que se refere a esse aspecto, na cultura primitiva, principalmente no que tange às tribos, cujos dialetos eram muito diferentes, os gestos e posteriormente os sinais realizados com as mãos eram os meios utilizados para comunicação (Wundt, 2013), de modo a permitir a compreensão das informações não apenas entre seus membros, mas por todos. As línguas duais nos povos primitivos, as quais relacionavam em seu uso a fala oral e a linguagem dos sinais, foram estudadas por algumas teorias, entre elas a Teoria Histórico-Cultural, a enfatizar a relação mútua entre ambas as línguas. Para Wundt (2013, p. 94),

embora nós devamos considerar a linguagem dos gestos como uma forma original de linguagem, na medida em que nós podemos observá-la no momento de sua criação, obviamente não devemos esquecer que a gênese das formas de comunicação gestual às quais estamos familiarizados

pertence a uma cultura superior cujas condições diferem largamente daquelas do pensamento primitivo.

Essa constatação se evidencia pela própria constituição da língua utilizada pelos surdos hoje, a qual carrega questões históricas, culturais e linguísticas, diferenciando-se das primeiras manifestações de linguagem gestual utilizada pelos homens primitivos. As constatações levantadas até aqui, assim como as pesquisas desenvolvidas por Vygotski (1991) com crianças em fase de desenvolvimento linguístico na qual a resolução de tarefas práticas exige da criança a ajuda da fala e das mãos, levam-nos a reafirmar a ideia de que as mãos se apresentam, desde a antiguidade, como um dos membros do corpo mais importantes para o ser humano. Na realidade, os hominídeos utilizavam-se do ato de apontar para chamar a atenção dos seus pares quando desejavam algo do ambiente externo, ou seja, tinham o hábito de dizer com o dedo, como ensina Joffily (2010). Cabe-nos considerar, entretanto, que o contexto histórico e social é determinante tanto para o desenvolvimento da linguagem das mãos quanto para qualquer outro sistema simbólico criado pelo homem, a depender dos meios disponíveis para isso, assim como do grupo social de que cada sujeito faz parte. A partir desse pressuposto, entendemos que a linguagem “[...] é um fenômeno histórico-fenomenológico e sociológico [...]” (Souza, 2002, p. 54), que está em constante desenvolvimento nas trocas dialógicas que ocorrem no cotidiano. O diálogo é, assim, algo natural da linguagem, que, quando em uso, demonstra o quanto é dinâmica, ideológica e valorativa, não restando dúvidas de que se trata de um produto social humano.

Ademais, essa dedução se potencializa ao verificarmos que, mesmo que a vocalização nos bebês ocorra desde o nascimento; conforme ressaltam Lima e Cruz-Santos (2012), é por meio dos gestos que as primeiras intenções e estruturas voltadas à comunicação ocorrem, sendo estes, por isso, imprescindíveis à fundamentação da constituição linguística no sujeito. É por meio desses gestos que a criança passa a construir conceitos, tendo em vista o fato de ainda não possuir o domínio da linguagem verbal. Para Mori (1994), o gesto de apontar, ou qualquer outro gesto ou movimento, só adquire significado no contexto de interação social seja da criança com a mãe seja da criança com um adulto. Assim, o gesto que era inicialmente fracassado, voltado a um objeto, sofre transformações qualitativas de modo a resultar num plano intrassubjetivo, ou seja, “quando a mãe vem em auxílio e interpreta seu

movimento como uma indicação, o gesto indicativo se converte em gesto para o outro, por meio do discurso e recorte maternos” (Mori, 1994, p. 6). São essas transformações do movimento em simbolização que permitem a constituição da linguagem humana a partir de sinais, conseqüentemente, a inteligência discursiva. Logo, se a língua utilizada é a oral e a criança é ouvinte, sua linguagem aos poucos se desenvolve para a oralidade. De modo idêntico ocorre com a criança surda, cujos pais se utilizam da língua de sinais, pois o processo para surdos e ouvintes é idêntico, mudando, apenas, a forma de linguagem utilizada.

A importância da linguagem gestual não se reserva apenas aos surdos que a utilizam como forma de comunicação. Mesmo a considerar os tempos mais remotos, Joffily (2010, p. 66) ressalta que “[...] a sua qualidade silenciosa pode ter sido, em certas situações, extremamente vantajosa. O caráter direto, eficaz e silencioso desta linguagem é vital, sobretudo para quem necessita, como os antigos hominídeos, comunicar-se sem fazer barulho”. Ademais, tratava-se de uma linguagem ideal para os surdos, habitantes daquelas terras inóspitas, que precisavam sobreviver nos grupos primitivos sem demonstrar sua limitação auditiva, posto que os que porventura apresentassem alguma deficiência ou falta de habilidades, força ou resistência, representariam um fardo para o grupo e dificilmente conseguiriam sobreviver (Duarte *et al.*, 2013). Muitos surdos sobreviveram graças às semelhanças físicas com os ouvintes, ou seja, sem uma linguagem verbal desenvolvida, a deficiência auditiva era imperceptível.

Ao longo da história, é possível reconhecer a influência exercida pela linguagem das mãos nas linguagens atuais. Segundo Rastier (2009), estudos do século XVIII denotam que a linguagem humana é derivada da linguagem gestual. Por sua vez, ao contrário desses postulados, Wundt (2013) alega que, se observarmos tal linguagem na sua origem, constataremos que ela é resultado das emoções expressas bem como dos movimentos involuntários que tendem a acompanhar a emoção, e não de propósitos e elaborações mentais de forma consciente. Trata-se, portanto, de movimentos expressivos que ocorrem naturalmente durante o ato comunicativo.

Outrossim, Wundt (2013) ressalta que, entre todas as linguagens gestuais humanas, a que menos sofre mudança é a linguagem dos surdos, assegurando que, de acordo com informações e dados colhidos em diferentes povos e culturas em variadas partes do planeta há uma

homogeneidade notável no seu uso, mesmo havendo detalhes que se apresentam diferentes [Wundt, 2013]. A exemplo, o autor reverbera que, embora as ideias do índio americano, do europeu ou do australiano, por exemplo, não sejam parecidas em todos os aspectos, nos gestos, porém, cuja referência é um objeto concreto específico, as semelhanças são frequentes. Assim, muitos dos sinais utilizados na linguagem dos gestos de surdos europeus, por exemplo, são também observados entre os índios de Dakota, nos Estados Unidos. Desse modo, nenhuma imersão daqueles surdos entre os índios ocasionaria dificuldades de comunicação, a princípio.

Essas constatações, assim como os empréstimos linguísticos encontrados nas línguas de sinais, reforçam a possível influência da linguagem dos gestos nas atuais línguas de sinais. Embora sofrendo, é claro, mudanças históricas, culturais e sociais, estas carregam características peculiares da primeira linguagem, características que são tanto ideológicas quanto valorativas, passando de uma geração a outra. Considera-se que os signos ideológicos não são apenas reflexos da realidade, mas também fragmentos materiais dela, já que “[...] compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” [Bakhtin; Volóchinov, 2006, p. 34]. Consideramos necessário reconhecer que, para que a compreensão de uma linguagem ocorra, é preciso organização social do grupo de modo que todos tenham conhecimentos a respeito dos signos, cujos significados sejam de comum acordo entre os membros [Wundt, 2013].

Assim como a linguagem se originou da necessidade de organização no trabalho coletivo, a magia e a arte também se formaram nesses moldes cujas simbologias eram criadas a partir de percepções ou da imaginação dos habitantes. É dessa linguagem, que “[...] compreendia tanto movimentos mágicos das mãos e de todo o corpo quanto gritos mágicos que desenvolveram gradualmente os órgãos de fonação, que se origina a linguagem fônica articulada” [Volóchinov, 2019, p. 137]. Aliás, nos estudos de Joffily [2010], por meio de uma análise etimológica, é possível destacar o papel que a motricidade corporal desempenha em relação ao surgimento das palavras. Entre os vários exemplos citados pela autora, encontra-se o vocábulo “cognição”, cujo sentido original refletia o movimento do braço ou mão realizado de forma intencional para alcançar algo, um princípio de Libras, certamente. Nesse caso, o cérebro atua como uma mão, a

captar os estímulos virtuais internos e externos. Outro exemplo, a palavra “inteligência”, de acordo com Joffily [2010, p. 65], é “[...] derivada do verbo latino *intelligere* [*inter* = entre e *legere* = colher, reunir, apanhar entidades concretas], designa, na atualidade, tanto a função inteligente de tomar decisões, de fazer escolhas mentais como a de ler – reunir letras com os olhos”. Tais contribuições demonstram que realmente há alguma relação entre mão e mente nos processos de comunicação humana, pois, “se, de forma geral, a moderna análise etimológica considera a função motriz como a precursora da produção simbólica humana, para Aristóteles [1984] seriam as mãos o seu principal instrumento” [Joffily, 2010, p. 65]. A partir disso, é possível conceber que ambas, mão e mente, atuam sobre e até mesmo auxiliam o desenvolvimento da linguagem humana e, de modo determinante, sobre a linguagem dos sinais.

No decorrer histórico e social das civilizações, a forma de linguagem das mãos acompanha o homem, devendo ser considerada uma “linguagem motriz”. Segundo Corballis [2002], em citação nas pesquisas de Joffily [2010, p. 65], “[...] a mímica corporal, com ênfase na manual, estaria na origem da comunicação oral dos homens. Reconhecendo o gesto como o mais fiel tradutor da forma e da posição das coisas no espaço externo [...]”. A autora ressalta, além disso, que as áreas cerebrais ativadas pela linguagem oral são as mesmas ativadas pela comunicação por meio da linguagem gestual dos surdos, reforçando, assim, a hipótese de essa linguagem ser motriz da linguagem sonora.

Em algumas civilizações, como por exemplo a egípcia, até o século XVIII, os surdos eram respeitados, protegidos e recebiam tratamentos mais humanitários. A população os temia, acreditando que eles tinham o poder de se comunicarem em segredo com os deuses [Luchese, 2017], no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados. Os romanos assim como os gregos, em razão de uma relação histórica de aproximação de culturas, tinham uma postura diferente; sua percepção a respeito dos surdos era a de que eram pessoas amaldiçoadas, envolvidas com feitiçaria ou possuídas pelo demônio, sendo, portanto, abandonadas ou mortas [Duarte *et al.*, 2013].

Observamos que em todos os estudos históricos que abordam a concepção a respeito dos surdos, mesmo sem base científica definida para sua compreensão, o misticismo e o ocultismo se evidenciam servindo inclusive de orientação para as civilizações [Mazzotta, 2001].

A partir da Idade Média [século V ao século XV], com o Cristianismo, posturas e concepções sobre os surdos foram se modificando. A princípio, primava-se pelo corpo como templo de Deus, logo, qualquer pessoa diferente do que era considerado normal deveria ser queimada na fogueira da inquisição [Bianchetti, 1998]. Nesse contexto, era necessário seguir os princípios pregados por Jesus Cristo, o que levou, aos poucos, a uma mudança na concepção da igreja, e conseqüentemente da população, sobre as pessoas surdas, que passaram a ter direito à vida. Segundo Maia [2017], porém, nem assim eram consideradas humanas pelo fato de não conseguirem se comunicar, o que mostrava sua diferença das pessoas consideradas normais.

Até o século XV, a falta de uma linguagem própria impossibilitava aos surdos receberem uma educação formal, já que se considerava a palavra oral como extremamente fundamental para isso. No século XVI, no entanto, Girolano Cardano [1501-1576], médico de Pádua, se propôs a ensinar as pessoas surdas por meio de símbolos, o que fez com que os surdos pudessem ser educáveis recebendo educação formal e tornando-se, conseqüentemente, aptos a viver em sociedade [Duarte *et al.*, 2013]. Iniciativas como essa foram aparecendo gradativamente na Europa, muitas delas, inclusive, com caráter religioso. Em Madrid, citamos a atuação do monge franciscano Yebra. Como consta na Figura 2, Yebra se utilizava do alfabeto manual para ensinar os conteúdos espirituais aos surdos.

Figura 2 – Alfabeto manual utilizado por Yebra



Fonte: Veloso e Filho [2009 *apud* Luchese, 2017].

Em 1555, na Espanha, o padre beneditino Pedro Ponce de León atendia a um menino surdo, filho de família nobre, iniciando pelo alfabeto manual, a datilologia, o treino da fala e a escrita [Duarte *et al.*, 2013]. Os hospitais, os asilos e as instituições criadas para fins de atendimento ao surdo, principalmente as instituições fundadas pela Igreja Católica, foram determinantes para que essa parcela da população tivesse uma educação formal e aprendessem a se comunicar. Os trabalhos desenvolvidos por religiosos iniciados nesse período produziram mudanças significativas favorecendo a constituição comunicativa dos surdos.

Levando em conta as considerações históricas discutidas, ressaltamos que: 1] a pintura rupestre foi a primeira forma de comunicação dos hominídeos, servindo de organização e orientação ao grupo, além de expressar fenômenos, acontecimentos, sentimentos etc.; 2] essa forma de linguagem foi importante para que a constituição da linguagem oral e da linguagem gestual ocorresse posteriormente de modo a ser considerada a pedra basilar da origem da linguagem; 3] a mão, que sempre foi um membro corporal importante para o trabalho humano, denota ser, para a Teoria Histórico-Cultural e para o Dialogismo, membro ímpar no desenvolvimento da linguagem, de modo que, ainda no começo da infância, o simples ato de apontar se transforma em simbolização, durante a interação, o que comprova que a linguagem não é um processo natural, mas, sim, social em sua essência.

Capítulo 2

A língua de sinais da Idade Moderna (Século XV ao XVIII) à Idade Contemporânea (a partir do Século XIX)

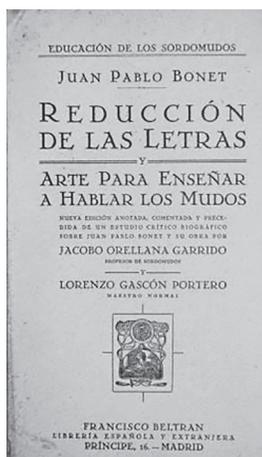
As mudanças nas diferentes esferas sociais, inclusive na esfera econômica, a transição do artesanato para a manufatura, e desta para a maquinofatura, trouxeram transformações profundas; logo o corpo humano passou a ser visto como uma máquina em funcionamento (Bianchetti, 1998), do mesmo modo que o cientificismo trouxe à tona as tentativas de cura e reabilitação dos surdos (Maia, 2017) na busca pelo corpo perfeito. A Europa foi responsável pelos primeiros movimentos em prol desses atendimentos, não demorando muito para que os Estados Unidos (EUA) e o Canadá também adotassem medidas educacionais muito parecidas (Mazzotta, 2001), embora tais medidas ocorressem em abrigos, hospitais e asilos, instituições destinadas a terapias, assistências, reabilitação etc.

Em virtude da segregação dos surdos, que não eram aceitos socialmente, muitos trabalhos de caráter religioso, medicinal e educacional eram realizados nesses estabelecimentos. Há de se considerar, entretanto, que a segregação também era uma prática normal nos ambientes familiares, principalmente nas famílias nobres, salientada pela noção de que a deficiência auditiva era vista pela Igreja como pecado. Em razão disso, surgia da igreja a iniciativa de atender aos surdos, filhos da nobreza, em suas residências. Para Carvalho (2012), o objetivo dos atendimentos não se resumia à preocupação com a pessoa surda ou com sua aprendizagem, existindo também certo interesse financeiro. Para Sacks (1999), porém, a atuação dos monges cristãos decorria do sentimento de piedade, de não conseguirem tolerar a existência de almas sem acesso à confissão e ao catecismo cristão, tanto que os primeiros professores de surdos, em sua grande maioria, eram monges.

Na literatura da área, destaca-se a atuação do surdo e professor Manuel Ramírez de Carrión (1579-1652) que, segundo Lage e Kelman (2019), desenvolveu técnicas próprias de ensino e atuou na formação

de jovens ligados a Jean-Paul Bonnet, o primeiro a publicar, em 1620, a obra inicial na área: *Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos* [Mazzotta, 2001; Duarte et al., 2013; Luchese, 2017], além de defender o ensino por meio do alfabeto manual [Luchese, 2017]. A Figura 3 apresenta a capa do livro de Bonet.

Figura 3 – Primeiro livro publicado na Espanha por Bonet



Fonte: Lane [1992 *apud* Luchese, 2017].

Abordagens diversas de ensino aos surdos emergem de diferentes áreas do conhecimento, como a proposta de que os surdos aprenderiam por meio da linguagem gestual ou oral, como fora proposto por Bartolomeo Della Marca [1314-1357] [Carvalho, 2012]. Outro nome que ficou conhecido na educação de surdos é o de John Wallis, professor inglês da Universidade de Oxford, que considerava o ouvido como o órgão principal para que a linguagem pudesse ser manifestada, logo, qualquer alteração ou comprometimento na sua natureza física acarretaria inviabilização na produção da palavra falada [Carvalho, 2012]. Wallis também publicou a obra *Grammatica lingæ anglicanæ*, na qual destacava o uso indevido da linguagem gestual [Lage; Kelman, 2019], pois era grande defensor do método oral de ensino.

Em oposição às teorias em favor da oralização, ressalta-se a atuação de dois médicos na área da surdez: Pedro de Castro, na Espanha, que demonstrava que os sons podiam ser captados pelos surdos, mesmo sem audição [Duarte et al., 2013], e John Bulwer, britânico que escreveu

um tratado sobre a linguagem manual, a quirologia (Figura 4), em 1644 [Duarte *et al.*, 2013]. Este também publicou a obra “[...] *Philocopus*”, em que afirmava que a língua de sinais era capaz de expressar os mesmos conceitos que a língua oral” [Luchese, 2017, p. 18].

Figura 4 – Chirogram from chirolgia, 1644



Fonte: Wikipédia. https://en.wikipedia.org/wiki/John_Bulwer.

Como destaca Carvalho [2012], até então, praticamente em toda a Idade Moderna a educação de surdos ocorria de forma individual, a imperar o ensino da oralidade. Quanto aos surdos, filhos de famílias menos favorecidas, o ensino lhes era restrito.

Entre todos os nomes já citados até hoje sobre o estudo a respeito do ensino do surdo, o mais notável é o do abade Charles Michel de L'Épée. O clérigo tornou-se memorialmente lembrado em todo o mundo pelos trabalhos desenvolvidos com surdos e também pela contribuição desvelada à comunidade surda, permitindo a todos os surdos o acesso à educação pública e gratuita. É pertinente salientar que, embora muitas obras atestem ao abade a criação dos sinais gestuais, L'Épée não foi o criador da língua gestual, já que esta existia muito antes dele, a ponto de servir de base para o seu próprio ensino [Carvalho, 2012; Souza, 2003]. No entanto, o abade foi o primeiro a propor a experiência do ensino coletivo nesses moldes, em 1760 [Benvenuto; Séguillon, 2016], defendendo surdos de classes

econômicas distintas e ministrando-lhes o ensino numa mesma sala de aula. Aliás, compreender ideias sem ser necessário ouvir palavras era uma concepção praticamente revolucionária para o período. L'Épée demonstrou, contudo, ser este um recurso possível, quando assumiu a educação e a formação espiritual de duas irmãs gêmeas; função que, até então, era de responsabilidade do colega Padre Vanin [Carvalho, 2012]. Para L'Épée, o essencial era que o surdo aprendesse a ler e a escrever por meio da língua de sinais, criando, então, um sistema de sinais metódicos mediante a junção dos sinais já criados pelos surdos e os sinais que inventara, garantindo, assim, o aprendizado dos surdos [Meserlian; Vitaliano, 2009; Souza, 2003]. Além de ensinar e aprender a língua de sinais, o clérigo acreditava que modificações na língua nativa dos sinais seriam necessárias para o ensino de conteúdos escolares e a escrita, de modo que a gramática da língua oral francesa fosse seu espelho, o que permitiu a criação do sistema gestual artificial. A união dos sinais nativos com aqueles que o abade inventara servia para marcar as flexões, os sufixos e os conectivos, entre outras marcas linguísticas da língua francesa [Souza, 2003].

Mais precisamente, segundo Bernarab e Oliveira [2007], a premissa se estabelecia na concepção de que a memória auditiva era apoiada pela memória visual. Assim, com a finalidade de que os surdos obtivessem autonomia, defendia o método baseado na escrita, nos gestos e na leitura, contrariando a educação oralista, considerada muito mecânica, sem espontaneidade. Para Carvalho [2012], foi a partir desse primeiro trabalho que o abade se propôs a abrir, em sua casa, a Instituição Nacional de Surdos, na cidade de Paris, em 1771. Utilizando meios próprios para financiar a instituição, aos poucos sua casa se encheu de salas de aula e também de crianças surdas, recolhidas por L'Épée em toda a cidade. Foram anos de trabalho até o abade se convencer de que poderia ensinar outros conteúdos, mais amplos e de diferentes conhecimentos, além da formação geral em francês escrito [Carvalho, 2012]. Carvalho [2012] ressalta que, para ensinar os surdos, L'Épée precisou primeiro aprender a Antiga Língua Gestual Francesa [Língua de Sinais nativa da França], utilizada por uma comunidade surda bem estabelecida em Paris; língua que, em junção com a gramática da Língua Francesa, tornou-se o método gestual conhecido como francês sinalizado [Covezzi; Padilha, 2018].

Na sua escola, recebeu pessoas surdas e ouvintes interessadas no seu método de ensino de vários países da Europa, as quais, ao regressarem aos seus lugares de origem, fundaram escolas nos mesmos moldes da

escola parisiense [Carvalho, 2012]. Após a morte do clérigo em 1789, segundo Carvalho [2012], L'Épée se tornou ainda mais prestigiado tanto pelos alunos que formou, reconhecidos como intelectuais da sociedade parisiense, quanto pelo título de “Benfeitor da humanidade”, recebido pela Assembleia Nacional de Paris em 1791.

L'Épée também publicou duas obras, intituladas *Institution des Sourds-Muets par la voie des signes methodiques* [1776]¹ e *La véritable manière d'instruire les sourds et muets confinée par une longue expérience* [1784]. A primeira, segundo Carvalho [2012], apresentava o trabalho de seu autor com a Língua Gestual Metódica e o sucesso alcançado com ela.

Durante aquele percurso, Pierre Desloges, que ficara surdo aos sete anos de idade e aos 27 anos aprendera a língua de sinais francesa, “[...] passou a se valer da escrita para se opor à tese de que a educação de surdos deveria basear-se no ensino da fala, como era defendido na época pelo cônego Deschamps, a quem toma como principal interlocutor em seu livro” [Souza, 2003, p. 331]. Desloges foi, inclusive, o primeiro surdo a publicar uma obra, intitulada *A Deaf Person's Observations About An Elementary Course Of Education For The Deaf*, publicada em 1779. Nela, Desloges considera inadequado o ensino da fala para surdos, defendendo o uso da língua de sinais, fato que enfatiza a atuação de L'Épée e a sua genialidade em usar os sinais na escola, principal meio de acesso dos surdos à escrita e leitura da língua francesa [Souza, 2003]. É necessário compreendermos que sua proposta educativa se pautava nos sinais, de modo que professores aprendiam com os surdos para facilitar a comunicação e, ao mesmo tempo, ensinavam aos surdos tanto a língua falada quanto a escrita da língua majoritária. A língua de sinais era, assim, o veículo adequado para o desenvolvimento da comunicação e do pensamento, ficando evidente a diferença entre fala e linguagem [Lacerda, 1998].

Uma terceira obra, não finalizada por L'Épée, foi concluída por seu sucessor e substituto na escola, Roch-Ambroise-Cucurron Sicard. Segundo Carvalho [2012], a obra consistia num guia de ensino, o *Dicionário dos Surdos-Mudos*. Além de concluir esse trabalho, em suas obras seguintes, Sicard fez algumas alterações ao método, melhorando-o bastante; outrossim, em suas aulas, contava com o auxílio de seus assistentes, os alunos Massieu e Clerc. O sucesso do método e as aulas ministradas por Sicard, influenciaram outros países a fundar escolas de surdos. Sicard, assim como fazia L'Épée, demonstrava publicamente a relevância do

¹ Link de acesso: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1040582v.image>.

método, mantendo as apresentações por meio de perguntas consecutivas e de conhecimentos diversos aos seus alunos surdos [Carvalho, 2012; Sacks, 1999]. Com a Revolução Francesa e suas ideias políticas contrárias, Sicard foi obrigado a se exilar na Inglaterra e, junto dele, seguiram Massieu, Clerc e um terceiro aluno, Gobard. Lá mantiveram sessões públicas sobre o tema e, em uma dessas sessões, na qual estava presente Thomas Hopkins Gallaudet, interessado pelo método, pede a Sicard autorização para estagiar no Instituto de Surdos-Mudos de Paris [Carvalho, 2012]. A convite de Gallaudet, Clerc segue para os Estados Unidos para fundar a primeira escola de surdos, a *American Asylum for the Deaf*, datada, para Carvalho [2012], de 1815, e para Sacks [1999], de 1817. Assim, a Língua de Sinais Francesa misturou-se à língua nativa americana dos sinais², criando a Língua Americana de Sinais [*American Sign Language*, ASL], cuja repercussão causada por seu ensino desencadeou não somente a fundação de outras escolas pelo país como também a criação de escolas em outros países [Sacks, 1999]. Embora reconhecessem a importância da língua de sinais para a educação de surdos, esses educadores, ainda assim, segundo Diniz [2010], mantinham o ensino do francês e do inglês, sinalizando que aqueles sinais seguiam a estrutura da língua oral, prática utilizada pelos educadores para a comunicação com os surdos.

Destacamos que há diferenças entre as línguas de sinais francesa, inglesa, portuguesa etc; e algumas formas de sinalização, como o francês, o inglês, o português sinalizado etc; além do bimodalismo. Para melhor entender as diferenças existentes entre elas, Diniz [2010, p. 48] ressalva o caso da Libras e da língua portuguesa, cuja “[...] emergência de *pidgins* é favorecida pelo convívio diário entre falantes surdos, que conhecem a Libras, e ouvintes, que desconhecem essa língua”. Neste contexto, uma das formas é o chamado “português sinalizado”, ou seja, quando a Libras é expressa utilizando-se de sinais, e a frase tende a obedecer à estrutura sintática da língua portuguesa. A outra forma, o “bimodalismo”, ocorre quando o sujeito, ao mesmo tempo em que sinaliza com as mãos a Libras, utiliza-se também do português oral, realizando um discurso em sinais e voz simultaneamente. Nenhuma dessas formas de comunicação se confunde com a Libras, pois, se isso ocorrer, perdem-se as características linguísticas próprias das línguas visuais e gestuais [Diniz, 2010].

² Não encontramos estudos que abordem especificamente como era a língua nativa dos sinais nos Estados Unidos. Contudo, nos estudos de Ferreira-Brito [1993], é possível vislumbrar pesquisas desenvolvidas por Carrick Mallery, em 1882, a apontar que a *Plains Sign Language* – PSL/Língua de Sinais das Planícies Norte-Americanas se tratava de uma espécie de pantomímica [Ramos, 2002].

Um dos marcos na educação de surdos, segundo Sacks (1999), ocorreu em 1864. Uma lei publicada em Washington autorizou a *Columbia Institution for the Deaf and the Blind* a se transformar na primeira instituição de ensino superior específica para surdos, a *Gallaudet College*, cujo primeiro reitor foi Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet. Atualmente a instituição é conhecida como *Gallaudet University* e continua, até hoje, sendo a única universidade para surdos no mundo.

De acordo com Duarte *et al.* (2013), ao mesmo tempo que a linguagem gestual nos diversos países ganhava adeptos, os avanços tecnológicos iniciados em meados de 1860 facilitavam a aprendizagem e a reabilitação da fala dos surdos. Este período, aliás, foi uma época marcada pela opressão contra as minorias étnicas, religiosas e linguísticas, e pelas revoltas “ouvintistas”³.

Ao passo que o método dos sinais era implantado em escolas de diversos países e novas instituições, segundo o modelo da primeira escola de surdos de Paris, eram criadas, também crescia a organização de surdos e associações de caráter sindical. Entretanto, no período, a defesa pelo oralismo⁴ fundia-se nas oposições de várias pessoas influentes da sociedade, a exemplo, Jean-Marc-Gaspard Itard, médico que realizava experimentos de fala articulada (Lage; Kelman, 2019), e Alexander Graham Bell, que, devido à surdez da mãe e da esposa, buscava ansiosamente por equipamentos de amplificação sonora (Duarte *et al.*, 2013). Pesquisas e projetos voltados à fala foram contributivos para que o oralismo se tornasse, após o II Congresso Internacional de Educação de Surdos de Milão, em 1880, o método de ensino adotado e difundido em todo o mundo. O intuito do congresso era discutir a educação de surdos, analisando tanto as vantagens quanto as desvantagens do internato, período da educação formal, número de alunos em sala, o modo como deveriam ser ensinados etc. Dado o número amplo de ouvintes provenientes de diferentes países, os participantes votaram a favor do oralismo, elegendo-o como método mais adequado de ensino (Silva, 2006).

³ Ouvintismo, segundo Skliar (1998, p. 15), refere-se a “[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

⁴ O oralismo consiste em uma proposta educacional cujos esforços se apoiam no uso da língua oral de forma exclusiva (Góes, 2012). Neste livro, o oralismo não será discutido por não ser objeto de investigação, contudo, maiores informações são encontradas nas obras *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista* (Goldfeld, 1997) e *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos* (Saks, 1999); também no artigo *Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar* (Vieira; Molina, 2018).

Tal medida restringiu os surdos a usarem a língua de sinais, sustentada no treinamento auditivo, na leitura labial⁵ e no desenvolvimento da fala [Meserlian; Vitaliano, 2009], o que lhes exigia a aprendizagem da língua oral. Nesse sentido, o ensino passou a ser responsabilidade de professores ouvintes e não mais de surdos. A proporção de professores, em 1850, que era em torno de 50%, caiu para 25% ao final do século, reduzindo ainda mais, em 1860, para 12%; aumentando, em contrapartida, o número de surdos que desconheciam a língua de sinais [Sacks, 1999]. Embora o oralismo imperasse por quase cem anos, nos espaços informais, os surdos ainda se utilizavam de gestos e sinais como forma de comunicação [Duarte *et al.*, 2013]. Na França, os professores surdos Berthier e Lenoir realizavam banquetes para permitir aos surdos trocarem ideias, difundir a língua de sinais, apoiarem-se mutuamente, além de comemorarem o nascimento de L'Épée [Lage; Kelman, 2019].

Ao mesmo tempo que o oralismo causava um impacto na educação de surdos, também despertava posturas contrárias a si, a refletir em pesquisas na área de língua de sinais. Assim, em 1960, a fim de investigar a Língua Americana de Sinais, William Stokoe utilizava como fundamentação teórica de sua obra *The Sign Language Structure* o método e trabalho de L'Épée, publicando, posteriormente, em 1965, *A dictionary of American Sign Language* [Carvalho, 2012]. Seus estudos foram relevantes para que mudanças ocorressem, pois, até 1960, nenhum linguista havia voltado sua atenção à língua de sinais. De acordo com Sacks [1999], naquela época, não se considerava a língua de sinais propriamente como uma língua, mas, sim, uma espécie de pantomima ou código gestual. O jovem linguista Stokoe provou que a língua de sinais apresentava o léxico e a sintaxe de uma língua genuína, posto que sua estrutura permitia a criação de inúmeras proposições. Ressaltou ainda que os sinais eram complexos símbolos abstratos, satisfazendo, assim, todos os critérios linguísticos necessários, sendo, então, o primeiro a se debruçar sobre a estrutura dessa língua para analisar todos os sinais, procurando as partes que a constituíam [Sacks, 1999].

As pesquisas produzidas à época trouxeram à tona a necessidade de se repensar o uso dos sinais, e, logo, novos métodos em substituição ao oralismo foram surgindo. Para Giroletti [2017], o método oral apresentou fracassos na formação dos surdos, permitindo abertura para a origem da

⁵ Técnica de compreensão das palavras por meio da leitura dos lábios, muito utilizada no processo de educação de surdos durante a abordagem oralista.

Comunicação Total, que é um “[...] método que defende que o indivíduo surdo tenha acesso à linguagem oral por meio da leitura labial, da amplificação [através de aparelhos], dos sinais e do alfabeto manual e que se expressem por meio da fala, dos sinais e do alfabeto” [Zanoni; Santos, 2014, p. 3-4], e que se apresenta como uma alternativa de comunicação. O método surge em 1970, em substituição ao oralismo, propondo a sinalização e a oralização ao mesmo tempo, o que não surtiu os efeitos desejados, mostrando-se impraticável e ineficaz, prejudicando a aprendizagem dos surdos [Capovilla; Temoteo, 2014]. Embora a Comunicação Total não priorizasse unicamente o uso dos sinais, estudos desenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980 em vários países demonstram que, por esse método, os surdos conseguiam se comunicar melhor, apresentando, contudo, dificuldades na expressão de sentimentos e ideias, além de problemas de autonomia na produção escrita [Lacerda, 1998]. Desse modo, “esse método se mostrou impraticável e pouco eficaz” [Capovilla; Temoteo, 2014, p. 111], uma vez que o enunciador, em certos momentos, sinaliza, em outros, oraliza, prejudicando, assim, a aprendizagem das crianças.

Aos poucos, o reconhecimento da língua de sinais como uma língua propriamente dita ocorreu. Demandou décadas de esforços e mobilizações de surdos, familiares, professores, pesquisadores, usuários e seus defensores. Assim, a partir da década de 80, os estudos linguísticos foram determinantes para que o desenvolvimento cognitivo e social dos surdos ocorresse, apresentando o bilinguismo como proposta alternativa e substitutiva da Comunicação Total [Souto, 2017]. Dessa maneira,

[...] o combinismo simultaneísta passou a ser substituído pelo bilinguismo, que propõe a imersão em uma comunidade linguística sinalizadora desde a mais tenra idade, para que a Língua de Sinais natural e nativa seja adquirida e desenvolvida como idioma materno e para que possa ser empregada como metalinguagem para o ensino-aprendizagem da língua escrita como segundo idioma, quando da alfabetização no início do ensino fundamental [Capovilla; Temoteo, 2014, p. 111].

O termo bilinguismo é normalmente definido pelo uso de duas ou mais línguas no cotidiano; no caso dos surdos, é conhecido mais precisamente como bilinguismo bimodal ou intermodal, pois envolve modalidades diferentes de língua [Silva, 2017]. Uma é a língua de sinais, que, para ser adquirida pela criança surda, deve estar inserida o mais cedo possível em uma comunidade linguística que a utiliza, para que “[...]”

possa ser empregada como metalinguagem para o ensino-aprendizagem da língua escrita como segundo idioma, quando da alfabetização no início do ensino fundamental” [Capovilla; Temoteo, 2014, p. 111]. Nesse caso, a língua de sinais é a língua de comunicação e instrução junto ao ensino de uma segunda língua na modalidade escrita, ou seja, o idioma nacional [Silva, 2017; Capovilla; Temoteo, 2014]. É possível considerar que, a partir do bilíngue, o surdo desenvolva fluência nas línguas, com a necessidade de seu uso no cotidiano, além de sua história linguística. Entretanto, não significa que venha a dominar igualmente as línguas em todas as suas modalidades, sinalizada, oral e escrita, ou ainda em todas as habilidades de compreensão oral e escrita, assim como de produção oral e escrita [Capovilla; Temoteo, 2014].

Embora tais movimentos tenham ocasionado mudanças nas diferentes esferas sociais, principalmente na educação, de acordo com Festa e Oliveira [2012], o reconhecimento da língua de sinais tardou a acontecer, a dificultar a implementação do bilinguismo em diferentes países, como ocorrido nos Estados Unidos, país em que Stokoe desenvolveu pesquisas para efetivar o uso da ASL; e na França, onde Danielle Bouvet realizou pesquisas sobre a Língua de Sinais Francesa [LSF]. Destaca-se também, as pesquisas realizadas na Suécia no início dos anos de 1980 e na Dinamarca, na mesma época.

No Brasil, os estudos desenvolvidos em torno da Libras iniciaram-se em 1980, com o empenho da linguista Lucinda Ferreira Brito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Quadros *et al.* [2020], também são relevantes as pesquisas realizadas pelos participantes do Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez desenvolvidas junto à Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística [ANPLL]. Nesse sentido, Lucinda Ferreira Brito, de acordo com os apontamentos de Quadros *et al.* [2020], desenvolveu estudos na área da linguística de Libras, que abordavam a questão gramatical da língua. Entretanto, é importante salientar que, nas “[...] décadas de 80 e 90, o estudo da Libras permanece ainda bastante marginal ao interesse da maioria dos pesquisadores brasileiros” [Quadros *et al.*, 2020, p. 5.458]. Esse contexto histórico e social é demasiadamente relevante para que compreendamos como a língua de sinais foi aos poucos se constituindo como língua de uso, com características linguísticas e estruturais específicas. Para isso, apresentamos no Quadro 1, de caráter sinótico, os principais fatos históricos que caracterizaram, até aqui, o processo de formação da língua de sinais.

Quadro 1 – Período e fatos ocorridos entre a Idade Moderna e a Contemporânea

Ano	Principais fatos e acontecimentos
1620	Primeira publicação na área da surdez, <i>Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos</i> , de Jean-Paul Bonnet, além do destaque de sua atuação na educação de surdos, por meio do uso do alfabeto manual.
1644	O britânico John Bulwer escreveu um tratado sobre a linguagem manual, a quirologia, e publicou a obra <i>Philocopus</i> , afirmando que a língua de sinais expressaria os mesmos conceitos que a língua oral.
1760	O abade L'Épée foi o primeiro educador a aplicar o ensino coletivo, de modo a incluir, numa mesma sala de aula, surdos de classes econômicas distintas. Também criou os sinais metódicos, uma mistura de sinais nativos da língua de sinais da França e sinais criados por ele para ensinar a gramática da língua oral francesa, além de outros conteúdos.
1771	L'Épée cria o primeiro Instituto Nacional de Surdos, na cidade de Paris.
1776	L'Épée publica a obra <i>Institution des Sourds-Muets par la voie des signes methodiques</i>
1779	Desloges, primeiro surdo a publicar uma obra escrita, intitulada <i>A Deaf Person's Observations About An Elementary Course Of Education For The Deaf</i> .
1784	L'Épée publica sua segunda obra, <i>La véritable manière d'instruire les sourds et muets confinée par une longue experience</i> .
1791	Após sua morte, em 1789, L'Épée recebe, da Assembleia Nacional de Paris, o título de "Benfeitor da humanidade".
1815 ou 1817	A convite de Gallaudet, Clerc segue para os EUA para fundar a primeira escola de surdos, <i>American Asylum for the Deaf</i> .
1864	Uma lei em Washington autoriza a <i>Columbia Institution for the Deaf and the Blind</i> a se transformar na primeira instituição de ensino superior específica para surdos, a <i>Gallaudet College</i> , atual <i>Gallaudet University</i> .
1880	No Congresso Internacional de Educação de Surdos de Milão, o oralismo foi aprovado como método de ensino e logo disseminado em todo o mundo.
1980	Início dos estudos linguísticos por Lucinda Ferreira Brito sobre a língua de sinais, no Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Assim, para que possamos compreender como a Libras se tornou oficialmente reconhecida e como desencadeou as abordagens educacionais no Brasil, é necessário buscarmos compreender os fatos ocorridos na última metade do século XIX, quando o país criava a primeira instituição na área da surdez. Abordagens educacionais e

normatizações orientadoras fazem parte desse contexto histórico, tão importante para o delineamento educacional, social, cultural e linguístico dos surdos brasileiros.

Capítulo 3

Contexto histórico da Língua de Sinais no Brasil

Ao realizarmos a releitura do contexto histórico em relação à língua de sinais e o ensino de surdos no Brasil, retomamos a criação do primeiro instituto para surdos no país, em 1857, o Colégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. Sua criação decorreu tanto da inexistência de outras instituições ou escolas voltadas para tal atendimento, quanto da grande influência francesa na educação de surdos, com a vinda ao país do educador surdo francês, H Ernest Huet, também conhecido por Eduard Huet. De acordo com Giroletti [2017], a presença de Huet se deve a um convite realizado pelo imperador D. Pedro II, em 1855. Para Bentes e Hayashi [2016], porém, o professor foi apresentado ao imperador por meio do influente Marquês de Abrantes, tendo em vista que chegava ao Brasil com uma carta de recomendação do ministro da Instrução Pública da França. Huet veio desenvolver, a princípio, trabalhos educacionais com duas crianças surdas nos mesmos moldes das práticas empregadas na França [Giroletti, 2017]. Se realmente foi um convite de Dom Pedro II, o interesse, de acordo com Giroletti [2017] e Santos [2017], não foi somente o de propagar o atendimento e o ensino a pessoas surdas, mas também com vistas à educação de seu neto, filho da princesa Isabel, nascido parcialmente surdo.

Após a fundação do Instituto, cuja proposta pedagógica baseava-se na datilologia, na linguagem escrita e no uso de sinais, surdos advindos de várias regiões do Brasil foram matriculados [Giroletti, 2017]. Segundo Diniz [2010], após a fundação do Instituto, em 1875, vinte anos mais tarde, foi criado o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil por Flausino José da Gama, intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* [Figura 5], o qual se tratava de uma reprodução do dicionário da língua de sinais francesa.

Figura 5 – Primeiro Dicionário de Língua de Sinais no Brasil



Fonte: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* [Gama, 1875].

O dicionário foi criado com o objetivo de facilitar a comunicação entre os professores que atuavam no instituto e seus alunos surdos. Acredita-se, de acordo com Diniz [2010], que alguns sinais do dicionário possam ter se encaixado nos sinais utilizados pela comunidade escolar. A pesquisadora ainda relata que foi pelo prefácio do dicionário, escrito por Tobias Leite, ex-diretor do Instituto, que se constataram as habilidades de Flausino José da Gama com o desenho. Tobias Leite, então, convidou Eduard Rensburg, perito em desenho litográfico, para ensinar Flausino, a fim de que o aluno do instituto pudesse reproduzir os sinais franceses presentes na obra *Iconographia dos Signaes da LSF*, modificando-os, traduzindo-os das glosas do francês para o português [Diniz, 2010].

Assim como decorreu em outros países, a partir de 1880, as escolas de surdos sofreram grandes transformações, afetando diretamente os surdos envolvidos. Era a imposição do oralismo. Além da mudança radical do uso dos sinais para a oralização em sala de aula, cita-se a substituição do termo “surdo-mudo” por “surdos” na denominação do colégio, passando a se chamar, em 1957, *Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES* [Bentes; Hayashi, 2016]. Os autores ressaltam que “o pressuposto para a retirada do termo “mudo” é de que os surdos poderiam adquirir a modalidade oral da língua – e de que não existiam registros escritos que mostrassem alguma preocupação com essa categoria” [Bentes; Hayashi, 2016, p. 855]. É evidente que tais mudanças demoram certo tempo para ocorrer, mas foram suficientes para ocasionar transformações bruscas tanto na forma de atendimento e de educação de surdos, quanto na proibição, durante a

escolarização, do uso dos sinais que, até então, eram empregados pelos professores do INES.

O atendimento no Instituto se estendia para surdos de várias regiões do Brasil. A princípio, Huet utilizava os sinais nativos em consonância com os sinais franceses para ensinar a escrita da língua portuguesa, tendo como base o alfabeto datilológico e alguns sinais do francês, além do ensino de conteúdos escolares (Bentes; Hayashi, 2016). A partir da década de 80, com práticas de treinamento da fala, os surdos passaram a usar a língua de sinais de forma camuflada, escondida, utilizando-a nos diversos espaços do Instituto, como dormitórios, oficinas e pátios (Duarte *et al.*, 2013; Giroletti, 2017); “[...] na verdade nunca deixou de ser usada, mas eram impedidos de estudar e fazer uso dela academicamente” (Giroletti, 2017, p. 37). Mesmo com a imposição do oralismo, o missionário americano e membro da Congregação Redentorista, o padre ouvinte Eugenio Oates, que, em 1946, veio ao Brasil a serviço da caridade, após conhecer comunidades surdas no país, criou, em 1969, o segundo dicionário de língua de sinais, intitulado *Linguagem das mãos* (Diniz, 2010) (Figura 6).

Figura 6 – Segundo Dicionário de Libras no Brasil



Fonte: Oates [1990].

Segundo Diniz [2010], Oates viajava pelo Brasil pesquisando o que chamava de “mímicas” e “gestos”. A criação do dicionário foi, ademais, um trabalho que contou com a ajuda de professores que tinham conhecimento da língua de sinais e de surdos, membros de associações. O objetivo de sua criação foi ajudar os surdos a se ambientar tanto na educação quanto na sociedade e na religião (Diniz, 2010). Essa publicação, assim como as

demais edições que se sucederam, foram importantes para auxiliar os surdos que estavam ainda em processo de formação linguística e que, em razão da oralização e da proibição do uso de sinais, não tinham outro meio de aprender os sinais.

O oralismo perdurou em países como o Brasil até meados da década de 1970. Nesse período, eram constantes as pesquisas linguísticas na área da surdez, as quais comprovavam a complexidade, singularidade, função estética e expressividade das línguas de sinais, a ponto de serem comparadas às línguas orais nesses aspectos (Duarte *et al.*, 2013). Surgindo nos EUA, logo a Comunicação Total tornou-se a nova filosofia adotada na educação de surdos, não tardando a chegar no Brasil em decorrência da visita da educadora de surdos Ivete Vasconcelos, que, à época, atuava na Universidade Gallaudet (Goldfeld, 2002; Cruz; Araujo, 2016). Surge assim a filosofia de que “[...] a visão do sujeito surdo deixa de ser focada na diferença patológica para dar lugar à diferença linguística” (Cruz; Araujo, 2016, p. 378), logo, o bilinguismo substituiu, na década de 80, a Comunicação Total.

A partir do oralismo, muitos movimentos foram sendo criados fora e no Brasil; como exemplo, as associações de surdos, cujo foco era restabelecer o uso da língua de sinais e fortalecer a luta da comunidade surda. A primeira instituição criada foi a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), em 1977. A princípio, a entidade contou apenas com a participação de ouvintes; dez anos depois, tornava-se a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) (Luchese, 2017). Entre as ações desenvolvidas, citam-se o desenvolvimento e a valorização dos surdos e de sua autonomia. Tais movimentos ofertavam principalmente programas voltados à saúde e à educação, contando com a atuação de pesquisadores e professores tanto surdos quanto ouvintes na área da surdez, conforme discute Luchese (2017).

Muitos documentos legais foram norteadores para que os surdos pudessem estar inseridos nas escolas inclusivas, sendo dois deles de caráter internacional: i) a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, aprovada na Conferência Mundial de Jomtien, em 1990, a preconizar a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem a todos os cidadãos, inclusive aqueles com deficiências, declarando a necessidade de universalização ao acesso à educação e promoção da equidade (Unesco, 1990); ii) a Declaração de Salamanca, aprovada em 1994, na Conferência

Mundial sobre Educação Especial na Espanha, cujos princípios reforçam a necessidade de políticas e sistemas educacionais frente ao movimento de inclusão [UNESCO, 1994]. Após as conferências, em 1994, o Brasil publica a Política Nacional de Educação Especial. O documento aborda brevemente a surdez e pontua dois objetivos específicos na área: o “aprimoramento do ensino da língua portuguesa para surdos nas formas oral e escrita, por meio de metodologia própria. Incentivo à utilização da língua brasileira de sinais [LIBRAS], no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos” [Brasil, 1994, p. 52 [sic]]. Observamos que ainda não se tem clara a metodologia a se empregar, pois cita-se o incentivo a Libras, preconizando-se, porém, ao mesmo tempo, o aprimoramento do ensino do português oral e escrito. Logo depois, em 1996, ocorreu a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que deu origem à 24ª Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO] em Barcelona. O evento fora importante para os surdos, pois, a partir dele, a comunidade surda decidiria a língua de uso, bem como o seu grau de presença, veiculação e estudo nos diferentes níveis de ensino [Luchese, 2017].

Esses movimentos e documentos induziram os países à aprovação de reformas políticas e normativas que atendessem à inclusão de todas as pessoas na escolarização, levando o Brasil, em 1996, a aprovar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [LDBEN – n.º 9394]. No documento, reverbera-se a questão da igualdade de condições de acesso, a gratuidade do ensino público, a obrigatoriedade do ensino dos 4 aos 17 anos de idade, sendo que, entre as formas de atendimento, cita-se o Atendimento Educacional Especializado [AEE] para alunos com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento [TGDs] e Altas Habilidades ou Superdotação [AH/SD], em todos os níveis, etapas e modalidades, de forma preferencial na rede regular de ensino. Contudo, salienta a modalidade de Educação Especial em classes ou escolas especiais em casos em que as condições específicas dos alunos os impedem de serem incluídos nas classes comuns do ensino regular [Brasil, 1996].

As mudanças na escolarização exigiram formas diferenciadas de atender aos alunos; logo, a luta pela aprovação e o uso da língua de sinais como forma de comunicação da comunidade surda, em consonância à implementação do bilinguismo em diversos países, foram aos poucos se fortalecendo e contribuindo para que, em 2002, a Libras [Lei nº 10.436]

fosse oficialmente aprovada como forma de expressão e comunicação da comunidade surda, um marco na educação de surdos e de todos aqueles que defenderam a Libras nos diversos espaços sociais [Brasil, 2002]. Com o reconhecimento legal, os sujeitos envolvidos tiveram maior visibilidade social e educacional, a ampliar consideravelmente os debates na área e permitir maior acesso aos surdos. Após a lei, o Decreto n.º 5.626/2005 a regulamentou, a pontuar, no Art. 3º,

a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios [Brasil, 2005].

O documento salienta a necessidade de professores especializados e Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) na Educação Básica, o que levou, em 2006, à criação do primeiro curso de graduação em Letras/Libras, na modalidade a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como visava formar surdos e ouvintes para o ensino da Libras, o fato de ser um curso a distância permitiu democratizar o processo de formação e atender pessoas interessadas de diferentes regiões do país, sendo ofertado em nove polos pelo Brasil: Universidade Federal da Bahia, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Ceará, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Federal Tecnológico do Estado de Goiás e Instituto Nacional de Educação [Quadros; Stumpf, 2009].

Em 2009, a Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência aborda a necessidade de facilitar a aprendizagem da Libras, assim como a importância de se promover a identidade linguística dos surdos. Também destaca ser necessária a garantia da escolarização dos sujeitos envolvidos, a citar, inclusive, as crianças surdascegas, cuja língua de instrução, modos e meios de comunicação estejam adequados a elas primando por sua identidade linguística e cultural e favorecendo seu desenvolvimento acadêmico e social [Brasil, 2009].

Para complementar a conquista, em 2010 aprovou-se a Lei n.º 12.319, que regulamentou o exercício da profissão de TILS, além de relatar suas competências e as formas de formação profissional

[Brasil, 2010]. O processo de ensino e a constituição linguística dos surdos ainda se apresenta em processo de construção; por isso, a pedido do Ministério da Educação (MEC), foi desenvolvido o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue, elaborado a partir das Portarias n.º 1.060/2013 e n.º 91/2013, junto à Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) [Brasil, 2014], em que se reconhecem as proposições a respeito do bilinguismo e a Libras como língua nacional usada pela comunidade surda.

O documento foi importante para que, no processo educacional, a necessidade de práticas que atendam à diferença linguística dos surdos fosse compreendida, como aborda Araújo e Lacerda [2010],

esta abordagem é um modelo educacional de aspecto socioantropológico e sugere que a criança deve ser exposta o mais precocemente possível a uma língua de sinais, identificada como sua língua natural (nascida na comunidade surda), passível de ser adquirida sem condições especiais de aprendizagem. Preconiza, ainda, que também seja ensinada ao surdo a língua da comunidade ouvinte na qual se encontra inserido, na modalidade oral e/ou escrita, sendo que esta será ensinada com base nos conhecimentos adquiridos por meio da língua de sinais. Assim, este modelo tem como prerrogativa o direito do surdo de utilizar duas línguas: no caso, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) na dimensão de primeira língua, e o português, como segunda língua [Araújo; Lacerda, 2010, p. 696-697].

O documento ressalta a obrigatoriedade no ensino de Libras em todas as licenciaturas, além do curso de fonoaudiologia. Evidencia, além disso, as responsabilidades dos órgãos públicos para a garantia de acesso às informações por meio da Libras pelos alunos surdos e a criação de cursos sobre formação aos docentes de Libras e de português como segunda língua, além de TILS [Brasil, 2014]. Dessa forma,

as Escolas Bilíngues de Surdos são específicas e diferenciadas e como critério de seleção e enturmação dos estudantes, não a deficiência, mas a especificidade linguístico-cultural reconhecida e valorizada pela Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência, em vista da promoção **da identidade linguística da comunidade surda**, bem como do favorecimento do seu desenvolvimento social [Brasil, 2014, p. 6 [grifo do autor]].

Em 2015, a Lei nº 13.146 instituiu a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, assegurando, no inciso IV do artigo 28, a abordagem bilíngue em escolas e classes e nas escolas inclusivas. O documento pontua a Libras como primeira língua das pessoas surdas e, como segunda, a língua portuguesa na modalidade escrita. Ademais, ressalta a necessidade de formação e disponibilização de professores, TILS, guias intérpretes e profissionais de apoio (Brasil, 2015). As alternâncias no processo de ensino demonstraram que a constituição linguística dos surdos ainda se apresenta em processo de construção de sua significação, e as abordagens até então empregadas não apontaram bons resultados (Góes, 2012; Santos, 2012; Nunes *et al.*, 2015). Na atualidade, a abordagem bilíngue apresenta-se a mais aplicável nas escolas de surdos, locais em que profissionais utilizam a língua de sinais com frequência, até porque, nas escolas inclusivas, a oferta nem sempre tem atendido às expectativas dos surdos ou preconizado o que exige a lei (Dorziat; Araújo, 2012; Silva; Fernandes, 2018; Lodi, 2013). Do mesmo modo, na oferta do Atendimento Educacional Especializado aos surdos, em escolas regulares, conforme determina a Nota Técnica – SEESP/GAB/Nº 9 (Galvão; Miranda, 2013; Barbosa; Vitorino; Dias, 2016; Silva; Chagas, 2018), de modo que muitas inquietações ainda refletem as lacunas existentes tanto na efetivação da abordagem bilíngue, quanto nas normatizações que tratam do assunto.

Embora a língua tenha permitido aos surdos o acesso à educação e às informações de âmbito geral, e os documentos norteadores estimulado a inclusão dos surdos em escolas regulares, observamos que as implicações que afetam o aprendizado de crianças surdas envolvem vários aspectos, não somente os educacionais, mas principalmente os que atentam à diferença linguística. Entre eles, há a falta de compartilhamento da língua de sinais no ambiente familiar, que se apresenta como um dos primeiros desafios na formação linguística do surdo, pois “[...] a família exerce um papel determinante para o estabelecimento da língua de sinais como língua funcionante no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida” (Alves; Frassetto, 2015, p. 215). Segundo Silva, Pereira e Zanolli (2007, p. 279-280),

a criança surda que nasce em um meio ouvinte enfrenta, desde o nascimento, uma rede de construções identificatórias, prefiguradas pelas expectativas de seus pais, os quais, é natural, desejam que ela também seja ouvinte. Dessa

forma, o processo de socialização da criança surda com pais ouvintes é, muitas vezes, conflitante desde o início.

O conflito que a princípio é interno no primeiro círculo de pessoas da família toma proporções mais latentes ao se tornar externo, ao se inserir na sociedade a criança, que passa a vivenciar situações em que a língua portuguesa se mantém em *status* de superioridade em relação à língua social e histórica da criança, a língua de sinais. A falta de conhecimento a respeito dessa língua pelas pessoas ouvintes tende a interferir negativamente no processo de apropriação linguística da criança, que, sem condições, na maioria das vezes, de se apropriar da língua oral, faz com que a língua de sinais se torne a única forma de acesso à comunicação e à escolarização.

Embora tenham ocorrido avanços dos estudos na área da surdez, os surdos ainda anseiam pela educação bilíngue como abordagem metodológica que atenda à diferença linguística e lhes permita se apropriar não somente do código escrito do português como também dos discursos que a sua língua histórica permite. É nesses discursos que as ideologias e os valores empregados por seus pares, no decurso histórico da sociedade, são assimilados e tornam-se parte dos seus próprios discursos, a considerar o contexto, a situação e a posição assumida por cada interlocutor nos processos sociais de interação discursiva [Volóchinov, 2019]. É evidente que a limitação auditiva é um dos fatores que afetam a apropriação, entretanto a questão central encontra-se na defasagem em relação aos aspectos ideológicos e valorativos que decorrem do uso da linguagem. Sem domínio da primeira língua, apropriar-se dos enunciados de modo a compreendê-los a partir de uma segunda língua, que tão pouco foi apropriada, torna-se um desafio difícil de ser resolvido pelos surdos, impossibilitando-lhes o acesso à pluralidade de contextos linguísticos, sociais e culturais. Esses contextos são experienciados no cotidiano de forma natural pelos ouvintes, porém, para os surdos, por serem de modo oral, implicam desconforto.

No Quadro 2, apresentamos uma retrospectiva dos principais acontecimentos ocorridos no Brasil, a partir da vinda do professor surdo Hernest Huet, na década de 1855.

Quadro 2 – Períodos e fatos ocorridos na educação de surdos no Brasil

Datas	Acontecimentos
1855	Vinda do professor surdo francês H Ernest Huet ao Brasil, a convite do imperador D. Pedro II.
1857	Criação do primeiro instituto para surdos no Brasil, o Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos.
1875	Criação do primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil, intitulado <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i> , por Flausino José da Gama.
1957	O Colégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos se torna Instituto Nacional de Educação de Surdos.
1969	Eugênio Oates, missionário americano que chegou ao Brasil em 1946, cria o segundo dicionário de língua de sinais, intitulado <i>Linguagem das Mãos</i> .
1970	A partir da década de 70, o oralismo deixa de ser uma abordagem educacional no Brasil e a Comunicação Total torna-se a nova filosofia utilizada.
1977	Criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos.
1980	Início dos estudos sobre a língua de sinais no Brasil, além da implementação do bilinguismo como substitutivo à Comunicação Total.
1990	Aprovação da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, aprovada na Conferência Mundial de Jomtien.
1994	Aprovação da Declaração de Salamanca na Conferência Mundial sobre Educação Especial na Espanha.
1996	Ocorre a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, originando a 24ª Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, promovida pela UNESCO, em Barcelona. Também foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394, no Brasil.
2002	Oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Lei nº. 10.436).
2005	Aprovação do Decreto 5.626, que regulamenta a Lei nº. 10.436, de 2002, e dá outras providências em relação à Libras.
2006	Implantação do primeiro Curso de Graduação em Letras/Libras no Brasil pela Universidade Federal de Santa Catarina.
2010	Regulamentação da profissão do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (Lei nº. 12.319).
2014	Elaboração do Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue, elaborado a partir das Portarias nº. 1.060/2013 e nº. 91/2013, do Ministério da Educação da secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão.
2015	Aprovada a Lei nº. 13.146, que instituiu a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência, o Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

A língua oral tem suas peculiaridades e uma infinidade de conceitos, expressões e regras, que nem sempre são compreendidas e interpretadas de forma coerente pelos surdos, pois carecem do canal auditivo como mediador para sua efetivação. Do mesmo modo, a Libras possui uma estrutura específica que permite aos surdos a expressão de suas ideias por meio do corpo, da expressão facial etc., bem como absorver do mundo informações, conhecimentos e aspectos visuais que nem sempre o campo auditivo consegue suprir, aspectos pontuados em diferentes pesquisas, como em Anjos-Coimbra [2018], Albres *et al.* [2018], Simões [2006], Silva Junior e Stumpf [2020], além de outras que ressaltam o quanto a língua de sinais é essencial ao surdo na construção de suas significações e da sua subjetividade, como as realizadas por Oliveira e Campello [2019], Pereira [2014] e Silva [2009].

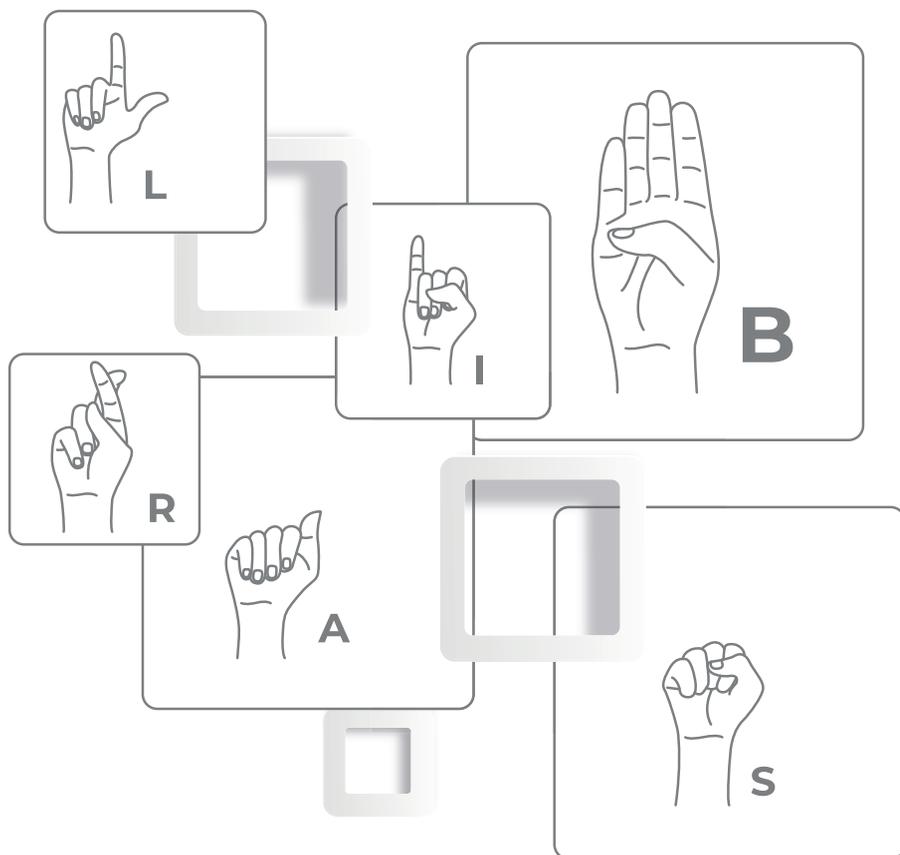
As línguas orais abrangem provérbios, figuras de linguagem, flexões verbais, ironias etc., que são aspectos difíceis de serem compreendidos pelos surdos, sendo necessário, durante uma interpretação específica, demonstrar que não há interpretação literal do conteúdo. Essas diferenças linguísticas e semânticas incidem tanto sobre a apropriação do sistema linguístico, que, para o Dialogismo, apresentam-se nos diferentes enunciados concretos, dependendo do contexto social e histórico no qual os sujeitos e a língua estão inseridos, quanto sobre as significações que são atribuídas a eles. Por isso necessitamos compreender as línguas de sinais não apenas em sua estrutura, que envolve as mãos, o rosto e o corpo, mas também em contextos de uso, pois é onde ocorre a produção de sentidos.

Para que toda compreensão seja possível, faz-se necessário analisar o espaço de sinalização em sua especificidade, importante tanto para quem sinaliza, pois precisa reconhecê-lo como atributo complementar aos signos gestuais que irá realizar, quanto para os interlocutores, cuja atenção se concentra a partir dele. Consideremos, no entanto, como primordial a Libras em uso, pois é somente assim que observamos as significações e a riqueza que possui na produção de sentidos. No próximo capítulo, buscando explicá-los e exemplificá-los, aprofundaremos nossos estudos em torno dos elementos linguísticos que a compõem, pois assim como as línguas orais, as línguas de sinais também possuem uma gramática específica constituída de itens lexicais e de um léxico que lhes permitem se estruturar a partir de princípios básicos regidos pelos níveis morfológicos, sintáticos e semânticos.

Ressaltamos que nesse capítulo nos debruçaremos em torno de outras linhas teóricas, divergentes ao Dialogismo e à Teoria Histórico-Cultural, pois os conhecimentos que aqui serão compartilhados, se reservam à análise da Libras como um sistema simbólico constituído por uma estrutura peculiar e regras próprias.

PARTE 2

Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras



Capítulo 4

Parâmetros primários e secundários da Libras

Assim como as línguas orais e algumas línguas gestuais [ASL, LSF, Língua Gestual Portuguesa – LGP, entre outras], a Libras também é oficialmente reconhecida como língua, forma de comunicação e expressão da comunidade surda, sendo considerada, segundo a Lei nº 10.436/2002, como “[...] sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002). Como as demais línguas de sinais, Libras carrega uma influência marcante da LSF por esta ter sido uma das primeiras línguas registradas no mundo. Outrossim, foi na França, em 1817, que também ocorreu a primeira tentativa de registros dos sinais com Roche Ambroise Bébien. Os sinais metódicos de L’Epée se difundiram por vários países, inclusive no Brasil com Huet (Marques; Cantarelli, 2020).

Observamos ainda a concepção de que as línguas de sinais são apenas gestos, mímicas ou pantomima e de não conseguirem expressar de forma plena fatos, ideias e expressões abstratas (Chaveiro, 2009; Stelle; Strieichen, 2013; Silveira, 2012). Esse modo de pensar foi sendo reproduzido historicamente, uma vez que, até Stokoe, era assim que se consideravam os signos gestuais (Capovilla; Martins; Oliveira, 2018). Segundo Capovilla, Martins e Oliveira (2018, p. 153), “sua forma era sempre descrita como motivada pelo seu significado. Ou seja, pelas características físicas do referente representado, de seu comportamento ou do comportamento humano em reação a ele”, contudo as línguas de sinais atualmente são regidas por regras e signos gestuais que possuem unidades de informações convencionadas pela comunidade surda. Ao contrário, o gesto consiste em um movimento espontâneo, podendo ser voluntário ou involuntário, utilizado para dar ênfase ao discurso; a pantomima, no caso, corresponde a uma modalidade cênica muito utilizada por comediantes, atores e palhaços

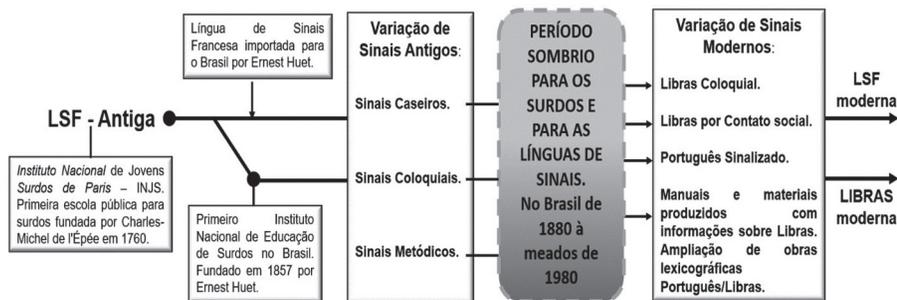
entre outros; e a mímica é a arte de se fazer entender sem o uso da fala [Ferreira *et al.*, 2011].

É por meio da língua de sinais que os surdos conseguem expressar ideias simples e complexas, concretas e abstratas; fatos; acontecimentos e enunciados reais, garantindo àqueles que compartilham da língua a compreensão de diferentes discursos. Sendo assim, embora as línguas de sinais tenham muitas similaridades com as línguas orais, como flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural [Quadros; Pizzio; Rezende, 2009], há também muitas diferenças, inclusive entre as próprias línguas de sinais, a destacar que cada país possui sua própria língua com uma estrutura gramatical específica. A primeira estrutura baseada nos parâmetros foi publicada por Bébian em 1825, na obra *Mimographie*, acerca da LSF. Nela, o abade cita o movimento, a configuração de mão, a orientação da palma, a localização, a expressão facial, além dos níveis de cada parâmetro, ressaltando que as descobertas datam de 140 anos antes dos primeiros estudos de Stokoe [1965] [Bébian, 1825; Oviedo, 2009; Martins, 2017 *apud* Marques; Cantarelli, 2020]. Contudo, de acordo com Capovilla, Martins e Oliveira [2018, p. 153], “a partir de Stokoe, os sinais passaram a ser concebidos como tendo uma natureza linguística. Sua forma passou a ser descrita em seu próprio direito, como resultante da combinação entre unidades sublexicais arbitrárias, sem qualquer referência ao seu significado”, sendo, então, o primeiro a considerar que os sinais dessas línguas têm natureza linguística.

A Libras se diferencia da língua oral por sua modalidade visual-gestual. Assim, sendo duas línguas de modalidades distintas, torna-se difícil concatenar ideias e até pensar ao mesmo tempo. Por essa razão é que a Comunicação Total, enquanto abordagem bimodal, apresentou-se inviável no ensino do surdo [Ferreira, 2010]. Do mesmo modo, embora a oralização tenha contribuído de alguma forma, seja na apropriação da oralidade ou na compreensão do código escrito, para os surdos com surdez leve; no caso dos surdos com surdez profunda e severa, não obteve o sucesso que se esperava. A questão central, de acordo com Ferreira [2010], encontra-se na estrutura conceitual subjacente, pertencente a cada uma das línguas [oral e de sinais], que são constituídas por visões de mundo e veículos de pensamento distintos. Além dessa diferença e por apresentar uma estrutura própria, suas constituições cultural e linguística decorrem

tanto de contextos históricos e sociais diversos, quanto das variações que foram determinantes para a sua formalização atual, como representado pela Figura 7.

Figura 7 – Desenvolvimento e variações da Libras ao longo do tempo



Fonte: Martins [2020].

As mudanças, no decurso histórico da língua de sinais, contribuem não só para a formalização da Libras enquanto língua, como também para a constituição da cultura e da identidade dos surdos brasileiros, o que denota a importância de referenciar a singularidade da Libras na formação dos surdos como sujeitos sociais, usuários dessa modalidade de comunicação. A diferença básica entre as línguas de sinais e as orais não se encontra apenas na modalidade, mas em algumas características da organização fonológica, pois, enquanto a linearidade é marca das línguas orais, a simultaneidade é característica das línguas de sinais [Ferreira, 2010].

Ademais, Martins [2013] ressalta que, na constituição do signo linguístico, a distinção encontra-se no modo de composição, mais precisamente nas línguas orais, nas quais a imagem acústica está ligada ao conceito [sensível, material, marca psíquica do som]. Nas línguas de sinais, por outro lado, o conceito se liga a uma imagem visual [sensível, sensorial, material, marca psíquica visual], havendo também diferença no que tange às particularidades dessa composição. Desde os primeiros estudos de Stokoe [1960] sobre as línguas de sinais, evidenciou-se que essas línguas possuem critérios linguísticos que as legitimam enquanto língua, seja na sintaxe, no léxico, seja nas inúmeras sentenças geradas durante um discurso. Essas particularidades serão apresentadas aqui, a iniciar pelo espaço de sinalização, elemento importante a ser destacado antes mesmo de abordar a questão gramatical da língua.

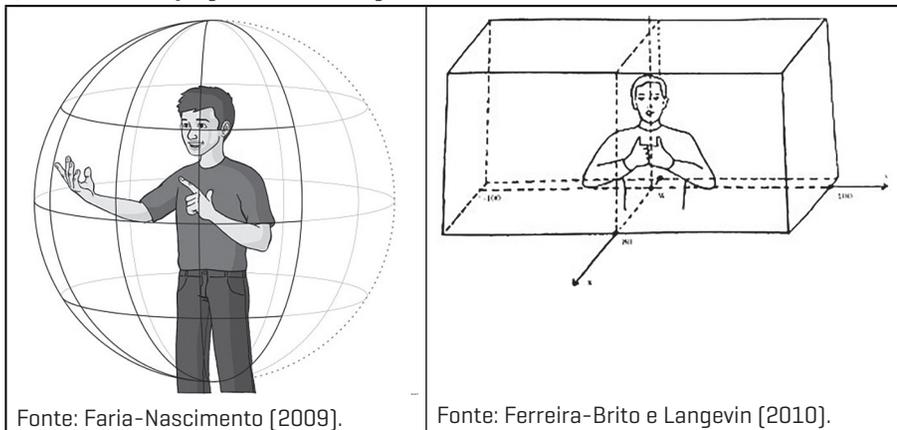
ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

Antes de qualquer descrição sobre a constituição da Libras, é importante ressaltar que a sinalização dos signos gestuais necessariamente precisa ocorrer dentro de um espaço de articulação, conhecido como “espaço de sinalização” (Faria-Nascimento, 2009). Esse espaço é representado pela autora por um globo (Quadro 3), cujo enunciador encontra-se dentro dele, como parte do eixo y de um plano cartesiano¹, ou seja, o “[...] eixo das abscissas $[x]$ passa pelo rosto na altura dos olhos e o eixo das ordenadas $[y]$ divide vertical e simetricamente o corpo em dois lados” (Faria-Nascimento, 2009, p. 157). A autora ressalta sua contestação em relação aos estudos clássicos, que apontam esse espaço a partir de um caixote à frente do corpo, que não pode, no entanto, ser comparado a um caixote por não possuir quinas. Já para Ferreira-Brito e Langevin (2010, p. 215), o Espaço de Realização dos Sinais ou *setting* está contido em um paralelepípedo (Quadro 3), definido por três eixos que se apresentam a partir de “[...] três graus de liberdade de um movimento no espaço: à frente-atrás, à esquerda-à direita e para cima-para baixo. [...]”. Pode-se delimitar dentro deste espaço um número finito e razoavelmente limitado de pontos, que são denominados pontos de articulação”. Na proposta de Faria-Nascimento (2009), a distância alcançada pelos braços abertos tanto para a frente quanto para as laterais, assim como para trás, denota a abrangência que as mãos podem alcançar.

É possível também observarmos, no espaço, os sombreados e as linhas pontilhadas, que, no Quadro 3, estão a representar a parte de trás do globo. Para Faria-Nascimento (2009), embora articulações de signos gestuais acima da cabeça sejam possíveis, na grande maioria, elas ocorrem próximas ao rosto e ao tronco, até onde a mão possa alcançar. Destaca também que, em razão de a Libras ser uma língua percebida visualmente, quanto mais próximo dos eixos, maior a probabilidade de signos gestuais construídos, sem desconsiderar, é claro, os processos distintos de construção desses itens. O espaço de sinalização é o primeiro ponto de destaque quando se propõe avançar nos estudos linguísticos das línguas de sinais.

¹ Plano cartesiano ou sistema de coordenadas foi criado pelo francês René Descartes (1596-1650), consiste em dois eixos perpendiculares. Esse recurso foi desenvolvido para localizar pontos num determinado espaço (Faria-Nascimento, 2009).

Quadro 3 – Espaço de sinalização da Libras



Fonte: Faria-Nascimento (2009).

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (2010).

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A apresentação de ambos os espaços de sinalização, neste estudo, constitui-se fundamental, a princípio, para conhecimento do leitor sobre a existência e sua importância no processo de sinalização. Contudo, damos ênfase ao espaço, pois, durante um discurso, não são apenas as palavras utilizadas pelo enunciador que dão sentido ao enunciado. Para ser compreendido, o discurso exige também percepção acerca da dimensão extraverbal, que, em suma, se constitui pelo auditório, que são os participantes do discurso; a situação social, que se caracteriza por uma das formas de interação social; e o cronotopo, que, por sua vez, envolve o horizonte espacial, temporal, temático e axiológico (Rodrigues, 2001). Desse modo, o espaço de sinalização encontra-se subentendido entre esses elementos, pois o sinalizador se utiliza do corpo para enunciar, permitindo, assim, aos interlocutores obter percepções a respeito dos conhecimentos linguísticos do enunciador, sua posição social e econômica, possível formação profissional, aspectos culturais, emocionais, sociais, históricos, valorativos que fazem parte da formação do enunciador e dos seus enunciados.

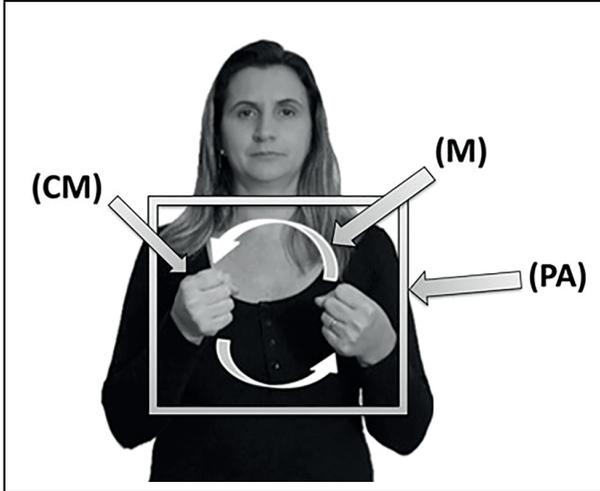
Não obstante, conhecer a língua, ter domínio do vocabulário, das regras gramaticais, assim como saber aplicar esse vocabulário nos enunciados é determinante para que não ocorram equívocos de compreensão, especificamente na Libras, pois qualquer alteração nos parâmetros, principalmente no M, altera o significado pretendido pelo locutor. Por isso, a proposta aqui é pontuar áreas importantes da linguística

que abrangem, em suma, o estudo da língua: a fonologia, a morfologia e a sintaxe, que se constituem em duas áreas relevantes. A primeira é a morfofonologia, que tanto trata dos pares mínimos na constituição das palavras, quanto abrange a estrutura e a formação dessas palavras, em questão de classe gramatical. A segunda área é a morfossintaxe, ou seja, esfera que se refere à relação entre as palavras, em questão de concordância verbal e nominal, tipos de sentenças e uso de pronomes e verbos. Um detalhe importante, destacado por Capovilla, Martins e Oliveira [2018, p. 152-153], refere-se ao fato de que “ao longo dos séculos, a documentação lexicográfica dos sinais em dicionários de línguas de sinais vem sendo feita conforme diferentes estratégias”, refletindo, assim, no modo como os signos gestuais são concebidos em determinadas épocas. Assim, quanto mais pesquisas são realizadas a respeito da Libras, mais avanços e mudanças significativas sobre os sistemas de constituição dos signos gestuais são observados, acrescentando conhecimentos técnicos e científicos à área e também os favorecendo.

ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DA LIBRAS

Nas línguas orais, a fonologia é a parte da gramática que estuda o sistema sonoro de uma língua, constituído de unidades mínimas com a capacidade de distinguir significados sonoros. A morfologia estuda a estrutura e a formação das palavras nas línguas orais, logo, os morfemas são as unidades mínimas que constituem as palavras em seus significados, isto é, “[...] a menor parte composta de som e significado, mas não é autônomo como a palavra” [Ferreira, 2014, p. 319]. Nos estudos em torno das línguas de sinais, observa-se o uso dos parâmetros quirológicos – comunicação por sinais feita com os dedos – enquanto unidades mínimas das línguas de sinais, responsáveis pela constituição dos signos gestuais, que, nas línguas orais, seriam comparados aos fonemas [Martins, 2020]. No nível fonológico, os sinais são as Configurações de Mãos [CMs], o Ponto de Articulação [PA] ou Locação [L] e os Movimentos [Ms] [Imagem 1].

Imagem 1 – Parâmetros primários da Língua Brasileira de Sinais



Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

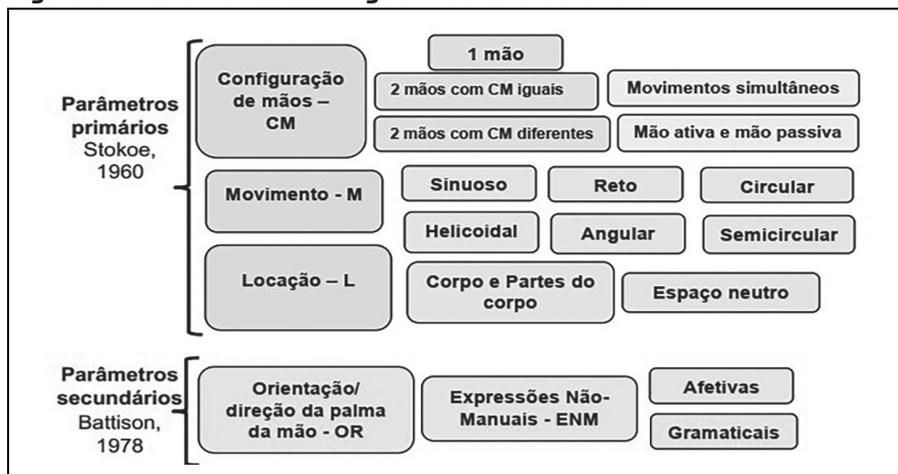
Além desses parâmetros principais, Martins [2020] relata que, a partir dos estudos de Stokoe, Edward Klima e Ursula Bellugi, ao final do ano de 1970, realizaram-se estudos mais avançados, a pontuar a existência de mais dois parâmetros, Orientação da Palma da Mão [OR] e as Expressões Não Manuais [ENM], afetivas e gramaticais. No caso da OR, trata-se da direção da palma da mão durante a realização do signo gestual [Ferreira, 2010]; as ENM correspondem às expressões facial e corporal, necessárias para que os interlocutores compreendam o enunciado proposto. Assim,

[...] os sinais constituem signos gestuais que mantêm, com seu significado, uma relação arbitrária e convencional; que os sinais se combinam segundo regras arbitrárias de sintaxe; e que os sinais são compostos de unidades sublexicais arbitrárias que se combinam segundo regras arbitrárias no nível da morfologia [Capovilla; Martins; Oliveira, 2018, p. 153].

Estudos posteriores a 1978 passaram a utilizar o termo “fonema” e “fonologia”, ampliando seus significados, para atender à realização linguística visual-espacial, tendo em vista que essas línguas compartilham de princípios linguísticos subjacentes às línguas orais, embora apresentem diferenças de superfície entre o sinal/visual e as palavras/oral [Silva; Teles; Costa, 2019]. A combinação desses cinco parâmetros é considerada a base necessária para a estruturação e para a organização de um signo gestual

nas línguas de sinais [Martins, 2020, p. 74], cada um deles é aqui destacado a partir da organização proposta na Figura 8.

Figura 8 – Parâmetros da Língua Brasileira de Sinais



Fonte: Martins [2020].

A partir desses parâmetros, é possível compreender que a construção dos signos gestuais é realizada de forma criteriosa, pautada, a princípio, nesses requisitos básicos e fundamentados pela Linguística. Para cada parâmetro a ser explicado na sequência, dispomos de exemplos de signos gestuais e suas descrições.

Parâmetro primário na Libras: Configuração de Mãos (CMs)

Na Libras, as mãos são responsáveis pela articulação dos signos gestuais, por isso, as CMs [Quadro 4] são constituídas pela disposição dos dedos, palma e dorso da mão [Ferreira *et al.*, 2011]. De acordo com Martins [2020], em relação ao nível fonológico, até o momento, observa-se o registro de alguns grupos de CMs, entre eles citamos o primeiro, criado por Ferreira-Brito [1995], com 46 CMs distintas. A partir do primeiro, outras CMs foram sendo agregadas, como na ampliação realizada por Pimenta e Quadros [2010], cujas CMs passaram para 61. Salientamos que, à medida que o léxico da Libras se amplia, o número de variações de CMs também vai se expandindo.

Quadro 4 – Configurações de Mãos

46 CONFIGURAÇÕES DE MÃOS						61 CONFIGURAÇÕES DE MÃOS					

Fonte: Ferreira-Brito [2010].

Fonte: LSBVIDEO [http://www.lsbvideo.com.br/].

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

De acordo com Martins [2013], em 2005 Felipe e Lira, em parceria com o INES, coordenavam e elaboravam um dicionário digital com 64 CMs. Em 2008, esse material foi revisado, resultando em 73 CMs (Figura 9), contendo um registro de 5.812 vocábulos, todos realizados em Libras [Martins, 2013].

Figura 9 – 73 Configurações de Mãos



Fonte: Martins [2013].

A partir dessas sistematizações propostas e dos estudos realizados, Faria-Nascimento [2009] optou por inventariar 75 CMs, distribuídas em dez grupos, reunidos pelo critério de semelhanças [Quadro 5]. Esse inventário passou pelo crivo de estudantes surdos da Universidade de Brasília (UnB) para reflexão sobre a proposta de ordenação que fosse ideal e harmônica, cujo propósito era o de ser aceita e, até mesmo, aperfeiçoada pela comunidade surda [Faria-Nascimento, 2009]. Posteriormente, em 2015, Barreto e Barreto, apoiados no Sistema Alfabético Internacional da Escrita dos Sinais (ISWA), inventariaram 111 CMs na Libras [Martins, 2020].

Quadro 5 - Inventário das 75 CMs sugeridas por Faria-Nascimento

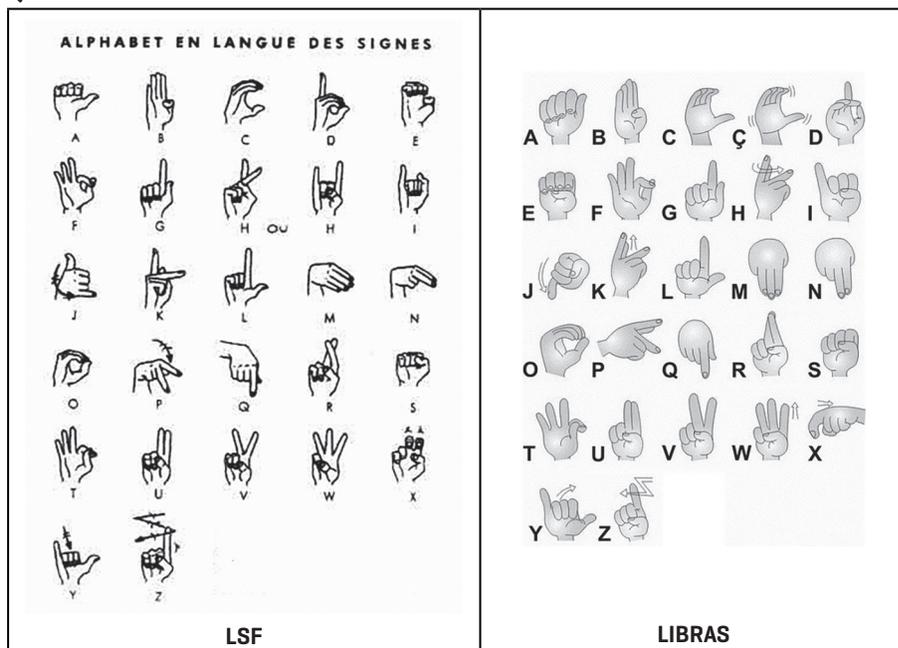
<p>GRUPO 1</p>	<p>GRUPO 2</p>
<p>GRUPO 3</p>	<p>GRUPO 4</p>
<p>GRUPO 5</p>	<p>GRUPO 6</p>
<p>GRUPO 7</p>	<p>GRUPO 8</p>
<p>GRUPO 9</p>	<p>GRUPO 10</p>

Fonte: Adaptado de Faria-Nascimento [2009].

Do mesmo modo que novas palavras são criadas nas línguas orais, novos signos gestuais podem também surgir a partir das CMs nas línguas de sinais, de modo que o número de CMs pode ser acrescentado, a depender da necessidade ou, ainda, da ampliação do léxico [Martins, 2013]. Os algarismos decorrem das CMs, e o alfabeto manual, a exemplo, foi criado a partir do parâmetro CM. Apenas algumas CMs, no entanto, correspondem

às letras do alfabeto em português. Nesse aspecto, ocorre forte influência da LSF [Quadro 6]; “as semelhanças entre o alfabeto manual da LSF e da Libras são evidentes, pois as letras do alfabeto manual, em sua grande maioria, ainda hoje são sinalizadas da mesma forma” [Marques; Cantarelli, 2020, p. 87]. Conforme destaca Ferreira-Brito [1986], porém, o alfabeto manual não pertence à estrutura da língua.

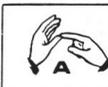
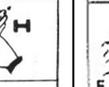
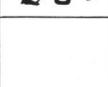
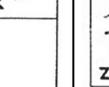
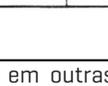
Quadro 6 – Alfabetos Manuais

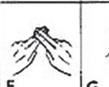
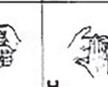
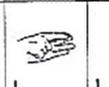
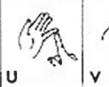
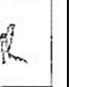


Fonte: ALFABETO manual em outras línguas de sinais [Disponível em: <https://lsjaguar.blogspot.com/search?q=ALFABETOS+MANUAIS>].

O alfabeto manual é utilizado para a soletração das palavras da língua oral ou na tradução de nomes próprios, servindo para empréstimos linguísticos, como a necessidade momentânea de conceitos que ainda não se encontram incorporados à língua [Ferreira-Brito, 1986]. Ao considerarmos a não universalização das línguas de sinais, é possível salientar que a CM é uma das divergências observadas entre as línguas de sinais, existindo aquelas cujo alfabeto é bimanual, como nos exemplos de British Sign Language [BSL] e Australian Sign Language [AUSLAN] [Quadro 7], e outras que, como a Libras, são monomanuais.

Quadro 7 – Alfabetos Bimanuais

			
			
			
			
			
			
			
BSL			

				
				
				
				
				
				
Z				
AUSLAN				

Fonte: ALFABETO manual em outras línguas de sinais. [Disponível em: <https://lsjaguar.blogspot.com/search?q=ALFABETOS+MANUAIS>].

Assim como existem alfabetos monomanuais e bimanuais, há também signos gestuais realizados com uma mão ou ambas as mãos. No caso da sinalização bimanual, é importante salientar o tipo de interação entre as mãos, que Ferreira *et al.* [2011] citam como espelhadas ou sobrepostas. Por sua vez, Silva, Teles e Costa [2019], assim como Martins [2020], apontam como simetria e dominância. Na primeira imagem do Quadro 8, apresentamos um exemplo de signo gestual monomanual [CACHORRO], ou seja, sinalizado apenas com a mão dominante. Na segunda imagem e na terceira, respectivamente, TELEVISÃO e VERDE são sinalizados com as duas mãos.

Quadro 8 – Sinalização Monomaneal e Bimanual na Libras

 <p>CACHORRO Monomaneal</p>	 <p>TELEVISÃO Bimanual de simetria</p>	 <p>VERDE Bimanual de dominância</p>
<p>CM: 15 PA: boca M: retilíneo para dentro e para fora, várias vezes OR: palma para dentro</p>	<p>CM: 24 PA: espaço neutro M: retilíneo para baixo e para cima OR: palmas para fora</p>	<p>CM: mão passiva [69], mão ativa [54] PA: dorso da mão passiva M: retilíneo da mão ativa para a direita e para a esquerda duas vezes OR: ambas para baixo</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Quanto aos signos gestuais bimanuais, temos uma distinção entre eles, pois um é realizado com condição de simetria, enquanto o outro apresenta condição de dominância. Na construção de um signo gestual simétrico,

[...] a) ambas as mãos devem assumir as mesmas formas/configuração; [b] ambas as mãos são ativas, isto é, as duas se movimentam; [c] o movimento pode ser simultâneo com ou sem a orientação espelhada ou alternado, e a direção também deve ser a mesma na realização do sinal; [d] a orientação das palmas das mãos deve ser igual e posicionar-se na mesma locação (Martins, 2020, p. 80).

Essas características são observadas na segunda imagem, pois o signo gestual de TELEVISÃO é realizado por ambas as mãos com CM 24, na mesma locação e com o mesmo M, ou seja, são simétricas, sem ENM. No signo gestual de dominância, ocorre o uso de ambas as mãos, sendo uma mão ativa e a outra passiva, além de que ambas as mãos podem assumir configurações iguais ou diferentes (Silva; Teles; Costa, 2019; Martins, 2020). No exemplo de VERDE, a mão passiva serve de apoio ou locação para que o signo gestual seja realizado. Neste caso, a mão passiva com

CM 69 fica parada em frente ao corpo, enquanto que a mão ativa com CM 54 realiza um M para a direita e para a esquerda, duas vezes, sem ENM. No caso do signo gestual de CACHORRO, a ENM vai depender do referente, isto é, se o cachorro for bravo, utiliza-se uma expressão de ranger os dentes e arqueamento para o centro e para baixo das sobrancelhas, a demonstrar braveza. Já nos signos gestuais de TELEVISÃO e VERDE, não há uso de ENM.

Parâmetro primário na Libras: Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L)

Além das CMs, outro aspecto determinante e necessariamente ordenado é o PA ou L. A partir dos estudos de Friedman [1976], Ferreira-Brito e Langevin [2010] elaboraram uma lista com os PA, divididos em quatro regiões principais do corpo, com algumas alterações. A partir dessa lista, apresentamos, no Quadro 9, a lista proposta pelos autores.

Quadro 9 – As quatro locações principais e seus subespaços

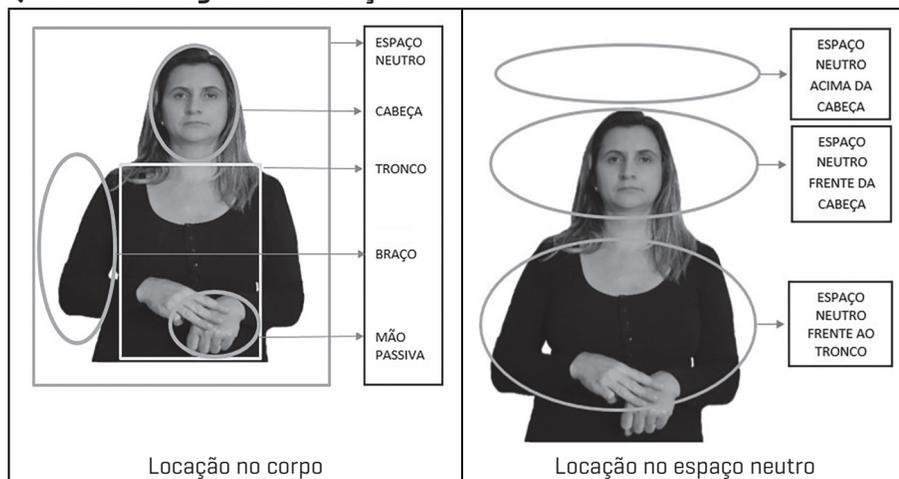
CABEÇA [C]	TRONCO [T]
<ul style="list-style-type: none"> • Topo da cabeça [] • Testa [T] • Rosto [R] • Parte superior do rosto [S] • Parte inferior do rosto [I] • Orelha [p] • Olhos [O] • Nariz [N] • Boca [B] • Bochechas [d] • Queixo [Q] • Zona abaixo do queixo [A] 	<ul style="list-style-type: none"> • Pescoço [P] • Ombro [O] • Busto [B] • Estômago [E] • Cintura [C]
	BRAÇOS [B]
MÃO [M]	<ul style="list-style-type: none"> • Anular [D2] • Dedo médio [D3] • Indicador [D4] • Polegar [D5] • Interstícios entre os dedos [V] • Interstício entre o polegar e o indicador [V1] • Interstício entre os dedos indicador e médio [V2] • Interstício entre os dedos médio e anular [V3] • Interstício entre os dedos anular e mínimo [V4]
<ul style="list-style-type: none"> • Palma [P] • Costas da mão [C] • Lado indicador [L₁] • Lado do dedo mínimo [L₂] • Dedos [D] • Ponta dos dedos [Dp] • Nós dos dedos [junção entre os dedos e a mão] [Dd] • Nós dos dedos [primeira junta dos dedos] [Dj] • Dedo mínimo [DI] 	
PERNA [P]	ESPAÇO NEUTRO [EN]

Fonte: Ferreira-Brito; Langevin (2010).

Martins (2020, p. 204) aponta duas regiões principais, a citar as partes possíveis de contato, como: “[...] (i) no corpo: corpo, cabeça, tronco, braço, mão passiva e dedos passivos; e (ii) no espaço neutro – frente ao corpo, frente da cabeça e acima da cabeça”. Outrossim, ressalta que cada região locativa possui suas distinções em relação ao lugar de articulação da mão, a exemplo, na cabeça, realizam-se signos gestuais “[...] no topo da cabeça, no cabelo, na[s] orelha[s], na testa, na[s] têmpora[s], no[s] olho[s], na[s] sobrancelha[s], na[s] bochecha[s], no nariz, na boca, no queixo, no pescoço, na nuca” (Martins, 2020, p. 204), conforme a representação

elaborada pela autora. O espaço neutro se subdivide acima da cabeça, à frente da cabeça e à frente do tronco.

Quadro 10 – Regiões de Locação



Fonte: Adaptado de Martins [2020].

Nos estudos de Silva, Teles e Costa [2019] constam como L a cabeça, o tronco, o espaço neutro e a mão passiva, além de salientar a existência de subespaços nessas locações, de modo que algumas são mais abrangentes, enquanto outras, mais exatas, seguem os mesmos moldes apresentados por Ferreira-Brito e Langevin [2010]. Os autores destacam, além disso, como empregar os adjetivos de localização desses pontos no corpo, como por exemplo: d: direito; e: esquerdo; m: medial; in: interna; ex: externa; além dos termos de translação horizontal: l: lateral; f: frente; a: atrás. Também ressaltam os termos usados para descrever os PA, como: p: imediatamente próximo; med: distância média; dist: distante; k: em contato; ki: contato inicial; km: contato medial; kf: contato final, x: cruzamento [Ferreira-Brito; Lanvegin, 2010].

Faria-Nascimento [2009], de forma diferenciada, aborda os PA no corpo, segundo a ordem longitudinal, de trás para frente e de cima para baixo, bem como no sentido latitudinal, ocorrendo do ponto mais próximo para o mais distante do corpo, a citar o ponto central ao periférico. Primeiramente, resalta os toques decorrentes no corpo [PROXIMAL]; logo em seguida, os realizados no espaço neutro [MEDIAL]; por último, aqueles distantes do corpo [DISTAL], todos a partir de uma sequência numérica [Quadro 11].

Quadro 11 – Sequência numérica dos PA

ORDEM PARA O PARÂMETRO: PONTO DE ARTICULAÇÃO

(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

Fonte: Faria-Nascimento [2009].

Uma ressalva, a relação entre mãos e dedos é considerada como PA também, por exemplo o toque de uma mão na outra, sua sobreposição, o enganchar dos dedos, entre outros [Faria-Nascimento, 2009]. É necessário preconizar, segundo Martins [2020], que existem signos gestuais que são articulados em uma locação somente, ou em duas locações distintas, que representamos aqui pelos exemplos de DIFÍCIL e ACREDITAR [Quadro 12].

Quadro 12 - Signos gestuais de uma locação ou de locações distintas

 <p>DIFÍCIL</p>	 <p>ACREDITAR</p>
<p>CM: inicial [49] e final [48] PA: testa, da direita para a esquerda M: angular do dedo indicador OR: palma para baixo ENM: contraída</p>	<p>CM: mãos em 02 PA: testa [inicial] e dorso da mão passiva [final] M: semicircular para frente e para baixo OR: palma da mão passiva para cima, palma da mão ativa para dentro e depois para cima</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

O signo gestual DIFÍCIL ocorre em apenas uma locação que, neste caso, é a testa. Empregado em um contexto de muita dificuldade, sofre um M demorado, além de utilizar uma ENM que demonstre intensidade na dificuldade. O segundo exemplo é realizado em duas locações, primeiro ocorre na testa, local de onde sai a mão ativa, e depois na mão passiva, quando esta recebe o dorso da mão ativa, terminando assim a sinalização. O M empregado é semicircular para baixo. Neste caso, pode-se usar a ENM de afirmação com a cabeça ou apenas a sinalização sem uso da ENM, dependendo do contexto de uso.

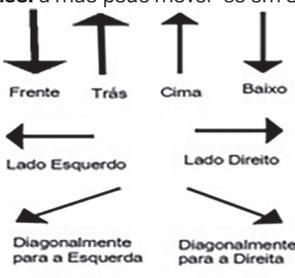
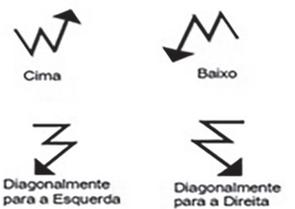
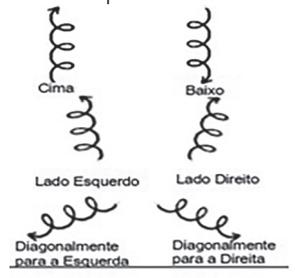
Para Martins [2020], o PA ou L é um elemento essencial, de modo a marcar a exatidão do local onde o signo gestual deve ser articulado, pois qualquer alteração do local pode, em alguns casos, não alterar o sentido. Esse aspecto é conhecido na linguagem oral como alofone, que se refere à pronúncia das palavras. Nas línguas de sinais, os “[...] alofones são identificados principalmente quando a configuração de mão ou dedos ativos toca uma área maior na locação, não articulando a CM e o movimento em um determinado ponto específico” [Martins, 2020, p. 212], mais precisamente, “[...] as variações alofônicas que ocorrem na forma da mão de apoio, do subespaço “costas da mão”, quando um sinal é produzido sobre ela, são variações que não alteram o sinal, ou seja, não alteram o seu sentido e significado” [Silva; Teles; Costa, 2019, s/p]. Martins [2020] ressalta a importância também dos Pontos de Contato [PC]. Para a autora, são elementos auxiliares que indicam pontos específicos de contato que nem sempre ficam claros para quem está sinalizando. Neste estudo, contudo, os PC não serão aprofundados em descrições e análises.

Parâmetro primário na Libras: Movimento [M]

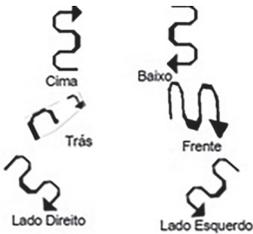
O terceiro parâmetro é o movimento [M]. Na Libras, são vários os exemplos de M que o enunciador pode utilizar durante a sinalização, a depender do signo gestual a ser utilizado. Segundo Ferreira [2010], trata-se de um parâmetro complexo, que envolve formas e direções. Quando os movimentos são internos da mão, os dedos se abrem e se fecham, de modo a dobrar ou a estender. Já os movimentos realizados pela(s) mão(s) podem incluir diversos tipos de linhas, em várias direções e posições, em PA diferentes.

No Quadro 13, é possível observar os diferentes tipos de movimentos existentes na Libras com um exemplo para cada M.

Quadro 13 – Movimentos básicos para a execução de signos gestuais na Libras (continua)

MOVIMENTO	EXEMPLOS EM LIBRAS
<p>1 – Retilíneo: a mão pode mover-se em 8 direções.</p>  <p> Frente Trás Cima Baixo Lado Esquerdo Lado Direito Diagonalmente para a Esquerda Diagonalmente para a Direita </p>	 <p style="text-align: center;">JÁ</p>
<p>2 – Angular: a mão pode mover-se em 4 direções.</p>  <p> Cima Baixo Diagonalmente para a Esquerda Diagonalmente para a Direita </p>	 <p style="text-align: center;">RELÂMPAGO</p>
<p>3 – Helicoidal: a mão pode mover-se em 6 direções.</p>  <p> Cima Baixo Lado Esquerdo Lado Direito Diagonalmente para a Esquerda Diagonalmente para a Direita </p>	 <p style="text-align: center;">FURACÃO</p>

Quadro 13 – Movimentos básicos para a execução de signos gestuais na Libras
[continuação]

MOVIMENTO	EXEMPLOS EM LIBRAS
<p>4 – Circular: a mão pode mover-se em 6 direções horizontais no espaço neutro e 1 direção quando o movimento circular é realizado no corpo.</p>  <p>MÃOS NA HORIZONTAL</p> <p>NO ESPAÇO NEUTRO, PARA: cima, baixo, frente, atrás, lado direito, lado esquerdo.</p>  <p>MÃOS NA VERTICAL NO CORPO, SENTIDO HORÁRIO E SENTIDO ANTI-HORÁRIO.</p>	 <p>ARRUMAR</p>  <p>DOCE/AÇÚCAR</p>
<p>5 – Semicircular: a mão pode mover-se para 6 direções.</p> 	 <p>EDUCADO</p>
<p>6 – Sinuoso: a mão pode mover-se em 6 direções.</p> 	 <p>BRASIL</p>

Quadro 13 – Movimentos básicos para a execução de signos gestuais na Libras [conclusão]

MOVIMENTO	EXEMPLOS EM LIBRAS
<p>7 - Tremular: a mão pode mover-se tremulando nas seguintes maneiras:</p>  <p>Em círculo</p> <p>Baixo para Cima</p> <p>Lado Direito</p> <p>Cima para Baixo</p> <p>Lado Esquerdo</p>	 <p>IMAGINAR/SONHAR</p>
<p>8 - Sem movimento: a mão não se movimenta durante a realização do sinal</p> 	 <p>SILÊNCIO</p>

Fonte: Adaptado de Martins [2020].

Para Faria-Nascimento [2009], é importante ressaltar que nem todos os aspectos desse parâmetro são visíveis para o fator ordenação, a considerar as várias características que o constitui como: modo; direção; tipo; frequência e intensidade. Entre todas, a direção é a característica mais visível no movimento, sendo o primeiro critério a ser observado ao se propor uma ordenação paramétrica. Além dos parâmetros primários, a constituição de um signo gestual conta com os parâmetros secundários, que, segundo Martins [2013, 2020], Quadros e Karnopp [2004], são a orientação da mão [OR] e a expressão não manual [ENM] que contemplam as expressões faciais e corporais.

Parâmetro secundário da Libras: orientação da palma da mão [OR]

No caso da OR, Ferreira [2010, p. 41] descreve como “[...] a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita. Pode haver mudança

na orientação durante a execução do Movimento”. Este aspecto é relevante, pois qualquer alteração na OR tende a alterar o significado do signo gestual, como se observa no Quadro 14.

Quadro 14 – Alteração na OR

 <p style="text-align: center;">JOVEM</p>	 <p style="text-align: center;">SETEMBRO</p>
<p>CM: inicial [02] e final [74] PA: espaço neutro ao lado do corpo M: semicircular para cima duas vezes OR: palma para cima</p>	<p>CM: inicial [74] e final [02] PA: espaço neutro ao lado do corpo M: semicircular para baixo OR: palma para baixo</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Os dois signos gestuais são constituídos pela condição de simetria das mãos. Ambas as mãos, no primeiro signo gestual, estão voltadas para cima, enquanto que, no segundo signo gestual, as mãos estão com as OR voltadas para baixo, ou seja, trata-se da oposição de OR da palma da mão. Tais aspectos são importantes para que possamos compreender que, para cada signo gestual, o uso correto dos parâmetros permite que não ocorram equívocos na sinalização e significação, pois, para Martins (2013), uma CM é apenas uma CM. A partir da incorporação de um movimento a essa CM, porém, o signo gestual adquire significado. Portanto, para assumir significação, a tríade, CM, PA e M, depende um do outro. Assim como na Libras, ocorre também com a língua portuguesa, cuja troca dos fonemas permite a constituição de uma nova palavra, como no exemplo dado por Martins (2013) de *lua/rua*, cuja distinção entre as palavras encontra-se na alternância dos fonemas [l] e [r]. Na Libras, a mudança nos parâmetros também ocasiona novos itens com novos significados (Martins, 2013).

Parâmetro secundário da Libras: Expressões Não Manuais (ENM)

Como último parâmetro para a constituição dos signos gestuais na Libras, destacamos a ENM. Nos estudos linguísticos da Libras, ele se apresenta como parâmetro indispensável, tão importante que, sem sua presença, seria difícil compreendermos os enunciados em línguas de sinais, pois é o parâmetro que denota ser a Libras uma mímica [Araujo, 2013]. Para Gomes e Benassi [2015], as Expressões Faciais e Corporais (EFC) não se apresentam ao espectador de forma deliberada, como algo solto a ser assimilado, mas trata-se de um ato de compreensão, sendo a comunicação entre os sujeitos envolvidos o fundamento-base, de modo a exigir desses sujeitos uma língua em comum, neste caso, a Libras. Para tanto, é preciso que esta seja compartilhada entre sujeitos socialmente organizados, e é por isso que o parâmetro ENM se apresenta numa interface entre a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica da Libras.

Na proposta elaborada por Faria-Nascimento [2009] consta a sequência para as ENM faciais e corporais exposta no Quadro 15.

Quadro 15 – Ordem Paramétrica para ENM

[continua]

EXPRESSÃO FACIAL (EF)	Unidades Lexicais [ULs] sem expressão facial > ULs com expressão facial [mais fechada > mais aberta]: a) sobranças franzidas > arqueadas; b) olhos fechados > olhos semiabertos > olhos abertos > olhos arregalados; c) arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente; d) batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora; e) lábios cerrados [mastigar] > lábios protuberantes [beijo/bico] > lábios semiabertos [soprando/expirando/inspirando/abrindo e fechando] > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo; f) bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas. Obs.: As Expressões Faciais [EFs] mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos. As EFs mais abertas estão associadas a sentimentos positivos.
------------------------------	---

Quadro 15 – Ordem Paramétrica para ENM

[conclusão]

<p>EXPRESSÃO CORPORAL (EC)</p>	<p>Sem EC > com EC: Da esquerda ou do centro > para a direita [de dentro para fora]; Da direita ou do centro > para a esquerda [de fora para dentro]; para frente > para trás; para baixo > para cima. As expressões corporais podem seguir, também, a sequência de ordenação dos PAs. Se a EC for articulada nos ombros, segue a ordem estabelecida dos PAs até que se chegue aos ombros.</p>
---------------------------------------	---

Fonte: Faria-Nascimento [2009].

Apesar de haver uma infinidade de formas de ENM nas línguas de sinais, alguns autores adotam somente a divisão da face e do corpo. Outros, no entanto, subdividem a face; havendo, ainda, aqueles que apenas citam a existência do parâmetro, sem maiores aprofundamentos sobre seu teor gramatical [Araujo, 2013]. Com relação aos dicionários, alguns deles descrevem as ENM; outros, porém, não as citam. Em certos dicionários citados por Araujo [2013], é possível verificar essas formas, como é o caso do Dicionário Enciclopédico Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais [Figura 10], em que os autores não só descrevem as ENM, como também as representam por meio de desenhos.

Figura 10 – Signo gestual de MAU (DIET-LSB)



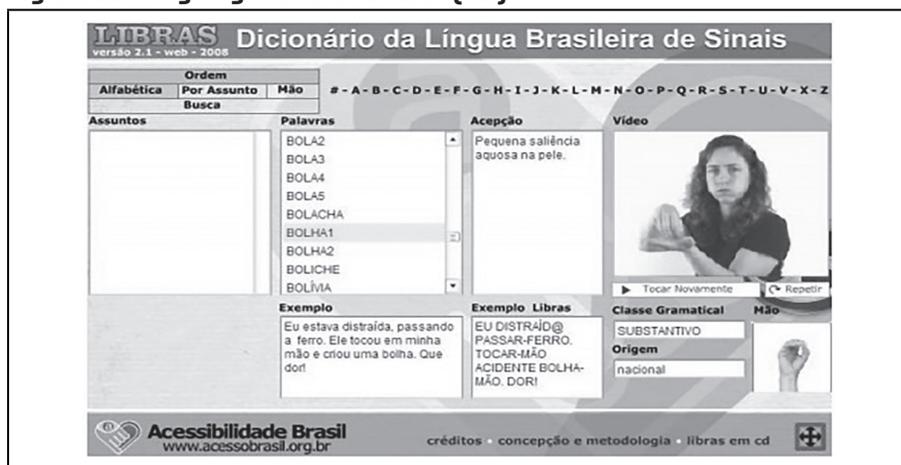
Fonte: Araujo [2013].

Outro dicionário utilizado para melhor compreensão do parâmetro examinado é o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - Acessibilidade Brasil [Figura 11]. Araujo [2013] ressalta que, pelo fato de os signos

gestuais aparecerem em vídeo nesse dicionário, as ENMs se evidenciam apenas na execução do signo gestual, embora seja possível constatar a classe gramatical, a origem, a CM e a acepção sem que haja comentários sobre as ENM.

Os dicionários aqui citados serão doravante chamados de DEIT-LSB e AB, respectivamente.

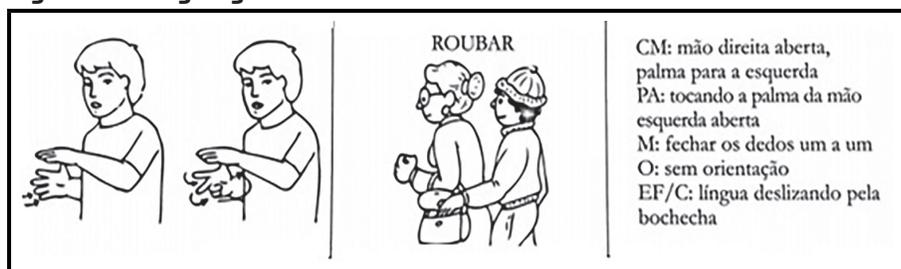
Figura 11 – Signo gestual de BOLHA [AB]



Fonte: Araujo [2013].

Para complementar, apresentamos mais um exemplo, extraído do Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais [Honora; Frizanco 2009], no qual as autoras apresentam primeiramente os signos gestuais em desenho; mostrando, ao lado, uma figura com a representação do significado do signo gestual; e, por último, os parâmetros, exibindo, ao final, a EFC a ser empregada pelo enunciador [Figura 12].

Figura 12 – Signo gestual de ROUBAR



Fonte: Honora e Frizanco [2009].

Frente à importância desse parâmetro, descrevê-lo, quando não for possível apresentá-lo, se faz necessário, afinal, como afirma Araujo (2013, p. 36), “a utilização dos componentes não manuais pode diferenciar significados e sentenças em nível fonológico, morfológico ou sintático”. De acordo com Martins (2020), as ENM envolvem diferentes movimentos a serem realizados pelos olhos, face, boca, cabeça ou tronco, e dividem-se, na função de expressar emoções, em expressões afetivas de alegria, tristeza, raiva, cansaço, entre outras, ou ainda, na função de diferenciar significados e sentenças gramaticais, em seus níveis fonológico, morfológico ou sintático. Para Quadros, Pizzio e Rezende (2008), as expressões afetivas não são exclusivas das línguas de sinais, de modo que podem ocorrer simultaneamente ou não aos signos gestuais, pois são sentimentos expressos pelo homem em qualquer forma de linguagem, como os sentimentos de raiva, tristeza, alegria e rancor, entre outros. De outro modo, o segundo tipo de expressões, tanto no nível morfológico quanto no sintático, está relacionado a determinadas estruturas específicas, sendo essas expressões, em contextos determinados, obrigatórias nas línguas de sinais. As marcações não manuais assim como as expressões da face, aqueles movimentos realizados pela cabeça e tronco, desempenham relevante papel na articulação de orações (Ludwig, 2020). As ENM são elementos que acompanham a Libras em qualquer enunciado, a depender do contexto de uso dos signos gestuais, do auditório e da realidade concreta em que se encontram os envolvidos no discurso.

Nesse aspecto, os dicionários de línguas de sinais

[...] são descritos tanto no que se refere a sua fonologia [i.e., de sua sematosemia ou composição sematosêmica] quanto a sua morfologia [i.e., das unidades básicas de significado ou de sua composição morfêmica]. Além de descritos em sua forma e significado [e da explicação de como a forma do sinal representa a forma do referente representado, a forma de seu comportamento ou a forma do comportamento humano em relação a ele], os sinais são também ilustrados em sua forma e significado (Capovilla; Martins; Oliveira, 2018, p. 153-154).

Os signos gestuais nas línguas de sinais podem ser constituídos por todos os parâmetros. Apresentamos, no caso da Libras, o exemplo de QUERER (Quadro 16), que é composto por todos os parâmetros. Além disso, também se produzem signos gestuais apenas pelos parâmetros primários e pela OR, sem o uso da ENM, como no exemplo de CAFÉ (Quadro 16). Ainda

há aqueles signos que apenas pela ENM podem representar o significado proposto pelo enunciador, neste caso, dispensando o uso dos parâmetros, como no exemplo de LADRÃO [Quadro 16]. É importante ressaltar, no entanto, que o conhecimento dos significantes e dos significados precisa ser de todos os envolvidos no discurso. Há também situações em que apenas com o balanço da cabeça, que é uma ENM, afirmando ou negando, é possível o interlocutor compreender e responder a uma pergunta.

Quadro 16 – Exemplos de constituição de signos gestuais

 <p style="text-align: center;">QUERER</p>	 <p style="text-align: center;">CAFÉ</p>	 <p style="text-align: center;">LADRÃO</p>
<p>CM: mãos em [15] PA: espaço neutro M: retilíneo das mãos para dentro e fora OR: palma para cima ENM: desejo</p>	<p>CM: 17 PA: espaço neutro M: semicircular para cima OR: palma para esquerda</p>	<p>CM: não possui PA: não possui M: não possui OR: não possui ENM: movimento da língua raspando a bochecha para fora rapidamente</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No primeiro caso, temos o signo gestual de QUERER, com a condição de simetria, com ambas as mãos ativas. Esse signo possui todos os parâmetros, enquanto que o segundo signo gestual não possui o último parâmetro, que é a ENM. No último exemplo demonstramos a ENM de LADRÃO. Trata-se de uma gíria, assim como na língua portuguesa, e tem por objetivo não expor uma conversa para todo o auditório, mas apenas para pessoas específicas que conhecem a expressão. Embora LADRÃO possua um signo gestual que represente seu significado, a ENM de LADRÃO é uma gíria muito utilizada em momentos peculiares como o de perigo, ou de forma disfarçada para que nem todos percebam a sinalização. Contudo, para que o interlocutor compreenda a mensagem, faz-se necessário que a gíria seja compartilhada com os indivíduos envolvidos no discurso. Neste caso, para realizar a EF correspondente, o enunciador deixa a boca entreaberta e a ponta da língua realiza dois movimentos rápidos na bochecha, de trás para frente.

Esses exemplos servem de demonstração sobre a relevância da ENM, pois, como assinala Gomes e Benassi (2015, p. 235), são as ENM “[...] que caracterizam as sentenças interrogativas, orações relativas, foco e concordância, topicalizações e ainda discutem marcas de advérbios, partículas negativas, grau ou aspecto e referências pronominais”. Assim como ocorre com as línguas orais, cujas frases são constituídas de palavras, estas, de sons, na Libras, os signos gestuais não formam um todo indivisível.

A partir desses pressupostos, Capovilla, Martins e Oliveira (2018, p. 154) revelam que “[...] a era pré-stokoeana usa a representação analógica e gestual, mímica e pantomímica, a era stokoeana faz descrição linguística das unidades arbitrárias e recombinativas e a era pós-stokoeana concilia as duas modalidades de representação: a analógica e a linguística”.

Essa junção, é resultado das inúmeras pesquisas realizadas na área, principalmente no que concerne à lexicografia, outrossim, tem contribuído para que surdos e ouvintes consigam aprender os signos gestuais e possam sinalizar sem necessariamente depender de outrem. Assim como ocorre com as línguas orais, com a combinação dos fonemas para a formação das palavras, a combinação dos parâmetros primários e secundários nas línguas de sinais permite que os signos gestuais ganhem significados. Dessa forma, “esses elementos sem significados são importantíssimos linguisticamente, pois distinguem significado quando combinados uns com

os outros” (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, s/p), logo, qualquer mudança em relação aos parâmetros, em especial na CM e M, ocasiona novos significados, seja pela oposição ou contraste dos parâmetros utilizados nos signos gestuais.

Oposição ou contraste dos parâmetros na Libras

A partir da estrutura de constituição dos signos gestuais é possível conceber possíveis alterações nos parâmetros CM, PA, M e OR, de modo que novos signos gestuais com significados diferentes sejam construídos e normalmente abordados pela linguística como oposição ou contraste de parâmetros na língua de sinais. Aqui apresentamos alguns exemplos de como isso ocorre na Libras, a partir da oposição entre os parâmetros de CM, PA e M (Quadro 17).

Quadro 17 – Oposição de CM

 <p style="text-align: center;">VERDE</p>	 <p style="text-align: center;">MARROM</p>
<p>CM: mão passiva em [69] e mão ativa em [54] PA: dorso da mão passiva M: retilíneo para a direita e esquerda OR: palmas das mãos para baixo</p>	<p>CM: mão passiva em [69] e mão ativa em [77] PA: dorso da mão passiva M: retilíneo para a direita e esquerda OR: palmas das mãos para baixo</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nos exemplos, observa-se que o contraste ou oposição encontra-se na CM. Ambos os signos gestuais se utilizam da mesma OR da palma da mão, o mesmo PA, ou seja, o dorso da mão passiva, o mesmo M retilíneo para os lados (direita e esquerda), sem ENM. Contudo, a oposição encontra-se na

CM, enquanto em VERDE utiliza-se a CM 54, no signo gestual de MARRROM, utiliza-se a CM 77. No Quadro 18, a oposição encontra-se no PA.

Quadro 18 – Oposição de PA

 <p style="text-align: center;">ANTES</p>	 <p style="text-align: center;">ONTEM</p>
<p>CM: mão passiva [05]; mão ativa [24] PA: palma da mão passiva M: semicircular para trás OR: palma da mão ativa para baixo e depois para fora</p>	<p>CM: 24 PA: têmpora M: semicircular para trás OR: palma da mão ativa para fora</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nos exemplos de ANTES e ONTEM, a oposição ou contraste encontra-se no PA, enquanto que o primeiro é realizado na palma da mão passiva em frente ao corpo, o segundo é realizado na têmpora, lado que se encontra a mão dominante. Ambos têm a mesma OR da palma para fora, quando termina a sinalização, mesmo M e a mesma CM 24, além de ambos não possuírem ENM.

Quanto à oposição a partir do M, temos os exemplos de signos gestuais MADURO e AMANHÃ [Quadro 19].

Quadro 19 – Oposição de M

 <p>MADURO</p>	 <p>AMANHÃ</p>
<p>CM: 56 PA: têmpora M: retilíneo para dentro e para fora, tocando o dedo médio na têmpora OR: para dentro</p>	<p>CM: 56 PA: têmpora M: semicircular do dedo médio para baixo e para fora OR: para dentro</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nas imagens, ambos os signos gestuais apresentam CM igual, do mesmo modo que ambos estão no mesmo PA, ou seja, na têmpora, do lado da mão ativa. A OR está para dentro e a diferença encontra-se no M que, no primeiro signo gestual, é retilíneo para dentro e para fora, tocando várias vezes a têmpora. No signo gestual de AMANHÃ, o dedo médio realiza um movimento único semicircular para baixo.

Os parâmetros compreendem, assim, os elementos essenciais na constituição dos signos gestuais, pois correspondem à etimologia, ou melhor, à motivação de formação dos signos gestuais na Libras, que envolve, principalmente, a questão visual, mas, também, cultural e histórica. Contudo, assim como nas línguas orais, as línguas de sinais também apresentam regras quanto à construção e organização das palavras e sentenças, que são estudadas pela morfossintaxe.



Capítulo 5

Aspectos morfossintáticos da Libras

Outro ponto semelhante entre as línguas orais e as de sinais são os estudos da morfologia e da sintaxe. De acordo com Araujo [2013], a área da morfologia prima pelo estudo da forma, ou seja, como os morfemas se combinam para que signos gestuais possam ser formados. A sintaxe, por sua vez, se ocupa das regras das posições das palavras para que não ocorram equívocos nos sintagmas e nas sentenças ao combinar os signos gestuais. Apoiados nos estudos de Azeredo [2008], Teixeira e Leitão [2013] organizaram um quadro com a estrutura do verbo no português considerando a sua forma, a partir da sua base ou do radical, além de regras gramaticais após sua base, dispostas em uma ordem fixa e linear, como, por exemplo, a vogal temática e, no caso da forma verbal regular, o tema [Figura 13].

Figura 13 – Estrutura do verbo

RAIZ	É o elemento que encerra a significação fundamental de todo o conjunto, chamado família léxica ou família de palavras ou cognatos.
RADICAL	É a parte que expressa o significado básico do verbo; elemento comum destacado através da comparação de uma série de palavras com uma base idêntica de significação.
VOGAL TEMÁTICA	É o elemento indicador do tema. Nos verbos, tais vogais indicarão a qual das três conjugações pertence o verbo.
TEMA	É a união do radical com a vogal temática do verbo.

Fonte: Teixeira e Leitão [2013].

As regras gramaticais também são constituídas de desinência modo-temporal, que designa o tempo e o modo do verbo; a desinência número-pessoal, que designa a pessoa do discurso [primeira, segunda e terceira] e o número [singular e plural] [Teixeira; Leitão, 2013]. Para Felipe [2006], no que concerne ao processo de formação das palavras, seja por composição, aglutinação, derivação ou justaposição, as línguas, via de regra, são apresentadas, relacionando-as aos seus morfemas lexicais, isto

é, às suas raízes e radicais. Os morfemas lexicais se prendem, portanto, às desinências e vogais temáticas [morfemas gramaticais] e aos afixos e clíticos [morfemas derivacionais].

A partir dessa premissa, Ferreira e Ferreira [2016] ressaltam a existência de morfemas dos mais variados tipos, classificados a partir do seu comportamento, e atestam que podem aparecer ou em ordem fixa, juntamente com outros elementos, ou em formas livres, enquanto enunciados completos, ou seja, sozinhos. Também atestam a existência de formas dependentes, isto é, são aquelas sempre ligadas a palavras, embora possuam autonomia em relação a elas. Para Teixeira e Leitão [2013], os mecanismos discursivos, contextuais e espaciais é que determinam as flexões verbais. No que se refere às categorias morfológicas/sufixos, não existem, portanto, referências específicas para tempo e modo ao conjugar os verbos, há, contudo, incorporação de outras flexões, como as de parâmetros de movimento, direção e expressões faciais, que ocorrem por mecanismos tanto discursivos, quanto contextuais e espaciais [Teixeira; Leitão, 2013].

Ao considerar os cinco parâmetros na Libras [CM, PA, M, ENM e OR], os morfemas, segundo Felipe [2006], são expressos por algumas CMs, por alguns Ms direcionados e pela alteração na frequência desses Ms. A ocorrer também com alguns PAs na estrutura morfológica, bem como nas expressões faciais ou movimentos com a cabeça em concomitância ao signo gestual. São as alterações nessas combinações dos parâmetros que permitem a formação de signos gestuais na Libras. Outrossim, existem dois tipos de morfologias, a sequencial e a simultânea. De acordo com Ferreira e Ferreira [2016], a primeira é encontrada normalmente nas línguas orais e os morfemas são combinados sequencialmente, um de cada vez. A segunda é mais comum nas línguas de sinais, pois os morfemas são combinados simultaneamente, todos ao mesmo tempo, seja pela combinação de morfemas lexicais, gramaticais ou derivacionais, criando, assim, novos signos gestuais, que são exemplificados aqui na seguinte sequência: Regras de Composição; Modificação da raiz; Derivação zero; Processos miméticos.

Regras de composição

O processo de composição é muito conhecido nas línguas de sinais, pois, para que novos signos gestuais sejam criados, utilizam-se morfemas livres que se aglutinam e se justapõem, ou seja, duas ou mais formas já existentes são combinadas, criando os signos gestuais compostos [Martins, 2013]. De acordo com Felipe [2006], são três as formas utilizadas: a) Justaposição de dois signos gestuais; b) Justaposição de um CL com um signo gestual; e c) Justaposição da datilologia da palavra em português.

Quanto à primeira forma, utilizam-se dois signos gestuais para formar um terceiro signo gestual com forma livre [Felipe, 2006]. De acordo com Ferreira *et al.* [2011], a lógica linguística das línguas de sinais concentra-se nos gestos, sendo, portanto, por meio deles que o enunciador tenta exprimir o sentido visual dos signos gestuais. Desse modo, esses itens compostos da Libras não possuem relação direta com aquelas palavras compostas encontradas na língua portuguesa. O primeiro exemplo é CASA^ESTUDAR [CASA + ESTUDAR: “escola”]¹, o segundo exemplo é CAVALO^LISTRAS-PELO-CORPO [CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO: “zebra”]² [Quadro 20].

¹ O símbolo ^ [circunflexo] está sendo usado para especificar palavras compostas em LIBRAS [Felipe, 2006].

² O símbolo + está sendo usado para representar a marca de plural, que na Libras pode acontecer pela repetição do signo gestual ou do classificador [Felipe, 2006].

Quadro 20 – Justaposição por dois signos gestuais

 <p>CASA^ ESTUDAR [CASA + ESTUDAR]: ESCOLA</p>	 <p>CAVALO^ LISTRAS-PELO-CORPO [CAVALO + LISTRAS-PELO-CORPO]: ZEBRA</p>
<p>Primeiro sinaliza-se CASA: CM: mãos [01] PA: ponta dos dedos indicador, médio e anelar de ambas as mãos M: sem movimento OR: palmas para dentro</p> <p>Depois ESTUDAR: CM: mãos [02] PA: palma da mão passiva M: retilíneo para baixo e para cima OR: para cima</p>	<p>Primeiro sinaliza-se CAVALO: CM: 25 PA: têmpora M: semicircular dos dedos médio e indicador para baixo e para cima OR: para frente</p> <p>Depois LISTRAS-PELO-CORPO: CM: 38 PA: tórax M: retilíneo da esquerda para a direita OR: para dentro</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Neste caso, é possível observar que os signos gestuais são constituídos pela justaposição de dois signos gestuais. O signo ESCOLA, por exemplo, é constituído pela união do signo gestual de CASA^ESTUDAR. O signo gestual de ZEBRA decorre do signo gestual de CAVALO^LISTRAS-PELO-CORPO. Cabe ressaltar que, embora esses signos possuam significação quando independentes; quando justapostos, formam um novo significante e um novo significado.

A segunda forma se trata da justaposição de um CL com um signo gestual, aqui o CL funciona como um clítico³, além de não ser uma marca de

³ Clíticos designam a palavra que depende fonologicamente de outra. Utiliza-se para classificar os pronomes átonos, pois estão ligados a formas verbais. Ex.: me, te, se, lhe, nos, vos, lhes, o, a, os, as [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008].

gênero [Felipe, 2006], como pode ser observado na sinalização de “agulha-seringa”, no Quadro 21.

Quadro 21 – Signo gestual de AGULHA-SERINGA

	<p>Primeiro faz-se o CL para coisa-pequena: CM: 38 PA: espaço neutro M: sem movimento OR: para fora</p> <p>Em seguida o sinal de seringa: CM: 64 PA: braço esquerdo M: dedo mindinho da mão ativa toca o braço esquerdo OR: para dentro</p>
---	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Neste caso, para que o enunciador possa representar em Libras o significante agulha-seringa, utilizou-se primeiro o CL de coisa-pequena. Esse CL é realizado pelos dedos indicador e polegar para demonstrar o tamanho de um determinado objeto, neste caso, uma agulha. Em seguida, sinaliza-se SERINGA, que é realizado com a CM 64, na qual o dedo mindinho toca o braço esquerdo, como se fosse realizar a ação de aplicar uma injeção.

E a última forma refere-se à justaposição da datilologia da palavra em português, como no exemplo de COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A “agulha” seria seu caso instrumental. Realiza-se o signo gestual que representa a ação realizada pelo substantivo – sede semântica da ação verbal, como pode ser observado no Quadro 22 [Felipe, 2006].

Quadro 22 – Signo gestual de AGULHA DE COSTURA



Primeiro sinaliza-se COSTURAR-COM-AGULHA:

CM: mão passiva em [02] e mão ativa em [17]

PA: espaço neutro

M: circular de baixo para cima, passando próximo a palma da mão passiva

OR: para fora

Depois sinaliza-se a palavra A-G-U-L-H-A em datilologia.

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

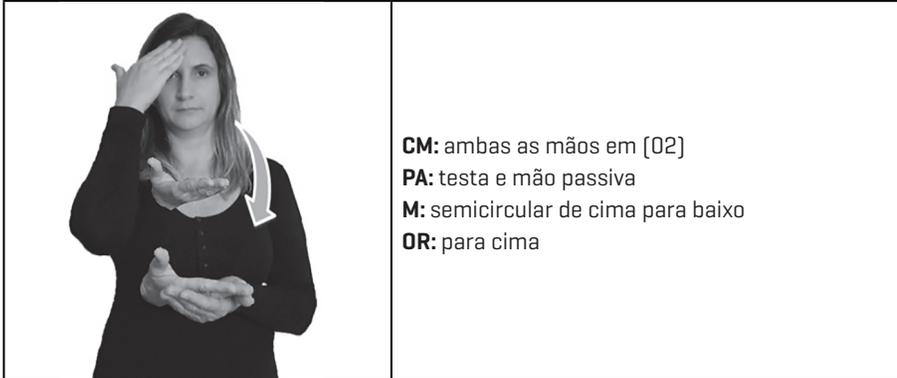
Neste caso, primeiro é necessário sinalizar a ação, pois é possível costurar com a máquina de costura ou costurar com a mão. Portanto, apresenta-se a ação e depois se faz a datilologia da palavra A-G-U-L-H-A, demonstrando ao interlocutor o que se está evidenciando, ou seja, a agulha. O foco não é a forma de costurar, é o objeto, que, para referenciá-lo, antes se faz necessário demonstrar a ação de seu uso.

No caso desses signos gestuais por Regra de Composição, três regras morfológicas foram aplicadas na ASL por Liddel [1984]. Essas mesmas regras também foram utilizadas na Libras por Quadros e Karnopp [2004], são elas: 1) Regra de Contato; 2) Regra de Sequência Única; 3) Regra de Antecipação da Mão Não Dominante.

1) Regra de Contato - Nesta primeira regra, segundo Quadros e Karnopp [2004], ocorre algum tipo de contato durante a sinalização, podendo ocorrer na mão passiva ou no corpo. Pode ser o primeiro, o segundo ou o único contato, mas ele precisa ser mantido, como no exemplo de ACREDITAR, resultado da aglutinação dos signos gestuais originários dos verbos SABER + ESTUDAR [Quadros; Karnopp, 2004] [Quadro 23].



Quadro 23 – Signo gestual de ACREDITAR



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Historicamente, os signos gestuais vão sendo aperfeiçoados a partir das pesquisas linguísticas na área, um desses aperfeiçoamentos é a aglutinação de signos gestuais diferentes que constituem um novo significante com novo significado. A exemplo, os signos gestuais de SABER e ESTUDAR são realizados pela mesma CM de ACREDITAR. O primeiro é realizado na lateral da testa, apenas com uma mão, por meio de vários toques seguidos, confirmando ao interlocutor que o enunciador SABER sobre o assunto tratado. Por sua vez, ESTUDAR é realizado pelas duas mãos, uma passiva, servindo de locação, e outra ativa, encostando duas vezes o seu dorso na palma da mão passiva. Esses dois signos ainda mantêm seus parâmetros particulares de forma independente, no entanto a aglutinação de ambos permite o surgimento do signo gestual ACREDITAR. Neste exemplo, os contatos iniciais dos signos SABER, porém agora realizado na testa, e ESTUDAR, realizado na mão, foram mantidos, alterando-se apenas o PA e o M.

2) Regra da Sequência Única – neste caso, Quadros e Karnopp (2004) destacam que para formar um signo gestual, é necessário a junção de outros dois signos gestuais, contudo, no signo gestual criado, elimina-se ou o M interno ou a repetição do M. As autoras enfatizam que a ordem dos signos gestuais não pode ser alterada e, como exemplo, citam o signo gestual de PAIS: junção de PAI + MÃE. É possível observar que não ocorre a repetição do M dos dedos, que era realizado isoladamente em cada signo gestual, faz-se apenas o item lexical de PAI sem M, depois, MÃE sem M (Quadro 24).

Quadro 24 – Regra de Sequência Única

 <p style="text-align: center;">PAI</p>	 <p style="text-align: center;">MÃE</p>	 <p style="text-align: center;">PAIS</p>
<p>CM: 48 PA: buço M: retilíneo, encostando e afastando OR: palma para a esquerda</p>	<p>CM: 49 PA: lateral do nariz M: retilíneo, encostando e afastando OR: palma para a esquerda</p>	<p>Realiza-se primeiro o signo gestual de PAI, em seguida realiza-se o signo gestual de MÃE, sem aplicar M nos signos gestuais.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Tanto no primeiro signo gestual de PAI, quanto no segundo de MÃE, o M realizado é retilíneo, a tocar duas vezes o PA. Na criação do signo gestual de PAIS, ocorre a regra de sequência única, ou seja, retiram-se os Ms dos signos gestuais de PAI e MÃE, e realiza-se primeiro PAI, depois MÃE, eliminando o M dos signos individuais. Cabe aqui a ressalva de que, no Rio Grande do Sul, para PAI e MÃE, os signos gestuais de MULHER + BEIJAR-MÃO e PAI + BEIJAR-MÃO são muito utilizados, o que representa uma peculiaridade da cultura dos imigrantes alemães e italianos, cujo pedido de benção noturna realizava-se beijando as mãos dos pais. Contudo, outras variantes existentes, como no exemplo anterior, são utilizadas.

3) Regra da Antecipação da Mão Não Dominante - nesta situação, Quadros e Karnopp (2004) apontam que o signo gestual é formado pela participação da mão passiva, mais precisamente, a mão passiva antecipa o segundo signo gestual no processo de composição. Ao sinalizar BOA NOITE, enquanto a mão ativa realiza a sinalização de BOM/BOA, a mão passiva já precisa estar posicionada, de modo a finalizar o signo gestual de NOITE [Quadros; Karnopp, 2004] [Quadro 25].

Quadro 25 – Signo gestual de BOA NOITE

	<p>Signo gestual de BOM/BOA CM: mão ativa inicial em [73] e final em [05] PA: à frente da boca M: semicircular para fora OR: palma para dentro e depois para cima</p>
	<p>Signo gestual de NOITE CM: mão passiva em [67] e mão ativa inicial [75] PA: dorso da mão passiva M: semicircular para baixo OR: para baixo</p>
	<p>Obs.: Na sinalização de NOITE, podem ocorrer variações na CM da mão passiva, sendo sinalizado com a mão em [67] ou [69], ou ainda com a CM [01].</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

O signo gestual de BOA NOITE é constituído pelo signo gestual de BOM + NOITE. Nesse signo gestual normalmente não se utiliza ENM, contudo, se for uma maneira informal de cumprimentar, a depender do auditório, pode-se expressar o signo com certo carinho, amor, amizade, acrescentando o enunciador uma expressão mais romântica ou mais delicada conforme o desejo sentido no momento. Existem muitos exemplos em que a mão passiva já precisa estar posicionada, de modo que a ativa possa finalizar o signo gestual. Em outros signos gestuais utilizados como exemplos aqui, como no CL de CARRO BATER ÁRVORE, o signo de ÁRVORE já precisa estar posicionado durante a sinalização. No caso de ACREDITAR, a mão passiva já está posta para o contato da ativa. Vários outros exemplos ocorrem do mesmo modo na Libras.

Modificação da raiz

Alguns verbos conhecidos como verbos de raiz de _, como IR, SAIR etc.; possuem o M para fora do enunciador, como pontua Souza (1998). Outros têm o M inverso, como VIR, CHEGAR etc. Logo, a oposição entre IR e VIR está relacionada a “de_” sair de um lugar e ir “_para” um lugar próximo ao enunciador [Souza, 1998] [Quadro 26].

Quadro 26 – Verbos de raiz de _

 <p style="text-align: center;">IR</p>	 <p style="text-align: center;">VIR/VOLTAR</p>
<p>CM: 49 PA: espaço neutro M: semicircular para fora OR: palma para baixo</p>	<p>CM: 49 PA: espaço neutro M: semicircular para dentro OR: palma para cima</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Tanto IR quanto VIR/VOLTAR têm a mesma CM e o mesmo PA, ou seja, à frente do corpo, no espaço neutro. A diferença se encontra no M, que, para IR, se distancia do corpo, e, para VIR/VOLTAR, aproxima-se do corpo. Existem duas formas de ocorrência nesse processo de formação de signos gestuais: uma pela modificação por adição à raiz, outra pela modificação interna da raiz, em que, na maioria das vezes, é um morfema livre⁴ [Souza, 1998; Felipe, 2006; Ferreira, 2010]. Ambas as formas serão explicadas aqui com um exemplo possível a cada uma.

Modificação por adição à raiz

Em relação à modificação por adição à raiz, há incorporação da negação de duas formas:

- Como sufixo: neste caso, o verbo possui um M inicial, contudo, ao ser finalizado o signo gestual, ocorre um M oposto, que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER / QUERER-NÃO

⁴ Morfemas livres são morfemas independentes e, segundo Faria-Nascimento [2013], são constituídos de unidades lexicais sinalizadas [ULS], consideradas como unidades primitivas, já construídas na língua, que servem, portanto, de base ou complemento para construção de novas ULS.



[Souza, 1998; Felipe, 2006; Ferreira, 2010]. Assim, “esse movimento contrário não é um signo gestual para negação, seria como, em português, o prefixo {anti-}, mas que, na Libras, vem posposto à raiz, daí a análise dele como um sufixo de negação” [Felipe, 2006, p. 203].

Quadro 27 – Modificação por adição à raiz como sufixo

 <p style="text-align: center;">QUERER</p>	 <p style="text-align: center;">NÃO-QUERER</p>
<p>CM: ambas as mãos em [15] PA: espaço neutro M: retilíneo para frente e para trás OR: palma para cima ENM: desejo/afirmação</p>	<p>CM: ambas as mãos em [15] PA: espaço neutro M: semicircular para baixo OR: palma inicialmente para cima e depois para baixo ENM: recusa/rejeição</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

No exemplo do Quadro 27, observamos que ambos os signos gestuais apresentam a mesma CM localizadas no espaço neutro, à frente do tronco, cujo parâmetro M sofre mudança. No primeiro signo gestual, QUERER, o M é retilíneo para dentro e fora; em NÃO-QUERER ocorre um M semicircular para fora, além da OR que antes era para cima, na negação vira-se para fora. O que antes era de afirmação, passa a ser uma rejeição.

- Como infixos: a negação se incorpora à raiz verbal através de uma alternância no M ou por meio da expressão corporal de movimento da cabeça em concomitância com o signo gestual [Ferreira, 2010; Felipe, 2006], como nos verbos: TER / NÃO-TER e PODER / NÃO-PODER [Quadro 28].

Quadro 28 – Modificação por adição à raiz como infixo

 <p style="text-align: center;">TER</p>	 <p style="text-align: center;">NÃO-TER alternância M</p>
<p>CM: 24 PA: tórax M: retilíneo para fora e para dentro OR: palma para a esquerda ENM: afirmação</p>	<p>CM: 24 PA: espaço neutro, à frente do abdômen M: semicircular para a direita e para a esquerda OR: palma para cima e para baixo ENM: negação com a cabeça</p>
 <p style="text-align: center;">PODER</p>	 <p style="text-align: center;">NÃO-PODER alternância EC</p>
<p>CM: mãos ativas em [69] PA: espaço neutro M: retilíneo para baixo OR: para dentro ENM: afirmação</p>	<p>CM: mão ativa em [54] PA: pescoço M: retilíneo para dentro e para fora OR: palma para dentro ENM: negação com a cabeça</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Tanto nas afirmações quanto nas negações, os signos gestuais empregados são diferentes. Embora, no primeiro caso (TER e NÃO-TER), a

CM e o PA sejam os mesmos, ocorre alteração de M e OR, além do emprego de negação com a cabeça. Nos exemplos de PODER e NÃO-PODER, nenhum dos parâmetros se repete. Além disso, no signo gestual de NÃO-PODER, emprega-se a negação com a cabeça. Observamos que a negação ocorre simultaneamente ao signo gestual. Ambos os signos gestuais apresentam ENM. Nos exemplos de afirmação TER e PODER, emprega-se ou não a afirmação com a cabeça, a depender do enunciador; no caso das negações, não só é imprescindível o balanço realizado pela cabeça, como também a demonstração de lamentação por meio da ENM.

Conforme Souza [1998] e Quadros, Pizzio e Rezende [2008], outros signos gestuais, como NÃO, NUNCA, NADA etc., também podem fazer parte da sentença negativa, neste caso ocorrem por supressão por construção sintática, ou como nos verbos ENTENDER NADA; ENTENDER NÃO, variantes do Rio de Janeiro e São Paulo [Quadro 29].

Quadro 29 – Modificação por adição à raiz como infixo

 <p>ENTENDER NADA</p>	<p>Primeiro sinaliza-se ENTENDER CM: 49 PA: ao lado da testa M: sem movimento OR: para dentro</p> <p>Depois sinaliza-se NADA CM: 17 PA: espaço neutro M: semicircular para os lados OR: para fora</p>
 <p>ENTENDER NÃO</p>	<p>Primeiro sinaliza-se ENTENDER e depois realiza-se o M de negação com o dedo indicador.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

No exemplo do signo gestual ENTENDER, variante utilizada no Rio de Janeiro e São Paulo, pode ocorrer o emprego de NÃO e NADA. Primeiro, realiza-se o signo gestual de ENTENDER; posteriormente, o signo gestual de NADA ou NÃO. Há uma variante para o signo gestual de ENTENDER, que, em vez de ser realizado com o dedo indicador, é sinalizado pela CM [01], efetuado no mesmo PA e com a mesma OR, alterando apenas o M, que é semicircular para cima e para baixo, sem retirar a mão do PA. Neste caso, também é possível o emprego de NADA e NÃO, permanecendo com o mesmo significante.

Modificação interna da raiz

De acordo com Felipe [2006] e Ferreira [2010], a ocorrência por modificação interna da raiz possui cinco mecanismos que, com base nas análises das autoras, descrevemos apresentando, na sequência, os exemplos em Libras:

a) Flexão para pessoa do discurso: neste caso, o parâmetro é direcionalidade, ou seja, os Ms retilíneo e semicircular invertem a raiz-M até adquirir forma em arco para flexionar para as pessoas do discurso, cujo ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto [alvo] _{1S}EMPRESTAR_{2S}: “eu empresto para você” / ₂EMPRESTAR₁⁵: “você empresta para mim” [Felipe, 2006; Ferreira, 2010].

⁵ Os números em subscrito correspondem às pessoas do discurso do singular [1s, 2s, 3s] e do plural [1p, 2p, 3p].

Quadro 30 – Flexão para pessoa do discurso

 <p style="text-align: center;">₁EMPRESTAR₂</p>	 <p style="text-align: center;">₂EMPRESTAR₁</p>
<p>CM: mão passiva em [67] e ativa em [54] PA: mão passiva M: retilíneo para fora OR: mão passiva para baixo, ativa para fora</p>	<p>CM: mão passiva em [67] e ativa em [54] PA: mão passiva M: retilíneo para dentro OR: palma da mão passiva para baixo e palma da mão ativa para dentro</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

No exemplo de EMPRESTAR [Quadro 30], seja na ação verbal de emprestar algo, seja na de pegar algo emprestado, o verbo precisa concordar com as pessoas do discurso. O enunciador, ao realizar um M retilíneo empurrando a mão passiva para o interlocutor, está enunciando que emprestará algo; no M contrário, em que a mão ativa se posiciona atrás do braço e com a OR da palma para o enunciador, denota-se que o interlocutor está emprestando algo. Certas regiões do Brasil apresentam diferenças na CM da mão passiva. Alguns surdos a utilizam com a CM [01], outros com a CM [49] ou [69]. Ressalta-se que, além destas, o signo gestual de emprestar possui outras variantes.

b) Flexão para aspecto verbal: neste processo, “os aspectos pontual, continuativo, durativo e iterativo são obtidos através de alterações do Movimento e/ou da Configuração de Mão” [Ferreira, 2010, p. 25]. Durante a sinalização, se o enunciador modificar a duração e a extensão do M, gerará grau ao signo gestual, assim como apresentará flexão verbal tanto para pessoa quanto para número, isto por meio da direção do M realizado [Ferreira, 2010]. Um exemplo é ESPERAR [durativo] em “ele ficou esperando”; FALAR-MUITO [continuativo] “ela fala sem parar” [Quadro 31].

Quadro 31 – Flexão para aspecto verbal

 <p style="text-align: center;">ESPERAR [durativo]</p>	 <p style="text-align: center;">FALAR-MUITO [continuativo]</p>
<p>CM: mãos em [69] PA: mão passiva M: retilíneo tocando os punhos constantemente OR: palmas para baixo ENM: de cansaço</p>	<p>CM: mãos em [55] PA: boca M: circular, passando próximo à boca e se direcionando para fora OR: palmas para cima ENM: fechada</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

O signo gestual ESPERAR comumente é realizado como consta no exemplo, ou seja, pelo M de tocar os punhos, sem estender a duração desse M. No exemplo citado, o objetivo é demonstrar para o interlocutor que a ação de ESPERAR, de determinada pessoa ou determinado evento, exigiu mais tempo que o normal, logo, o enunciador precisou ESPERAR-MUITO; neste caso, aplica-se um M durativo, além do emprego da EF de cansaço, nervosismo, de indignação em relação à longa espera, e também da expressão corporal de virar a cabeça para várias direções. Aqui empregamos o olhar para cima, de modo a acompanhar a cabeça, numa expressão de frustração. Esse signo gestual apresenta outra variante, realizada com as mãos com CM [67] e a mão passiva com a palma voltada para cima. Se utilizarmos, os mesmos parâmetros para, CM, PA e OR, contudo, alterando o M, aplicando apenas um toque entre os punhos, e alterando também a ENM, teremos o signo gestual de PARAR.

No signo gestual de FALAR-MUITO, utilizam-se os mesmos parâmetros que o signo gestual de FALAR, a única diferença é que FALAR é sinalizado apenas com uma mão, além de o M ser curto e repetido duas ou três vezes somente. Em FALAR-MUITO, por sua vez, há o aspecto continuativo do M, além do emprego das duas mãos e o olhar cansativo do



enunciador a reforçar o quanto a pessoa ficou falando, ou o quanto ela fala exageradamente, sendo possível o emprego do sopro com a boca, além de tremê-la, a reforçar o cansaço.

c) Flexão para gênero: a CM específica funciona como CL em concordância com o sujeito da frase (Felipe, 2006). Nos exemplos do Quadro 32, pontuamos os CLs de pessoa e de papel quando caem.

Quadro 32 – Flexão para pessoa do discurso

 <p style="text-align: center;">pessoa CAIR</p>	 <p style="text-align: center;">papel CAIR</p>
<p>Primeiro sinaliza-se ANDAR CM: mão passiva com CM [02] e mão ativa com CM em [54] PA: mão passiva M: retilíneo para frente, tocando alternadamente os dedos indicador e médio no antebraço esquerdo OR: mão passiva para cima, mão ativa para fora</p> <p>Depois emprega-se o CL de CAIR do sujeito, cujo M e CM se alteram, cuja mão adquire CM em [32], e o M é de giro do punho para fora. Na queda emprega-se uma ENM de dor.</p>	<p>Primeiro sinaliza-se PAPEL CM: mão passiva com CM [02] e mão ativa com CM em [24] PA: mão esquerda passiva M: retilíneo, tocando duas vezes a mão passiva OR: mão passiva com palma para fora, mão ativa com palma para dentro</p> <p>Depois emprega-se o CL de CAIR do papel, cuja CM, OR e M se alteram. Ao realizar o M de cair do papel, que é semicircular para a esquerda e para a direita, ocorrendo de cima para baixo; a mão ativa adquire CM [02] com a palma voltada para baixo. Neste momento, a mão passiva sai da sinalização.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Tanto no primeiro quanto no segundo caso, para ocorrer concordância do sujeito com o verbo, a CM tende a funcionar como CL, o que garante ao enunciador expressar fatos que ocorrem no cotidiano, representações que caracterizam pessoas ou objetos a partir de um determinado contexto de ação. O sujeito, apresentado no primeiro exemplo pelos dedos indicador e médio da mão ativa, representada pela CM [54], adquire um novo formato, a fim de demonstrar a ação de cair do sujeito, ou seja, o CL da ação. Se antes os dedos encontravam-se esticados, agora eles se dobram na CM [32]. Ademais, altera-se o M; se antes era retilíneo, agora se torna semicircular para fora, caracterizando a queda do sujeito. Essas alterações também ocorrem no segundo exemplo, no qual, além de modificar o M, altera-se a CM. Inicialmente a CM [24] caracteriza o signo gestual de papel, mas, quando esse papel cai, a CM muda para [02] e o M realizado simula a queda do papel na prática. O M, antes retilíneo, torna-se semicircular para o lado direito e esquerdo, sucessivamente.

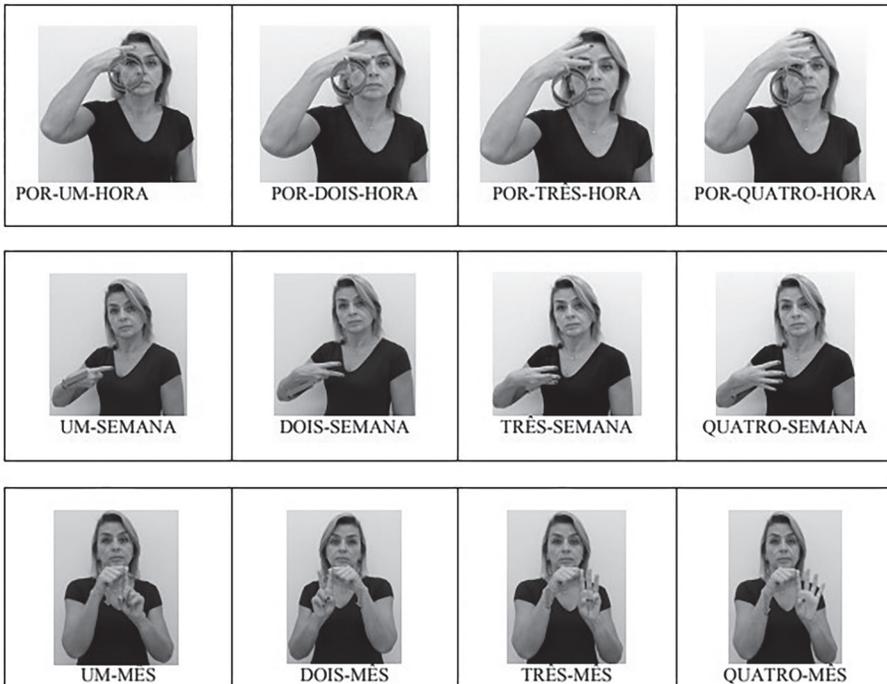
O emprego de CL na ação do sujeito ou do objeto ocorre em outros exemplos, como na queda de um avião, de uma árvore, na batida de um automóvel etc. O uso do CL depende exclusivamente da forma do objeto ou do sujeito, se está de pé, sentado, deitado etc.; se o objeto é raso, fundo, grosso ou fino, entre outros. No primeiro caso, diante do acontecido, o emprego da EF é necessário, o que revela gestos e expressões usuais das pessoas quando ocorrem quedas no cotidiano, ou seja, expressões de dor, raiva, choro etc. No caso do papel, empregamos determinada expressão de susto ou de raiva, ou não expressamos nenhuma reação.

d) Incorporação do numeral: neste caso, Felipe [2006] ressalta que a representação dos numerais de um até quatro pela CM, acrescenta à raiz um quantificador, também presente no sistema pronominal. O objetivo é representar as pessoas do discurso [dual, trial, quatrial e plural], em alguns advérbios: UMA-VEZ, DUAS-VEZES, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS etc [Felipe, 2006].

No caso do numeral, em que se apresentam como morfemas presos, de acordo com Dedino [2012, p. 124], ocorre pela “[...] incorporação de numeral como um processo por meio do qual os morfemas de numeral são afixados a outro morfema; ou seja, a configuração de mão dos numerais é incorporada a outros morfemas que expressam, como se verá, conceitos, em geral, relacionados ao tempo”.

Martins [2013] e Dedino [2012] sustentam-se nos estudos de Johnston e Schembri [2007] para exemplificar quais seriam os conceitos que sofrem a modificação na CM, para ser substituída pela CM dos numerais de 1 a 9. A OR, o M e o PA não se alteram quando a CM do numeral é incorporada, são eles: 'semana passada', 'próxima semana', 'ano passado', 'ano que vem', 'ontem' e 'amanhã'. Nos exemplos da Figura 14, observamos a incorporação dos numerais um até quatro nos signos gestuais relacionados a horas, semanas e meses.

Figura 14 – Incorporação de numeral



Fonte: Xavier e Neves [2016].

No último exemplo, que caracteriza meses, os signos gestuais apresentam duas partes com significado, ou seja, dois morfemas. Um desses morfemas com significado é MÊS, sendo sinalizado pela mão ativa, incluindo M, PA e OR de ambas as mãos, além da ENM. O outro morfema refere-se ao numeral, logo é a CM que varia, a depender da quantidade [Dedino, 2012]; ademais, acima do número 5, articula-se o sinal

separadamente do signo gestual de MÊS, isto é, apresenta-se o numeral antes ou depois do signo gestual.

e] Incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais a alterar a frequência do movimento da raiz M. Nestes casos, Felipe [2006] cita dois exemplos: os verbos com incorporação do advérbio “rapidamente” por meio do movimento repetido e acelerado, assim como o intensificador “muito” pelo movimento lento e alongado, como nos exemplos TRABALHAR**muito**, TRABALHAR**rapidamente**.

Quadro 33 – Incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais

 <p style="text-align: center;">TRABALHARmuito</p>	 <p style="text-align: center;">TRABALHARrapidamente</p>
<p>CM: ambas as mãos em [24] PA: espaço neutro M: circular para frente e para trás OR: para baixo ENM: fechada/cansada</p>	<p>CM: ambas as mãos ativas em [24] PA: espaço neutro M: semicircular para frente e para trás OR: para baixo ENM: fechada/focado</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

A diferença entre TRABALHAR**muito** e TRABALHAR**rapidamente** é percebida pela alteração no M [Quadro 33]. Na primeira imagem, que demonstra que a pessoa está trabalhando muito, aplica-se um M circular, além da EF de cansaço, exaustão. No segundo exemplo, o M é mais curto e rápido, ressaltando que o sujeito está trabalhando rapidamente, logo a expressão é de foco na ação. Ao utilizarmos apenas o signo gestual de TRABALHAR, sem ênfase e sem alteração do M, empregamos os mesmos parâmetros da segunda sinalização sem, contudo, usar a ENM.

Derivação zero

Ainda na Libras, há verbos denominais ou substantivos verbais, ou seja, que possuem a mesma forma para os pares verbo-substantivo [Souza, 1998; Felipe, 2006]. Na ASL, Supalla e Newport [1978 *apud* Felipe, 2006], averiguaram que havia modificação em relação ao parâmetro M que diferenciava o substantivo do verbo, como nos exemplos de PORTA/ABRIR-PORTA; AVIÃO/IR-DE-AVIÃO; CADEIRA/SENTAR; FERRO/PASSAR-COM-FERRO. Não se pode afirmar que essa diferenciação ocorra na Libras, mas foram verificadas diferenças em alguns pares equivalentes, como foi exposto por Souza [1998] e Felipe [2006], com nossa descrição na sequência:

a) CORTAR-COM-TESOURA: aqui o verbo possui a marca de concordância com o objeto, com estrutura OiVi no par de sentenças abaixo, onde há tesouraN e tesouraV e suas distintas representações [Souza, 1998; Felipe, 2006]:

- ONTEM Ind_{1s} COMPRAR TESOURA
“Ontem eu comprei uma tesoura”.
- CORTINAI Ind_{1s} CORTAR-COM-TESOURAI
“A cortina, eu corto com a tesoura”

Quadro 34 – Sentenças em que o verbo possui marca de concordância com o objeto

<p style="text-align: center;">ONTEM Ind_{1s} COMPRAR TESOURA</p>		
<p style="text-align: center;">ONTEM</p> <p>CM: 24 PA: têmpora M: semicircular para trás OR: para fora</p> <p>Após, aponta para o próprio peito, sinalizando EU.</p>	<p style="text-align: center;">COMPRAR</p> <p>CM: mão passiva [02] e mão ativa inicial em [67] e final em [24]. PA: palma da mão passiva M: semicircular para frente abrindo a mão ativa OR: para fora</p>	<p style="text-align: center;">TESOURA</p> <p>CM: 54 PA: espaço neutro, frente do corpo M: mão parada, abre e fecha os dedos indicador e médio. OR: para dentro</p>
<p style="text-align: center;">CORTINAI Ind_{1s} CORTAR-COM-TESOURAI</p>		
<p style="text-align: center;">CORTINA</p> <p>CM: mãos ativas em [05] PA: espaço neutro à frente do corpo M: sinuoso para baixo OR: para fora</p> <p>Depois realiza-se o M de fechar as cortinas com a CM [67], em um M semicircular para o centro, encostando-as.</p>	<p>Primeiro sinaliza-se a ação de estender a cortina sobre uma mesa CM: mãos ativas em [08] PA: espaço neutro M: semicircular para cima e depois para baixo OR: para baixo</p> <p>Logo em seguida, a mão passiva permanece na CM da cortina e a ativa, com a CM [54], realiza a ação de abrir e fechar os dedos médio e indicador.</p>	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

As sentenças exemplificadas no Quadro 34 pontuam que o verbo e objeto devem estar em concordância. Na primeira sentença, é necessário, antes, localizar no tempo quando a ação ocorreu. No primeiro caso, é sinalizado pelo signo gestual de ONTEM, a afirmar que a ação de comprar a tesoura já ocorreu. Logo após, o enunciador aponta para si, de modo a referenciar quem foi que comprou a tesoura e sinaliza os signos gestuais de COMPRAR e TESOURA, para demonstrar a ação e o que foi comprado, neste caso, a TESOURA [objeto]. Na segunda sentença, o verbo cortar também precisa concordar com o objeto, a cortina, por isso sinaliza-se primeiro o objeto CORTINA, depois, estende a cortina para poder cortá-la com a TESOURA [ação]. Utilizamos, ao final, a mão passiva para demonstrar o objeto; com a mão ativa, a ação de cortar com tesoura. Se fosse o caso de cortar papel, antes seria necessário fazermos o signo gestual de papel, para depois segurar o papel com a mão passiva, para a ativa fazer a ação de cortar o papel, aplicando-se, assim, a concordância do verbo ao objeto em qualquer situação.

b) IR-DE-AVIÃO: aqui é possível observar que o M de IR-DE-AVIÃO é mais alongado em relação ao substantivo AVIÃO, assim como no exemplo de PASSAR-COM-FERRO é mais alongado e repetitivo em oposição ao M do substantivo FERRO (Souza, 1998; Felipe, 2006; 2013)[Quadro 35].

Quadro 35 – Diferenças entre o substantivo e o verbo

 <p style="text-align: center;">AVIÃO</p>	 <p style="text-align: center;">IR-DE-AVIÃO</p>
<p>CM: 64 PA: espaço neutro M: retilíneo para frente OR: palma para baixo</p>	<p>CM: mão passiva em [02] e ativa em [64] PA: palma da mão passiva M: retilíneo para frente, subindo gradativamente OR: palma da mão passiva para cima, palma da mão ativa para baixo</p>
 <p style="text-align: center;">FERRO</p>	 <p style="text-align: center;">PASSAR-COM-FERRO</p>
<p>CM: mão passiva em [02] e mão ativa em [69] PA: palma da mão passiva M: retilíneo, para frente e para trás OR: palma da mão passiva para cima, palma da mão ativa para baixo</p>	<p>CM: mão passiva em [02] e ativa em [69] PA: palma da mão passiva M: semicircular para todos os lados OR: palma da mão passiva para cima, palma da mão ativa para baixo</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nesses casos, a diferença observada entre o substantivo e o verbo é o M, ou seja, ambos possuem os mesmos parâmetros, contudo o verbo sofre alteração no M que se torna mais alongado e repetitivo. Nem todos os

pares em Libras, segundo Felipe [2006], seguem essa regra, logo, a partir do contexto linguístico é que a forma se apresenta diferenciada, mostrando a função do item lexical. Esses casos são denominados por derivação zero, como nos exemplos de: BRINCADEIRA / BRINCAR; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER; CADEIRA / SENTAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA [Felipe, 2006].

É possível também nos pares verbo-adjetivo, que envolvem mudança de estado, a citar EMAGRECER/ MAGR@⁶, AMARELAR/AMAREL@, que possuem as mesmas formas. Nesse processo de derivação zero, de acordo com Felipe [2006], ocorre modificação interna na raiz verbal, em que a mesma forma é diferenciada somente a partir do contexto linguístico que mostra a função do signo gestual. O verbo tem sua significação nominal implícita semanticamente na raiz como instrumento ou como adjetivo, o atributo, como estado ou processo [Felipe, 2006]. Além desses aspectos citados até o momento, existem outros aos quais devemos dispensar nossa atenção, são os processos miméticos ou icônicos e os classificadores, importantes elementos durante a produção de enunciados em Libras.

Processos miméticos ou icônicos

Assim como nas demais línguas de sinais, a Libras tem como característica ser de modalidade gestual-visual, logo, no contexto discursivo, consegue inserir a mímica e, a partir dela, destacar objetos, suas qualidades, estados, processos ou ações, que podem, mimeticamente, ser representados juntamente com a estrutura frasal [Felipe, 2006]. A partir desse pressuposto, destaca-se a importância do espaço de sinalização, isto porque, “o espaço tridimensional, que possibilita distribuir os elementos da sentença, não numa linha, mas num cenário, evoca representação muitas vezes icônica” [Lessa-de-Oliveira, 2012, s/p], que depende de um extraverbal para obter sentido, de conhecimentos dos envolvidos a respeito do tema proposto no discurso, da língua a ser compartilhada por todos, da situação, do contexto de uso dessa representação, da entonação valorativa do enunciador, ao se utilizar da iconicidade para se fazer compreender.

O discurso na língua de sinais ocorre nesse espaço e dentro dele. Devido a sua capacidade tridimensional, o enunciador consegue elaborar os mais diferentes enunciados, a depender dos conhecimentos sobre o

⁶ O símbolo @ indica que o sinal não tem especificação de gênero [ENAP, 2019].

sistema linguístico da Libras, mas, também, da capacidade do enunciador de utilizar os recursos possíveis que são ali oferecidos, não se restringindo apenas aos signos gestuais utilizados, porque a linguagem envolve muito mais do que um sistema linguístico, a demandar as mãos, a ENM, o cenário, o contexto, o conhecimento mimético etc. É altamente produtivo esse processo de formação de signos gestuais na Libras, tendo em vista que as expressões faciais e corporais, um dos parâmetros presentes nas línguas de sinais, complementam os contextos discursivos, a se estruturarem a partir das convenções da língua. Esse processo, sustenta-se na representação icônica do referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe, para isso, utiliza-se da mímica, transformando-a em uma forma linguística [Felipe, 2006].

Nas línguas orais, o recurso mimético é observado pelas onomatopeias, por exemplo, que são claramente icônicas [muuu, miau], a fim de representar os sons ou as ações feitas pelos seres. Nas línguas de sinais, de acordo com Araujo [2013, p. 22], “a iconicidade diz respeito à semelhança de forma entre os sinais com o ente descrito”, contudo, signos gestuais icônicos podem ser diferenciados entre as línguas de sinais, do mesmo modo que podem ter uma significação muito parecida, a ponto de os itens serem praticamente idênticos, como no exemplo de CASA, VACA e COPO, nas LSB, ASL, LSF e na Língua de Sinais Colombiana [LSC] [Martins, 2013] [Quadro 36].

Quadro 36 – Iconicidade nas línguas de sinais

LSB	ASL	LSF	LSC
 CASA	 HOUSE	 MAISON	 CASA
 VACA	 COW	 VACHE	 VACA
 COPO	 CUP	 VERRE	 VASO

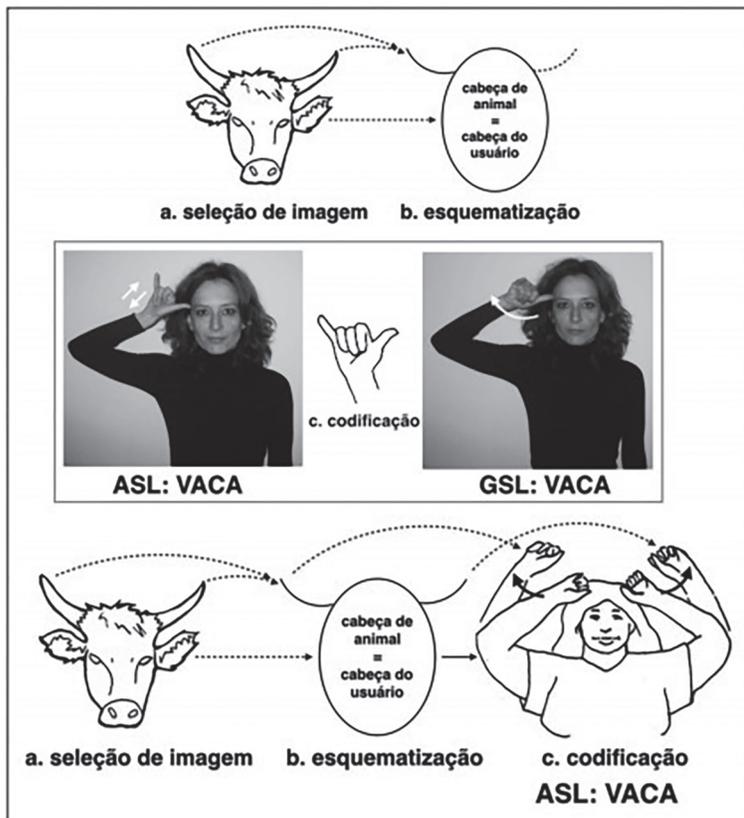
Fonte: Martins [2013].

Conforme ressalta Martins [2013, p. 23-24], “[...] o significado desses signos é semelhante para cada grupo desses falantes. As relações icônicas comuns entre eles refletem sua possível origem gestual que universalmente apresentam a mesma forma atribuída a determinado signo”. Nos estudos desenvolvidos por Mertzani [2018], a autora analisou signos gestuais na ASL e na Língua de Sinais Grega [GSL], realizando exemplos de construção analógica para signos gestuais que caracterizassem iconicidade nessas línguas. Observou-se que, no geral, há uma preferência pela fonologia fechada, a fim de expressar organismos vivos e animais. Também ressaltou o uso da forma [Y] [CM 64] para a sinalização de animais, para caracterizar os referentes com contornos visualmente arredondados, como os chifres cônicos dos animais.

O exemplo da Figura 15 demonstra que VACA, em ambas as línguas, ASL e GSL, são idênticas quanto à CM e PA, a única diferença encontra-se no M a ser executado. No signo gestual de VACA, em ASL [COW], a mão em [Y] [64] realiza um M retilíneo para cima e para baixo, sendo o PA a

têmpera. Na GSL, o PA é o mesmo, assim como a CM, o que se altera é o M, que, nesse caso, é semicircular para cima.

Figura 15 – Modelo de construção analógico para o signo gestual VACA



Fonte: Mertzani [2018].

O mesmo signo gestual de VACA, realizado na GSL, também é feito na Libras, entretanto, utiliza-se o mesmo signo gestual para BOI, a depender do contexto de uso. É possível empregar o signo gestual de MACHO ou FÊMEA antes de sinalizar BOI e VACA ao se utilizar esse signo gestual. No Brasil, existe uma variante para VACA em que se utilizam os signos gestuais de BOI + LEITE. Citamos aqui o signo gestual de TOURO em Libras, que é caracterizado com as duas mãos em [Y] [64], ambas localizadas nas têmperas e realizando o mesmo M semicircular de VACA [Quadro 37].

Quadro 37 – Signo gestual de BOI e VACA na Libras

 <p style="text-align: center;">VACA</p>	 <p style="text-align: center;">TOURO</p>
<p style="text-align: center;">BOI</p> <p>CM: mão ativa em [Y] [64] PA: têmpora M: semicircular para cima OR: para baixo e depois para fora</p> <p style="text-align: center;">LEITE</p> <p>CM: inicial em [C] [12] e final em [S] [69] PA: espaço neutro M: retilíneo para cima e para baixo OR: para fora</p>	<p style="text-align: center;">TOURO</p> <p>CM: mãos em [Y] [64] PA: têmporas M: semicircular dos punhos para cima OR: para baixo ENM: cabeça e corpo realizam juntos o M semicircular dos punhos, além do emprego de uma expressão brava</p>

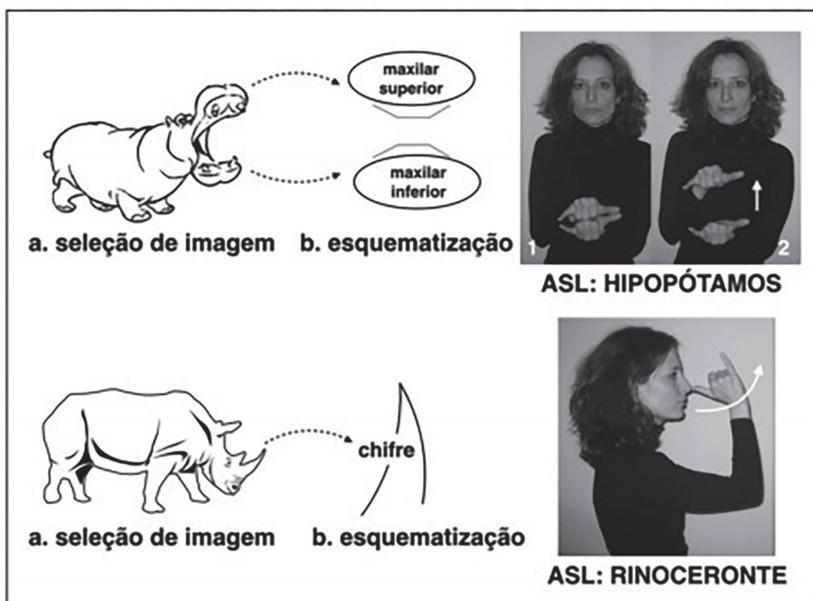
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

No caso de TOURO, a expressão marcante de bravo é essencial para que o interlocutor compreenda a diferença entre o boi e o touro, e também o quanto o animal se apresenta mais perigoso, a empregar a ENM por meio do barulho de bufar com a boca. O uso de CM fechada, como se observa nos exemplos, também é muito aplicado no Brasil. Segundo Mertzani (2018), no caso da GSL, os signos gestuais seguem a forma específica, a considerar a metonímia referente ao gado.

Na ASL, imitando o arredondamento dos chifres, há também o uso das mãos em [O] [73], as quais, ao serem movidas para cima, adquirem a forma de um pequeno arco, terminando em [S] [69], como mostra a Figura 15.

Na Figura 16, podemos analisar a proposta elaborada por Mertzani (2018) de modelo analógico para os animais HIPOPÓTAMO e RINOCERONTE na ASL. Na Libras, empregamos o mesmo signo gestual para RINOCERONTE, contudo, sem M. No caso de HIPOPÓTAMO, utilizamos o mesmo PA, a mesma OR e M, alterando-se apenas a CM [61]. Os dedos, neste caso, fazem alusão aos dentes do Hipopótamo, enquanto que o [Y] [64], sinalizado em frente ao nariz, faz alusão ao chifre do animal.

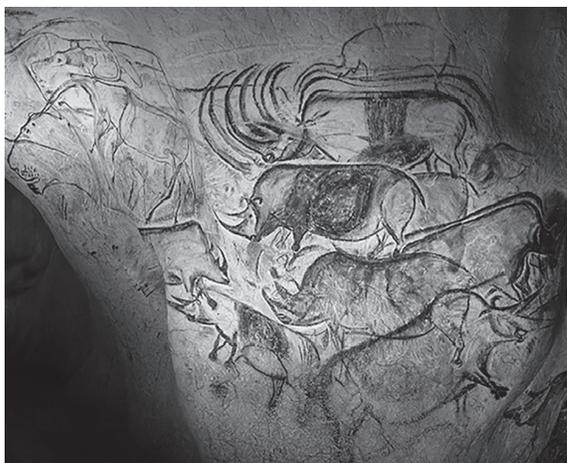
Figura 16 - Modelo de sinais analógicos para HIPOPÓTAMO e RINOCERONTE em ASL



Fonte: Mertzani [2018].

A autora enfatiza que na ASL, a forma [Y] [64] também é utilizada para referenciar outros aspectos e características encontradas nos animais, a citar alguns exemplos, como a boca aberta do hipopótamo e seus dentes salientes e o chifre do rinoceronte [Mertzani, 2018]. Essas observações nos remetem à primeira forma de comunicação dos homens, as pinturas rupestres, cujas características de animais, objetos e pessoas eram salientadas de formas icônicas, no caso dos animais, os dentes e chifres eram preconizados, a fim de representar a estrutura do animal, suas principais características e especificidades. De acordo com Abel [2018, p. 33], “a principal característica dos desenhos do Paleolítico [Idade da Pedra Lascada] é o naturalismo. O artista pintava os animais, por exemplo, do modo como os via de uma determinada perspectiva, reproduzindo a natureza tal qual sua vista captava”, como é possível observar nas figuras do Quadro 38. Segundo Sofiato [2005], os conhecimentos que se têm hoje sobre a existência de bisões, ursos, mamutes, cervos e javalis, decorrem dos desenhos deixados ao longo da história, pinturas com cores vivas em pedras, entalhes, pedaços de ossos, paredes e tetos de cavernas.

Quadro 38 – As obras de arte mais antigas do mundo na Gruta Chauvet, em França



Fonte: Gonçalves [2016].

As figuras demonstram a nitidez de detalhes, ressaltadas pelos povos daquela época, que hoje permitem leituras diversas, segundo a autora, pois conduzem a uma compreensão mais peculiar, mais certa sobre as conexões semânticas, de modo a determinar possíveis relações históricas de signos gestuais e analogias significativas possíveis no vocabulário dessas línguas [Mertzani, 2018]. As pinturas de mãos encontradas nas cavernas permitiram revelar uma possível intenção de registrar a comunicação gestual utilizada pelos homens primitivos ou estabelecimento de códigos

para comunicação, como ocorreu com a escrita, forma de documentar do homem atual, sua evolução, a transmitir de forma fiel os segredos que desvendava ao seu redor (Sofiato, 2005).

A mímica, segundo Felipe [2006], está incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, a ter suas regras fonológicas, morfológicas e sintáticas, gerando, assim, a forma do plano de expressão. Para Quadros e Karnopp [2004], a iconicidade tem a transparência ao reproduzir a forma, o espaço e o movimento do referente, o que permite compreender seu significado. No entanto, além da iconicidade, as línguas de sinais possuem a arbitrariedade também, não representando nenhuma semelhança plausível entre o signo gestual e o referente em si, como é observado em diferentes signos gestuais, como CONVERSAR, EDUCAÇÃO, RIO DE JANEIRO [Quadro 39] entre outros. De acordo com Martins [2013, p. 24], “a arbitrariedade é por sua vez uma propriedade das línguas humanas que convenciona os signos da comunicação”, ou seja, diferente da iconicidade, que é uma característica própria das línguas de sinais, a arbitrariedade é traço característico presente em todas as línguas.

Quadro 39 – Signos gestuais arbitrários

 <p style="text-align: center;">CONVERSAR</p>	 <p style="text-align: center;">EDUCAÇÃO</p>	 <p style="text-align: center;">RIO DE JANEIRO</p>
<p>CM: mão passiva em [A] [67] e ativa em [02] PA: dorso da mão passiva M: circular OR: ambas com palma para baixo</p> <p>Obs.: Algumas regiões utilizam para ambas as mãos, a mesma CM [01].</p>	<p>CM: mão passiva em [A] [67] e ativa em [L] [24] PA: dorso do braço da mão passiva M: semicircular de cima para baixo OR: ambas as palmas voltadas para baixo</p>	<p>CM: 68 PA: ombro oposto à mão ativa M: retilíneo, raspando o polegar no ombro OR: palma para baixo</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

No primeiro signo gestual, temos o verbo CONVERSAR, que podemos considerar um signo gestual arbitrário e também neutro. No entanto, os surdos também utilizam signos gestuais específicos para se remeterem à ação de CONVERSAR entre ouvintes [oralidade], que se difere do signo gestual de CONVERSAR entre surdos [Libras], como o representado acima. Esses signos gestuais podem sofrer o emprego dos aspectos durativo e continuativo, além da ENM de balanço para frente e para trás da cabeça, de modo a expressar que a conversa foi longa, ou apenas sinalizar o signo gestual de CONVERSAR.

No exemplo de EDUCAÇÃO, a mão ativa percorre o braço da mão passiva, num M semicircular, a iniciar na altura do ombro e descer até o punho. Aqui, ao empregarmos uma sinalização mais demorada, reservada e diminuindo o formato da CM, além de empregar uma ENM com os olhos mais fechados e os lábios cerrados, denotamos a percepção do enunciador de que a pessoa é muitíssimo educada. Sobre o último exemplo, temos um nome próprio, o M é retilíneo de cima para baixo, várias vezes, com OR para baixo e sem ENM. Trata-se de signos gestuais arbitrários, ou seja, que não fazem alusão a ações, objetos, pessoas ou lugares.

Diferente dos signos gestuais arbitrários, a iconicidade é um recurso das línguas de sinais, encontrada até mesmo nos verbos. Por meio da mimese da ação, como destaca Felipe [2006], os verbos podem derivar de outro verbo, a acrescentar à raiz-movimento alternância das EF e EC. Exemplos dessa derivação são verificados nos verbos: SALTITAR, DESFILAR, CAMBALEAR, que derivam do verbo ANDAR. Há possibilidade também de acrescentar um caso modal a este verbo, à sua rede semântica, mediante imitação do modo como a ação se realiza como ANDAR_{ligeiramente}, ANDAR_{devagar} [Felipe, 2006], como nos exemplos citados no Quadro 40.

Quadro 40 – Processo mimético de derivação do verbo ANDAR

 <p style="text-align: center;">ANDAR</p>	 <p style="text-align: center;">SALTITAR</p>
<p>CM: 26 PA: espaço neutro M: retilíneo, para frente OR: para fora</p>	<p>CM: mão passiva em [02] e ativa com CM inicial em [54] e final em [32] PA: palma da mão passiva M: retilíneo para cima OR: palma da mão passiva para cima, palma da mão ativa para fora</p>
 <p style="text-align: center;">ANDAR <i>ligeiramente</i></p>	 <p style="text-align: center;">DESFILAR</p>
<p>CM: mão passiva em [02] e ativa em [54] PA: palma da mão passiva M: retilíneo para frente OR: palma da mão passiva para cima e da ativa para fora</p>	<p>CM: mão passiva em [A] [67] e ativa em [54] PA: antebraço da mão passiva M: retilíneo para frente OR: palma da mão passiva para cima e da ativa para fora</p> <p>Obs.: Pode-se utilizar também a CM 02 para a mão passiva nesta sinalização.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nesses exemplos, os signos gestuais derivam do verbo ANDAR, primeiro signo gestual do quadro. Observa-se que para alguns signos gestuais utiliza-se a CM 26, para outros, a CM 54, que, viradas para baixo,

fazem alusão ao corpo de uma pessoa, e cujos dedos indicador e médio referem-se às pernas do ser humano. No caso da CM 26, o polegar refere-se ao braço da pessoa. Logo, aplicam-se especificidades da ação, ou seja, se o sujeito está a saltitar, a mão ativa realiza um M retilíneo para cima e para baixo, a representar os saltos realizados pela pessoa, e a EFC caracteriza alegria, pois algo de bom ocorreu. Se a situação ou o evento é um desfile, os dedos realizam um M mais afastado, a demonstrar que a pessoa está desfilando em uma passarela, a aplicar a ENM com o rosto e corpo, a levantar levemente o queixo para se olhar para um ponto fixo no espaço, além de leve arqueamento dos ombros para trás.

No caso do acréscimo modal ao verbo, isto é, à sua rede semântica, o ANDAR, exemplificado no primeiro signo gestual por um andar normal, adquire no ANDAR_{ligeiramente} um M acelerado dos dedos, raspando um no outro, de forma repetitiva e rápida, a deslocar-se para frente, demonstrando que a pessoa está a andar ligeiro, além do arqueamento dos ombros para frente, cuja expressão é mais reservada, assim como ocorre numa caminhada que exige concentração ao dar os passos.

Segundo Felipe [2006], o processo mimético ou icônico não pode ser confundido com o sistema de CLs da Libras, já que se trata de um processo mimético e não de um acréscimo de morfema obrigatório à raiz. Embora sejam muito parecidos, o uso dos CLs na Libras tende a ser mais abrangente do que o processo mimético, pois, durante a sinalização, principalmente em processo de interpretações formais, nem sempre a iconicidade supre o que precisa ser contextualizado, de modo que o outro compreenda, já os CLs, recurso muito utilizado na Libras, são bastante abrangentes, o que permite serem utilizados em várias situações, mecanismo a ser abordado na sequência.

Capítulo 6

Classificadores em Libras

Assim, como já ressaltamos, além do processo mimético, as línguas de sinais, durante a sinalização, contam também com os CLs, os quais, de acordo com Bernardino [2012], por serem normalmente icônicos, lembram gestos que acompanham a fala, sendo, na maioria das vezes, confundidos, embora possuam características distintas e regras de formação bem evidentes. Para compreendermos como se projetam os classificadores nas línguas, buscamos explicações em Felipe [2002], ao ressaltar que, no processo de apreensão do mundo, o homem capta as entidades a partir de suas características essenciais e que, assim, os sistemas semióticos, a cultura e a língua permitem essa concretização.

No caso das línguas, Felipe [1998, 2002] pontua que o homem categorizou as palavras em classes, combinando-as de modo a expressar as entidades [coisas, eventos, qualidades em um contexto]. Há línguas que, para mostrar tais entidades, apresentam subclassificações, separando-as em animadas [pessoas, animais] e inanimadas [não pessoas, coisa, veículos]. Além disso, as entidades sofrem reclassificações quanto ao gênero, número, formato e caso [nominativo, acusativo, genitivo etc.], em relação ao papel temático [agente, paciente, etc.] e também à visibilidade ou proximidade em relação ao enunciador. No caso dos eventos, Felipe [2002] ressalta que a reclassificação ocorre em ações, processos e estados, bem como em relação a modo, tempo, aspecto, a citar o sistema de flexão para a concordância com seus possíveis argumentos.

São denominadas **línguas de classes nominais ou não classificadoras** as línguas que fazem tais classificações e subclassificações por meio das categorias gramaticais, conforme destaca Felipe [2002]. Outrossim, denominam-se **línguas classificadoras** aquelas que, além das classes gramaticais [nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, etc.], também usam um sistema de morfemas obrigatórios, a fim de especificar algumas ou várias das subclassificações [Felipe, 2002].

Muitos linguistas, segundo Felipe [2002], desenvolveram pesquisas sobre as línguas de sinais, tomando como premissa, as investigações em torno das línguas orais, a citar Frishberg [1975], Kegl e Wilbur [1976]; e Supalla [1978], além de outros mais, cujo ponto em comum, a definição de classificador, de modo que, certas configurações de mãos funcionam nas línguas de sinais como morfemas, marcando assim, as características de um objeto [Felipe, 2002]. Nas línguas de sinais, os CLs são responsáveis pela formação da maioria dos sinais existentes, a auxiliar na criação de novos sinais [Bernardino, 2012].

Para Quadros, Pizzio e Rezende [2009], os gestos, por serem visuais, auxiliam na representação de ações, imitando atos e simbolizando as relações com as entidades representadas. Nesse sentido, o potencial dos gestos é aproveitado pelas línguas de sinais a representar palavras de modo a envolver a organização da língua. Por outro lado, nas línguas de sinais, ambos, gestos e signos gestuais, apresentam-se numa mesma modalidade, demonstrando uma transferência do gestual para o gramatical, tornando-se parte do sistema linguístico das línguas; um exemplo encontra-se no uso de classificadores durante a sinalização, além da referência explícita de apontação do dedo indicador [Quadros; Pizzio; Rezende, 2009], conhecido também como dêixis. A apontação do dedo se apresenta como um traço característico pré-linguístico realizado pela criança para se comunicar, conforme observado nos estudos desenvolvidos por Vygotski [1991].

A partir dos diferentes estudos realizados em outras línguas, em especial na ASL, Pizzio *et al.* [2009] pontuam os diferentes CLs encontrados nas línguas de sinais: a) CLs especificadores; b) CLs de plural; c) CLs instrumentais, d) CLs de corpo; e) CLs descritivos. A partir da análise das autoras, citaremos o classificador e um possível exemplo:

a) CLs especificadores: Neste caso, Pizzio *et al.* [2009] destacam que a função é descrever visualmente a forma; o tamanho; a textura; o paladar; o cheiro; os sentimentos; o “olhar”; os “sons” do material, do corpo da pessoa e dos animais; como no exemplo de classificador **HOMEM-FORTE**; também especificar elementos gasosos, como classificador **FUMAÇA-CIGARRO**; assim como descrever símbolos ou logomarcas: classificador **PEUGEOT**. Além disso, o classificador especificador descreve os números relacionados ao objeto animado e inanimado [Pizzio *et al.*, 2009].

Quadro 41 – Classificadores especificadores



HOMEM-FORTE

Primeiro sinaliza-se o signo gestual de HOMEM **M:** retilíneo para baixo
CM: inicial em [10] e final em [08] **OR:** para cima
PA: queixo Depois faz o CL de forte.



PEUGEOT*

CM: mãos ativas em [30] **M:** sem
PA: espaço neutro **OR:** para fora



FUMAÇA-CIGARRO

Primeiro sinaliza-se o signo gestual de CIGARRO **OR:** para dentro
CM: 54 Depois faz o CL da fumaça, com a CM
PA: ao lado da boca [05] num M tremular para cima, à frente
M: retilíneo para fora e para cima da mão ativa.

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

*Logomarca retirada de <https://marcas-logos.net/peugeot-logo/>.

No primeiro exemplo do Quadro 41, fazemos referência a um homem de corpo atlético, sarado, forte, cujo porte físico é caracterizado pelo CL de forte. Para demonstrar tais características, o enunciador, primeiro, precisa destacar o sujeito, se é homem, mulher, menina, menino, idoso; posteriormente, emprega peculiaridades de um corpo desse porte físico na vida real, para dar consistência ao objetivo da descrição, levantando os ombros e abaixando a cabeça, demonstrando maior expressão da musculatura, largura do braço e até, como destacamos na imagem, com o bíceps mais alto além da ENM mais fechada. Embora na Libras exista signo gestual para forte, ao serem realizadas desse modo, por meio da representação e não dos signos gestuais, essas características configuram os CLs. No segundo exemplo, na logomarca, primeiro o enunciador precisa pontuar ao interlocutor do que se trata o assunto; na sequência, destaca o signo gestual da MARCA; depois aplica o CL das garras de um leão, o símbolo da marca, de modo a seguir o que manda a imagem utilizada na logomarca. No último exemplo, fazemos referência à fumaça do cigarro aceso pela pessoa, logo o enunciador sinaliza que está a fumar, com o cigarro na boca, utilizando-se do signo gestual de CIGARRO, depois realiza um M tremular dos dedos da mão com CM [05], mexendo os dedos, fazendo alusão à fumaça do cigarro.

b) Classificadores de plural: A CM substitui o objeto em si, a repetir várias vezes, como em CARROS-ESTACIONAMENTO_{classificador} (Pizzio *et al.*, 2009);

c) Classificadores instrumentais: É a incorporação do instrumento descrevendo a ação gerada por ele, como em ESCOVAR-CABELOS_{classificador} (Pizzio *et al.*, 2009);

d) Classificadores de corpo: É o classificador que descreve como uma ação acontece na realidade por meio da expressão corporal de seres animados, como em CACHORRO-ANDAR_{classificador} (Pizzio *et al.*, 2009).

Quadro 42 – Classificadores de plural, instrumentais e de corpo (continua)

CLs de plural



CARROS-ESTACIONAMENTO
classificador

Primeiro sinaliza-se CARRO:

CM: mãos ativas em [69]

PA: espaço neutro

M: semicircular das mãos para a direita e para a esquerda

OR: palmas para dentro

Em seguida ESTACIONAMENTO

CM: mãos ativas em [01]

PA: espaço neutro

M: semicircular da mão ativa para os lados

OR: palmas para baixo

CLs instrumentais



ESCOVAR-CABELOS
classificador

CM: 69

PA: cabelo

M: sinuoso para baixo

OR: para baixo

Quadro 42 – Classificadores de plural, instrumentais e de corpo (conclusão)

CLs de corpo	
	
CACHORRO-ANDAR <small>classificador</small>	
CM: mãos ativas em [69]	OR: para baixo
PA: à frente do corpo	ENM: elevação da cabeça e dos ombros
M: semicircular para frente	

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

No exemplo dos CLs de plural [Quadro 42], citamos o exemplo de ESTACIONAMENTO. Neste caso, o enunciador primeiro sinaliza o signo gestual de CARRO; em seguida, coloca ambas as mãos em horizontal, à frente do corpo, com OR para baixo, posicionadas uma ao lado da outra, e realiza Ms laterais semicirculares, representando os carros estacionados. Há possibilidade de deixar uma das mãos parada, a demonstrar que é o primeiro carro do estacionamento. A mão ativa irá então representar os demais carros estacionados no local; assim, se o objetivo é apenas descrever sobre o estacionamento, a sinalização já se basta; contudo, se o enunciador deseja pontuar algum carro que ali se encontra estacionado, é necessário localizá-lo. A exemplo, se for o terceiro carro, o enunciador deixa a mão passiva parada e sinaliza mais dois carros estacionados, depois descreve o carro em específico. Esse CL de plural é muito utilizado para demonstrar muitos referentes, como FLORESTA, FLORES, CASAS, POSTES etc.

No segundo exemplo, nos CLs instrumentais, é citado o exemplo de ESCOVAR-CABELOS. Ele é realizado com a mão no mesmo movimento e a mesma forma corriqueira de pegar em uma escova de cabelo. Assim, se a ação fosse escovar as unhas, o enunciador teria que aplicar uma CM adequada ao objeto, ou seja, a forma como pegaria uma escova de unha: se é grande, será de um jeito; se é pequena, será de outro; se possui cabo; se não possui; assim por diante. O enunciador utilizará como PA o próprio cabelo, a realizar o M de pentear o cabelo de cima para baixo.



No último exemplo, o CL de corpo utiliza o corpo da pessoa ou do animal para referenciá-lo. No exemplo, sinalizamos CACHORRO-ANDAR utilizando a CM fechada para descrever as patas, e o levantamento da cabeça e dos ombros especificando a estrutura do corpo do animal. Se quem estivesse andando fosse um elefante, seriam acrescentados outros detalhes, como as bochechas infladas e a cabeça mais abaixada, e também as patas seriam caracterizadas pelo dorso das mãos ao tocar o chão, além do M mais lento de tocar o solo.

e) CLs descritivos: A partir da visão, as imagens dos objetos animados ou inanimados são captadas pelo homem, permitindo que lhe sejam descritos, utilizando as duas mãos ou apenas uma, a depender da situação, nos desenhos de forma assimétrica ou simétrica, forma, tamanho, textura, paladar, cheiro, sentimentos, “olhar”, como em ÁRVORE-ALTA_{classificador} OLHAR_{durativo}, como destacam Pizzio *et al.* [2009] [Quadro 43]. O descritivo locativo envolve a ação de um objeto em relação ao outro, usando uma ou duas CMs, como em CARRO BATER ÁRVORE. Há também, situações que envolvem posição ou ação das partes do corpo humano e objetos [animados e inanimados], como no exemplo de MENTIR NARIZ-CRESCER_{classificador} [Pizzio *et al.*, 2009] [Quadro 43].

Nos CLs descritivos, é possível observar três dimensões: a Dimensional, que, de acordo com Pizzio *et al.* [2009], é determinada e adequada a partir do que se está vendo; a Bidimensional, a dobrar as dimensões determinadas, de modo a adequá-las ao que está sendo visualizado; e a Tridimensional, na qual, cujo próprio nome denota, tem-se uma visão tridimensional do que se está observando, a permitir a sensação de penetração do relevo visual.

Quadro 43 – Classificadores descritivos

[continua]



ÁRVORE-ALTA_{classificador} **OLHAR**_{durativo}

Primeiro sinaliza-se **ÁRVORE**:

CM: mão passiva [02] mão ativa [05]

PA: dorso da mão passiva

M: giro semicircular do punho da mão ativa duas vezes

OR: para fora

Em seguida aplicam-se referências quanto às características da árvore, como a espessura do tronco e a altura da árvore, por meio da ação de olhar para cima.

Existem algumas variações nesta sinalização que utilizam a CM [15] para mão passiva, ativa ou para ambas.



CARRO BATER ÁRVORE_{classificador}

Primeiro sinaliza-se o signo gestual de **ÁRVORE**; depois sinaliza-se o signo gestual de **CARRO**, localiza-se os objetos no espaço, aplica-se o CL para **CARRO**, cuja CM em [01] fica em posição horizontal e ao encostar na árvore, termina com CM em [S] [69].

Quadro 43 – Classificadores descritivos

[conclusão]



MENTIR NARIZ-CRESCER_{classificador}

Primeiro sinaliza-se MENTIRA Em seguida, com a CM 49, ou seja, o dedo indicador no
CM: 48 nariz, o enunciador afasta-o para fora num M retilíneo, a
PA: buço fim de demonstrar o nariz crescendo.
M: retilíneo para a esquerda
OR: para fora
ENM: desconfiança

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Em relação aos CLs descritivos, no exemplo de ÁRVORE-ALTA, utilizamos o signo gestual de ÁRVORE, mas logo em seguida, descrevemos o tronco da árvore a utilizar as duas mãos bem afastadas, o que demonstra a grossura do tronco. Também empregamos outro CL com a EF e EC, a caracterizar que o olhar para o alto exigia tampar os olhos do sol, para conseguir enxergar a copa da árvore, o que denota o quanto a árvore é alta.

No segundo exemplo, a ação de um carro batendo em uma árvore, a sinalizar um acidente, ocorre em três momentos bem definidos. Primeiro, localizamos, para o interlocutor, a ÁRVORE, local onde o carro colidirá. Posteriormente, sinalizamos o objeto que bateu na árvore, ou seja, o signo gestual de CARRO. Depois, localizamos a árvore no espaço neutro, utilizando-se também do signo gestual respectivo de ÁRVORE. Em seguida, aplicamos o CL de carro, mão em horizontal com CM [01], a empregar um M retilíneo para frente, que, ao tocar a árvore, altera-se a CM em [S] [69], de modo a demonstrar que o carro ficou amassado. A ENM fica a critério do enunciador, a demonstrar medo, susto ou até mesmo a virar o rosto, como se evitasse observar tal fato.

Em relação à ação ou partes do corpo, utilizamos o exemplo de MENTIR NARIZ-CRESCER. Neste caso, realizamos o signo gestual de MENTIR/MENTIRA, aplicando uma ENM de desconfiança, logo em seguida, realizamos,

com a mesma mão, um M retilíneo para frente, saindo da ponta do nariz até a distância desejada, pois a extensão aplicada ao M revela o quanto o nariz cresceu, a caracterizar se a pessoa está a mentir muito ou pouco.

Nas línguas de sinais, a modificação na duração, como na extensão do M de determinados signos gestuais, acrescenta a ideia de grau [Ferreira, 2010], do mesmo modo que as ENM contribuem para a simbolização desse grau. No exemplo HOMEM-FORTE, a ENM é indispensável, porque regem o quanto o sujeito seria representado em relação a sua força. Do mesmo modo, em NARIZ-CRESCER, a duração e a extensão do M representam o quanto a pessoa está a mentir ou não. Nos CLs, tais características são pertinentes, principalmente ao se referirem a objetos inanimados, assim como nas ações e sentimentos.

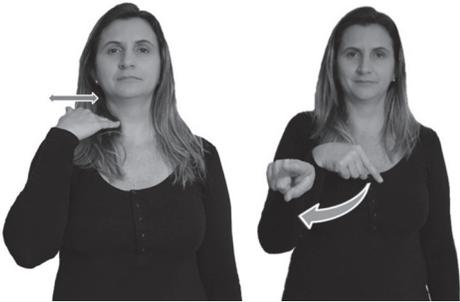
Além desses aspectos destacados até aqui, ressaltamos, também, os tipos de sentenças em Libras, que seguem as mesmas regras já abordadas, principalmente no que se remete aos verbos.

Capítulo 7

Tipos de sentenças

É importante ressaltar que as marcações denotam diversos tipos de sentenças, como as afirmativas e negativas. De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2008), as afirmativas expressam ideias ou são ações afirmativas, como: Eu vou ao banco (Quadro 44). Nessa sentença em Libras, o enunciador apresenta o local e logo em seguida faz a afirmação, a inserir o verbo IR.

Quadro 44 – Expressão afirmativa: Eu vou ao banco

	
BANCO EU IR	
BANCO	EU-IR
CM: 75 PA: pescoço M: sem OR: para baixo	CM: 49 PA: espaço neutro M: semicircular para frente OR: para baixo ENM: afirmação com a cabeça

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Artigos, locuções, interjeições e preposições estão incorporados aos signos gestuais, assim, a sentença é realizada apresentando ao interlocutor o local para onde o enunciador irá, ou seja, o BANCO, e, logo em seguida, a ação verbal de IR, tendo incorporado ao verbo a primeira pessoa do singular



com a mesma CM. Do peito, o mesmo dedo realiza um M semicircular para longe do corpo, ou seja, de afastamento, a terminar com o dedo no espaço neutro. O enunciador aqui apresenta uma EF afirmativa com a cabeça. Se desejar, não há necessidade de empregar o M com a cabeça.

Além das sentenças afirmativas e negativas, Quadros, Pizzio e Rezende [2008] destacam duas formas de sentenças interrogativas. Uma delas refere-se à intenção do enunciador em obter informações. Normalmente são perguntas relativas aos argumentos, nas quais utilizam-se expressões interrogativas, como: POR QUE, COMO, O QUE, QUEM, ONDE, PARA QUE, QUANTO, QUANDO etc. [Quadro 45].

Quadro 45 – Expressões interrogativas

[continua]

 <p>POR QUÊ?</p>	<p>CM: mãos em 52 PA: indicador da mão passiva M: retilíneo para cima e para baixo OR: para dentro ENM: sobrelhas arqueadas para baixo com expressão de interrogação</p>
 <p>QUEM?</p>	<p>Primeiro se realiza o signo gestual de PESSOA CM: 56 PA: testa M: retilíneo da esquerda para a direita OR: para dentro</p> <p>Logo em seguida realiza-se o signo gestual de O QUÊ?</p> <p>CM: 39 PA: espaço neutro M: sem M OR: para fora ENM: sobrelhas arqueadas para baixo com expressão de interrogação</p>



Quadro 45 – Expressões interrogativas

[conclusão]

 <p>COMO?</p>	<p>CM: mãos ativas em O8 PA: espaço neutro M: retilíneo para cima e para baixo OR: para cima ENM: cara fechada, rosto retraído e sobrancelhas arqueadas</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nos exemplos citados, todas as expressões interrogativas têm por intenção obter informações adicionais sobre algo, logo, as ENM complementam os signos gestuais, reforçam o questionamento para se obter maiores informações a respeito do que se deseja saber. A ENM é imprescindível nessa sentença, pois é a complementação do signo gestual. Na realidade, são marcas não manuais que, em um discurso verbo-visual, segundo Felipe (2013, p. 69), “[...] são essenciais para a completude do enunciado sinalizado para o interlocutor”.

As outras sentenças interrogativas são formuladas de modo a obter, simplesmente, a confirmação ou a negação a respeito de algo, como: Você quer água? [Quadro 46]. Espera-se, com isso, a resposta positiva ou negativa de SIM ou NÃO [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008].

Quadro 46 – Expressão interrogativa: Você quer água?

		
ÁGUA VOCÊ QUERER?		
ÁGUA	VOCÊ	QUERER
CM: 24 PA: queixo M: semicircular para os lados OR: para fora	CM: 49 PA: espaço neutro M: sem movimento OR: para baixo	CM: 15 PA: espaço neutro M: retilíneo para fora e para dentro OR: para cima ENM: depende do contexto

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Observamos que, primeiro, o enunciador cita a bebida, depois questiona se o interlocutor a deseja, sendo que nem sempre o enunciador precisa apontar para o interlocutor para realizar a pergunta, apenas o olhar direto denota a quem o enunciador está remetendo a pergunta. Neste caso, utilizamos o exemplo da água; poderia, contudo, ser um alimento, um objeto etc.

Outras formas de sentenças citadas por Quadros, Pizzio e Rezende [2008] são as condicionais, aquelas que estabelecem uma condição para realizar outra ação, como no caso da sentença: Se chover, eu não vou à festa [Quadro 47]. A condição na sentença é não chover, para que a pessoa vá à festa [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008]. Aqui, a negação da cabeça é simultânea à realização do verbo IR, o que denota a negação na sentença.

Quadro 47 – Se chover, eu não vou à festa



SI CHOVER FESTA IR-NÃO

SE	CHUVA	FESTA	IR-NÃO
<p>CM: mão inicial em [69] e final em [65] PA: espaço neutro M: semicircular para fora OR: para fora ENM: sobrançelas levantadas e boca cerrada</p>	<p>CM: 15 PA: espaço neutro M: retilíneo para baixo e para cima OR: para baixo</p>	<p>CM: mãos ativas em [05] PA: espaço neutro ao lado da cabeça M: semicircular para dentro OR: para fora</p>	<p>CM: 49 PA: espaço neutro M: semicircular para fora OR: para baixo ENM: negação com a cabeça</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022]

Neste caso, a partícula “se” encontra-se presente na frase em português. Como na frase, ela assume papel de conjunção subordinativa condicional, sendo sinalizada na Libras por meio da datilologia “S-I”, também sinalizando a condição para algo. Após sinalizá-la, o enunciador realiza o signo gestual de CHOVER, o que complementa o início da sentença condicional, ou seja, S-I CHOVER, para, em seguida, destacar ao interlocutor o lugar ou evento do qual está a se referir a condição, neste caso a FESTA; na sequência, finaliza a sentença com o signo gestual de IR-NÃO, que, na situação, está relacionado à condição inicial de CHUVA. Na sentença, o signo gestual de primeira pessoa do singular está inserido no verbo IR-NÃO, a direcionar o sujeito da sentença, aquele que não irá à festa; e a ENM realizada com a cabeça permite ao interlocutor compreender que o enunciador não irá à festa devido à chuva.

Além das sentenças afirmativas, negativas e condicionais, há também as relativas, nas quais o enunciador tende a inserir explicações ou informações relativas ao que está sendo anunciado [Quadros; Pizzio;

Rezende, 2008]. Na língua portuguesa, o enunciador utiliza o termo QUE para contextualizar a sentença à sua relação pretendida. Na Libras, o enunciador não emprega um sinal relativo na marcação dessa sentença, apenas a ENM, neste caso, a elevação das sobrancelhas, de modo a caracterizar a expressão QUE, como no exemplo do Quadro 48: A menina que caiu da bicicleta está no hospital [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008].

Quadro 48 – Sentença relativa: a menina que caiu da bicicleta está no hospital



MENINA CAIR-DA-BICICLETA FICAR HOSPITAL		
MULHER + PEQUENA: MENINA	Primeiro sinaliza-se o objeto BICICLETA	FICAR
Primeiro sinaliza-se MULHER CM: mão ativa em [68] PA: bochecha M: retilíneo para frente OR: para fora	CM: mãos em 69 PA: espaço neutro M: circular OR: para baixo	CM: 64 PA: espaço neutro M: sem M OR: para baixo
Depois sinaliza-se PEQUENA CM: 01 PA: espaço neutro M: retilíneo para baixo OR: para baixo	Depois realiza-se o movimento de CAIR-DA-BICICLETA que ocorre para o lado, sem alterar a CM, PA e OR.	Depois sinaliza-se HOSPITAL CM: 49 PA: testa M: flexionar o punho direcionando o dedo indicador para cima e para o lado OR: para fora e para baixo

Fonte: Elaborado pelos autores [2022]

No exemplo da sentença relativa, primeiro cita-se o sujeito, a MENINA [neste caso, trata-se de um signo gestual composto de MULHER + PEQUENA: MENINA]. Depois, localiza o objeto em que a menina está: a BICICLETA; logo em seguida, a ação da menina caindo da bicicleta. Trata-se de uma flexão de aspecto verbal, pois envolve extensão do M da ação de estar andando de bicicleta, e, em seguida, a menina caindo com a bicicleta, logo, o verbo CAIR está incorporado ao objeto e ao sujeito. A ação de CAIR-DA-BICICLETA ocorre depois de apresentar o objeto, e a CM continua a mesma em [S]. O

que altera, no caso, é o M, que antes era circular. As mãos param na mesma posição, ambas realizam um M semicircular para o lado, a demonstrar que a menina está com as mãos no guidão e, então, cai com a bicicleta. As sobrancelhas levantadas durante a ação de CAIR e na sinalização de FICAR revelam ao interlocutor que a menina ficou no hospital, devido ao tombo de bicicleta. De acordo com Ludwig [2020], nesse exemplo, a MENINA é o substantivo modificado pela oração relativa CAIR-DA-BICICLETA. A marcação não manual realizada com o levantamento das sobrancelhas é estendida sobre toda a sentença relativa.

Há também sentenças cujas construções utilizam tópicos. Trata-se, conforme Quadros, Pizzio e Rezende [2008], de uma forma diferenciada de organizar o discurso, citando inicialmente o tópico, para, então, contextualizar o assunto do discurso. Para citar um exemplo, utilizamos o empregado pelas autoras: “Frutas, eu gosto de banana”. Logo, a sentença em Libras fica: FRUTAS, EU-GOSTAR BANANA [Quadro 49].

Quadro 49 – Sentença com construção de tópico: Frutas, eu gosto de banana

FRUTAS, EU-GOSTAR BANANA		
Para o signo gestual de FRUTAS, sinaliza-se primeiro MAÇÃ CM: 12 PA: boca M: retilíneo para cima e para baixo OR: para dentro Depois sinaliza-se VÁRIOS CM: mãos ativas em [21] PA: espaço neutro M: retilíneo para fora, raspando os dedos OR: para dentro	GOSTAR CM: 02 PA: peito M: circular esfregando a palma no peito OR: para dentro ENM: satisfação	BANANA CM: mão passiva em [49] e ativa em [67] PA: mão passiva M: semicircular para todos os lados OR: para baixo

Fonte: Elaborado pelos autores [2022]

Nessa sentença, primeiro o enunciador aponta sobre qual tema ou tópico está a tratar no discurso, neste caso, FRUTAS. O signo gestual de FRUTAS é constituído pela junção de MAÇÃ + VÁRIOS. Posteriormente, o enunciador sinaliza GOSTAR. O enunciador pode, neste caso, apontar para si ou, se preferir, não fazer referência a si mesmo, posto que sua afirmação, com a EF e possível M afirmativo com a cabeça, denota que está a falar de si. Além disso, a não referência a outro indivíduo reforça que o sujeito da enunciação é o próprio enunciador. Termina, então, a sentença caracterizando a fruta do qual gosta, no caso, BANANA.

Além dos estilos de sentenças descritas, há também as construções com foco, situação em que uma nova informação é introduzida no discurso, de modo a estabelecer contraste ou enfatizar e adicionar algo [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008]. Em um exemplo, se o interlocutor disser: “Maria comprou o carro”, e a informação for equivocada, o enunciador pode

retificar a informação: “Não, Paulo comprou o carro”. Nessa circunstância, Paulo será o foco do discurso [Quadros; Pizzio; Rezende, 2008] [Quadro 50].

Quadro 50 – Sentença com construção com foco

<p>M-A-R-I-A COMPRAR CARRO.</p>
<p>NÃO P-A-U-L-O COMPRAR CARRO.</p>
<p>Sinalização datilológica do nome de M-A-R-I-A, depois sinaliza-se COMPRAR:</p>
<p>CM: mão passiva em [02] e ativa inicial em [67] e final em [24] PA: mão passiva M: semicircular tocando a mão passiva OR: para fora ENM: sem</p>
<p>Após, sinaliza-se o signo gestual de CARRO de modo afirmativo. Posteriormente, sinaliza-se NÃO, o nome de P-A-U-L-O em datilologia, o signo gestual de COMPRAR e CARRO.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022]

No último exemplo de sentenças, observa-se a negação presente na construção com foco. Primeiro, o enunciador realiza a sinalização da sentença “Maria comprou o carro”. Na Libras, os nomes próprios são apresentados por datilologia, logo, o sujeito inicial é M-A-R-I-A. Em seguida, sinaliza-se o signo gestual de COMPRAR, finalizando com o signo gestual de CARRO. A retificação da sentença é feita logo em seguida,

primeiro pela negação realizada com o dedo indicador e, a seguir, pela referência datilológica de P-A-U-L-O, o sujeito que realmente comprou o carro, sinalizando novamente os signos gestuais de COMPRAR e CARRO. Observa-se que, na segunda sentença, o enunciador demonstra o equívoco no discurso pela negação; após, introduz um novo foco, no caso, Paulo, pessoa que realmente comprou o carro.

Além dessa configuração das sentenças, na Libras, os locativos temporais, que se apresentam entre si pelas relações espaciais, são os responsáveis pela expressão de tempo nos enunciados [Teixeira; Leitão, 2013]. De acordo com Finau [2004, p. 40], “[...] esses sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vêm seguidos de uma marca de passado [movimento para trás], futuro [movimento para frente] ou presente [movimento no plano do corpo]”, como se estivessem se valendo de linhas temporais imaginárias dentro do espaço de sinalização. Contudo, “[...] é possível descrevê-los sem recorrer à hipótese das linhas, desde que seja observada a direção do movimento, [...]” [Finau, 2004, p. 64]. Além disso, são caracterizados por ENM que envolvem o abaixamento ou levantamento das sobrançelas, assim como o movimento dos olhos, além da posição da boca. Por sua vez, enquanto PASSADO e FUTURO são operadores temporais específicos, AGORA/HOJE são apresentados como advérbios temporais [Finau, 2008]. Apresentamos as possibilidades de uso desses locativos [Finau, 2008; Teixeira; Leitão, 2013], a acrescentarmos outras variantes.

Quadro 51 – Locativos temporais: PASSADO DISTANTE

	
<p>CM: 02 PA: acima do ombro M: semicircular para frente e para trás OR: para fora ENM: lábios cerrados, sobrancelhas arqueadas para baixo e olhos brevemente fechados.</p>	<p>CM: 40 PA: acima do ombro M: semicircular começando à frente do ombro e terminando atrás OR: para fora ENM: lábios cerrados, sobrancelhas arqueadas para baixo e olhos brevemente fechados.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Nos primeiros exemplos, pontuamos os signos gestuais para PASSADO DISTANTE (Quadro 51). Observa-se, nas imagens, que ampliamos o espaço de realização, a sinalizar o signo gestual mais para trás do ombro. Nesses casos, atenta-se para a flexão aspectual pela alteração do M, ou seja, o M é ampliado, além da flexão no emprego de operador (Finau, 2008). Empregamos uma ENM mais fechada, olhos entreabertos, lábios cerrados e as sobrancelhas arqueadas para baixo, a reforçar o valor de “há muito tempo”, em relação ao evento ou ao fato ocorrido. Acrescentamos outra variante em que o enunciador estala os dedos, num M semicircular, iniciando à frente do ombro e terminando atrás do ombro. A diferença entre os signos gestuais encontra-se na CM, M e OR. Embora sejam significantes diferentes, possuem a mesma significação.

No próximo exemplo, os signos gestuais referem-se a PASSADO MAIS RECENTE ou PASSADO, que, para Finau (2008), possui operador temporal específico, além da relação com a aspectualidade da sentença. De acordo com Teixeira e Leitão (2013), esse tempo é representado pelo movimento curto sobre o ombro, espaço imediatamente anterior ao ouvido ou ainda pelo uso do signo gestual de ONTEM (Quadro 52).

Quadro 52 – Locativos temporais: PASSADO

 <p style="text-align: center;">PASSADO RECENTE</p>	 <p style="text-align: center;">ONTEM</p>
<p>CM: 02 PA: acima do ombro M: semicircular para frente e para trás OR: para baixo ENM: expressão fechada com fricção leve dos lábios</p>	<p>CM: 24 PA: acima do ombro M: semicircular para frente e para trás OR: para baixo ENM: expressão fechada com fricção leve dos lábios</p>

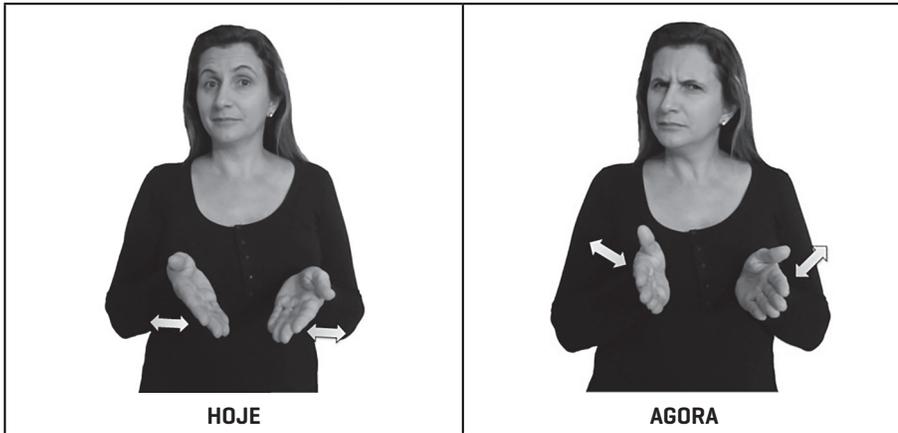
Fonte: Elaborado pelos autores [2022]

No PASSADO RECENTE, há três possibilidades. A primeira consiste na mesma sinalização de passado mais distante, contudo aplica-se um M mais curto para trás, além da expressão menos fechada, novamente a marcar uma valoração, porém mais próxima, algo que ocorreu recentemente, de modo que se pode observar pela sinalização com uma OR voltada mais para baixo do que para trás. A segunda possibilidade é o uso do signo gestual de ONTEM, que também retrata temporalidade para passado recente. Nesse caso, não há emprego da expressão facial nem da corporal, diferente do PASSADO DISTANTE e PASSADO RECENTE, cujo levantamento dos ombros auxilia na compreensão de algo que ficou para trás, constituindo uma ação já ocorrida. A expressão corporal é mais visível no primeiro e, no segundo, mais restrita. Finau [2008] ressalta, além desses, o signo gestual de ANTEONTEM. Nesse exemplo, o signo gestual tem o mesmo PA, mesma OR, mesmo M inicial, sem ENM de ONTEM, concentrando-se a diferença na CM final. Primeiro, sinaliza-se ONTEM; em seguida, acrescenta-se o dedo médio, com essa CM final [26], a realizar novamente o mesmo M semicircular para trás.

Quanto aos signos gestuais para PRESENTE, as autoras apresentam a relação com a actualidade da sentença, com representação por meio

do plano vertical em frente ao corpo do locutor, a partir da sinalização de HOJE e AGORA [Teixeira; Leitão, 2013; Finau, 2004, 2008] [Quadro 53].

Quadro 53 – Locativos temporais: PRESENTE

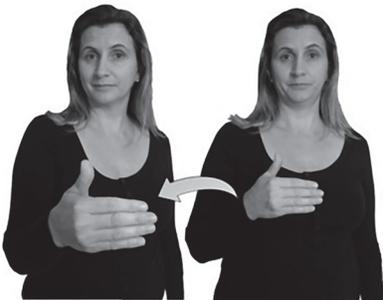


Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Ambos os signos gestuais são advérbios temporais; possuem CM [02], além do mesmo PA, que é o espaço neutro, e a mesma OR para cima. A diferença entre eles apresenta-se no M, pois HOJE é retilíneo para fora e para dentro; em AGORA, as mãos em diagonal exigem também um M retilíneo em diagonal, para cima e para baixo, a empregar certa ênfase à temporalidade. Além disso, ocorre o emprego da ENM mais acentuada em AGORA, por ser uma expressão que se refere ao momento, a imprimir certa urgência.

Para FUTURO, Teixeira e Leitão [2013] e Finau [2004, 2008] enfatizam a flexão aspectual por alteração do movimento. No caso de FUTURO PRÓXIMO, o M empregado é curto, a demonstrar que está perto, próximo de ocorrer. Quanto à direção, além de ser para frente, pode também ser mais para cima. Em FUTURO DISTANTE, ocorre uma amplitude no M, junto com a EF ou emprego de operador, que, do mesmo modo, podem receber flexão. Citamos quatro exemplos, dois pontuados pelas autoras e duas variantes por nós [Quadro 54].

Quadro 54 – Locativos temporais: FUTURO

 <p>FUTURO PRÓXIMO</p> <p>CM: 75 PA: à frente do corpo M: semicircular para frente OR: para dentro ENM: expressão fechada</p>	 <p>FUTURO PRÓXIMO [Signo gestual FUTURO]</p> <p>CM: 19 PA: à frente do corpo M: semicircular para frente OR: para dentro ENM: expressão fechada</p>
 <p>FUTURO DISTANTE</p>	 <p>FUTURO DISTANTE [Signo gestual FUTURO]</p>

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

O FUTURO PRÓXIMO é indicado por um curto M direcionado para frente do enunciador, enquanto que, em FUTURO DISTANTE, o M é amplo, afastando-se de modo a representar algo que está muito distante. Na variante de FUTURO DISTANTE, também se aplica a mesma regra de amplitude do M, a diferença está na CM que se utiliza do signo gestual FUTURO, com a CM 19, em vez da CM 75. Essa CM [19] é empregada na variante para FUTURO PRÓXIMO.

Esses exemplos permitem ao enunciador destacar, durante o discurso, em que tempo os fatos estão a ocorrer, “assim, na Libras, como não parece haver flexão gramatical para tempo, a noção de temporalidade pode ser explicada por essa composicionalidade do sistema de referência temporal e aspectual” (Finau, 2008, p. 269). Ademais, como cita a autora, existem alguns signos gestuais que utilizamos também para determinar flexões especiais para diferenciar a graduação aspectual entre os eventos no tempo, como os dias da semana, os meses e as estações do ano, a ordenação [primeiro, segundo], entre outros.

Capítulo 8

O uso das expressões idiomáticas, figuras de linguagem, ironias e gírias em Libras

Assim como as línguas orais, as línguas sinalizadas se organizam a partir de uma gramática específica. Para Santos e Tiné (2018), a estrutura gramatical realiza-se a partir de elementos constitutivos de signos gestuais, que, ao seguirem os princípios básicos gerais da língua, se apresentam de forma peculiar em todos os níveis linguísticos, além de apresentarem componentes pragmáticos convencionais. São esses componentes que permitem aos sinalizantes, nas diversas situações do cotidiano, expressar tanto sentidos metafóricos, quanto ironias e significados não literais. Adequa-se a essa realidade, também, o uso de expressões idiomáticas e as gírias, muito característicos nas línguas orais e presentes nas línguas de sinais.

Como reitera Silva (2015, p. 32), “a língua está associada à tradução cultural, assim, seu processo se adequa à pragmática, dependendo do contexto relacionado aos grupos sociais”. Dessa forma, segundo Cruz (2020), as variedades socioculturais estão ligadas às características do falante, a pontuar:

[i] idade, pessoas mais jovens tendem a usar mais gírias, por exemplo, do que pessoas mais velhas; [ii] sexo, numa oposição entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher, tais como vocabulário; [iii] profissão, relacionado ao uso de um vocabulário técnico, condizente com a atividade executava [sic] pelo falante; [iv] posição social, em que o status ocupado pelo falante exige um desempenho específico na sua forma de expressão, por exemplo, um chefe de estado e [v] grau de escolaridade [Cruz, 2020, p. 31].

As variedades socioculturais também estão intimamente relacionadas à situação, isto é, ao momento da interação em que o discurso se materializa, o lugar, assim como as relações entre os interlocutores, a gerar dois níveis de fala de registro: o formal, em situações de formalidade,

e o informal, em situações mais familiares [Cruz, 2020]. Durante um discurso formal, a linguagem corporal é praticamente restrita, ganhando proporções nos discursos informais, a partir da prosódia¹ da linguagem corporal, pois

[...] é um conjunto de expressões visuais e corporais presentes no contato face a face, que constituem um elemento semelhante a um traço que atribui qualidade do movimento em um sinal percebido no mesmo momento em que o significado da palavra/sinal é compreendido, ou seja, captamos o sentido do enunciado também via gestos corporais no próprio contato visual, em que emoção e atitude estão incorporadas ao movimento na comunicação dos interlocutores [Goes, 2019, p. 24].

Em ambas as modalidades de línguas, a prosódia, assim como o emprego de um discurso formal ou informal, é constituída de regras próprias que permitem tanto a produção de enunciados, como a sua compreensão, desde que as expressões utilizadas sejam de conhecimento do auditório. Para Silva [2015, p. 31], “[...] se a língua falada não possui um único modo de falar, a língua de sinais segue seu estatuto linguístico de modo também criativo, com suas diversidades de usuários, os quais adotam seus distintos modos de comunicação diversificados em relação à norma-padrão”. Assim como os surdos não conseguem muitas vezes compreender determinadas gírias, metáforas e ironias utilizadas pelos ouvintes, os ouvintes também passam pela mesma situação em relação aos surdos [Silva, 2015].

A linguagem está intimamente relacionada ao desenvolvimento cultural e aos conhecimentos, experiências que o ser humano adquire ao longo da vida, com interlocutores de diferentes regiões, nacionalidades, culturas, línguas etc. Tais aspectos contribuem na evolução linguística e cultural das pessoas, tornando-as capazes de se expressar nas práticas sociais, aptas à comunicação [Monte, 2016]. Justamente pela comunicação que expressamos sentimentos, ideias, produzimos discursos e buscamos compreender e nos fazer compreender. Assim, nessa comunicação diária, as figuras de linguagem, as ironias, as gírias, as expressões idiomáticas são fixadas como formas de interação entre os grupos, na maioria das

¹ De acordo com Goes [2019], os estudos sobre a prosódia sempre foram baseados nas línguas orais. Sua origem, na Grécia Antiga, estava relacionada aos aspectos da fala que não se conseguiam identificar na ortografia, mais associados aos aspectos melódicos da linguagem, passando a denotar distinções de acentos. Atualmente, a prosódia é importante para a linguística, pois, por meio dela, seja no conjunto com outros fatores linguísticos, ou, ainda, sozinha, torna-se possível reconhecer a crítica, a ironia, o sarcasmo, o desprezo, a dúvida, além das emoções e outras características e atitudes do locutor.

vezes, sendo tão reproduzidas que adquirem status de modo a serem reconhecidas não só no grupo em que foram criadas, mas na comunidade, na região, no país de origem.

As figuras de linguagem talvez sejam as expressões mais utilizadas no cotidiano dos ouvintes, entretanto, para os surdos, o seu uso decorre de empréstimo cultural e linguístico dos ouvintes, não sendo expressões utilizadas corriqueiramente pelos surdos nas línguas de sinais. Como exemplo, embora exista o signo gestual de CADEIRA, sua origem não remete às suas características, mas, sim, ao verbo SENTAR, por isso que ambos utilizam os mesmos parâmetros, com a diferença de que, para o verbo, ocorre a extensão do M. Porém, o surdo ao descrever as características de uma cadeira, primeiro sinaliza o signo gestual, depois, por meio de CL, a descreve a partir do contexto de uso da cadeira ou da percepção sobre determinada cadeira, como, por exemplo, a descrição de uma cadeira do consultório médico. Nessa descrição, enfatiza-se do que e como ela é feita, além de caracterizar seus aspectos físicos, como os braços, o encosto etc. Contudo, muito dificilmente se referirá ao signo gestual de BRAÇO, que, na Libras, remete-se ao braço humano, uma vez que, para os surdos, não há ligação entre o braço humano e o braço da cadeira. Nesses casos, ao ocorrer o emprego de figuras de linguagem, ressalta-se aos surdos que, no português, utiliza-se o termo braço para várias coisas, como braço da cadeira, braço de rio, braço humano, assim como para o termo manga, em manga da camisa, a fruta manga, a manga enquanto abreviação de mangueira, entre outros exemplos. Para melhor exemplificar como ocorre no português e na língua de sinais, no Quadro 55, trouxemos alguns exemplos de figuras de linguagem, seus significados, os signos gestuais na Libras e a descrição de cada signo gestual.

Quadro 55 – Figuras de linguagem e a versão em Libras

EXPRESSÕES/ SIGNIFICADOS	LIBRAS	DESCRIÇÃO
Encher linguíça: Enrolação		CM: mãos em [49] PA: espaço neutro M: circular OR: para baixo ENM: manter um dos olhos, entreaberto e os lábios cerrados. Pode-se realizar o signo gestual à frente do corpo ou do lado.
Viajar na maionese: Distraído		CM: 05 PA: ao lado da têmpora M: retilíneo para cima com M tremular dos dedos OR: para fora ENM: expressão facial de distante
Entregar os pontos: Desistir		CM: mãos em [59] PA: espaço neutro M: semicircular para baixo OR: para baixo ENM: EF de desânimo, tristeza;
Batata assando: Problema		CM: mãos em [24] PA: mão passiva M: semicircular para fora OR: para dentro ENM: EF de preocupação

Fonte: Elaborado pelos autores [2022].

Mesmo que na Libras exista signo gestual para referenciar o significado da figura de linguagem, uma vez que na sinalização o adequado é a explicação do significado e não a tradução literal, a maior dificuldade para os surdos refere-se à compreensão na parte escrita das figuras de linguagem, pois é exigido dos surdos conhecimentos de cunho cultural e linguísticos próprios dos ouvintes, que nem sempre os surdos possuem. Nesse aspecto,

[...] ao realizar um ato linguístico possui-se a intenção de comunicar algo a alguém. Com a mensagem transmitida espera-se um *feedback*, ou seja, deseja-se que o receptor compreenda-a e de alguma forma demonstre essa compreensão, seja explicando o que entendeu ou apenas com um simples gesto, um acenar com a cabeça, por exemplo (Monte, 2016, p. 5).

Compreender o enunciado é um dos apontamentos defendidos pelo Círculo de Bakhtin, pois o discurso só ocorre com a participação do eu e do outro. Mesmo que os envolvidos no discurso possam ter intimidade, a ponto de se conhecerem profundamente, isto não garante que ocorra compreensão do enunciado, pois a compreensão responsiva consiste na conexão existente entre compreensão e escuta, isto é, “[...] escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente; por meio da compreensão e ‘pensamento participante’ [...]” (Bahktin, 2010, p. 7). Nesse sentido, o pensamento participativo é a compreensão emotivo-volitiva do existir, ou seja, sem compreensão, o discurso torna-se empobrecido, não havendo diálogo.

É por este motivo que, para os surdos estarem imersos na cultura ouvinte, reverbera-se a importância dos ouvintes envolverem os surdos em situações culturais e linguísticas diversas. Para tanto, existe a dependência dos surdos em relação aos ouvintes, já que aqueles só têm acesso a uma cultura, à sua imersão, do mesmo modo que ocorre com a linguagem falada. Contudo, nem sempre os ouvintes compreendem a diferença linguística dos surdos, nem sempre aceitam a língua de sinais. Outro fator relevante é a inclusão dos surdos ainda ser um processo que precisa de abertura social. É justamente essa abertura que permite que ambas as culturas e línguas sejam reconhecidas como relevantes, permitindo aos ouvintes e surdos também compreenderem que certas metáforas são inapropriadas de uso, como no exemplo citado por Pereira (2007) a respeito do termo “silêncio”. O termo era utilizado pelos surdos para descreverem seus grupos culturais

ou, ainda, se descreverem. Atualmente, o termo foi substituído pela visão, pois silêncio não é uma palavra da cultura surda, refere-se a uma metáfora importada da cultura ouvinte, “[...] uma vez que, do ponto de vista dos surdos congênitos, não há como faltar um sentido que nunca foi experimentado. A metaforização da visão representa o que há de mais autêntico em termos da experiência perceptiva dos surdos” (Pereira, 2007, p. 67). O exemplo denota a importância de como os conhecimentos culturais e linguísticos contribuem para o desenvolvimento cultural e social dos indivíduos.

Pela modalidade visual-gestual, os surdos possuem mais facilidade de compreender as figuras de linguagem imagéticas, embora estas também exijam determinados conhecimentos que, muitas vezes, os surdos não possuem em razão da diferença linguística, das dificuldades com o português escrito ou, ainda, da falta de acessibilidade aos meios de informação. De acordo com Bidarra e Reis (2013, p. 153), “[...] tudo o que é passível de significado é considerado um texto, algo que vai desde o escrito, passando pela imagem até um objeto. Nessa nossa concepção, quem o produziu, o fez com intenções e objetivos a serem atingidos”.

Além das figuras de linguagem, as expressões idiomáticas e a ironia são recursos linguísticos que também são utilizadas pelos surdos. Podemos referenciar que a ironia, por meio da prosódia, seja expressa pelos surdos com maior ênfase, contudo nem sempre será compreendida no português escrito. Ao contrário, as gírias são elementos da comunicação que são comumente utilizados por ouvintes e surdos, pois não se trata de um empréstimo linguístico, mas, sim, de um elemento muito característico das línguas, a permitir aos surdos serem sujeitos ativos da sua cultura, da sua língua, a criar e utilizá-la ao acharem conveniente. Cruz (2020) e Silva (2015) destacam o quanto as gírias são representativas para os surdos, pois é um recurso de expressão muito pertinente, capaz de expressar críticas, ironias, desprezo e humor, funcionando “[...] como um mecanismo de compensação, pois nela o grupo social encontra uma das formas de extravasar sua revolta e frustração em relação às injustiças sociais” (Cruz, 2020, p. 37). Além disso, os surdos conseguem expor o contexto narrativo de seus enunciados, preconizando, durante a sinalização, detalhes minuciosos sobre enredo, cenário, expressões e deslocamento corporal de modo a identificar o sujeito, entre outros recursos (Silva, 2015). Os autores realçam alguns exemplos de gírias utilizadas no Brasil entre surdos do Rio Grande do Norte (RN) [Quadro 56].

Quadro 56 – Gírias em Libras do Rio Grande do Norte

 <p data-bbox="223 534 438 560">Fica tranquilo, relaxa!</p>	<p>Descrição: A pessoa está tentando transmitir tranquilidade para o outro, como se dissesse: Calma! Relaxe! Fica tranquilo!</p> <p>Mão espalmada e dedos anelar, médio e indicador, virando para baixo. Movimenta este sinal para direita e esquerda umas 3 vezes. Em conexão, apresentam-se os sinais faciais seguidos do morfema-boca, compondo a elaboração dos sinais.</p>
 <p data-bbox="199 918 462 944">Esperto, sagaz, astucioso!</p>	<p>Descrição: A pessoa é esperta, sagaz, astuciosa. A percepção de que o interlocutor pode ter é referente ao agente secreto. É o sentido da mesma situação do contexto da comunidade surda, aspectos de esperto. Sinal que configura os números zero, zero, sete, elaborados em frente ao peito, reforçado pela expressão facial em conexão com o morfema boca, configurado inicialmente pelos lábios contraídos e, posteriormente, com o lábio inferior soltando o ar.</p>

Fonte: Silva [2015].

De acordo com Silva [2015], existem dois tipos de gírias, a interna e a externa. A primeira é associada às pessoas e aos seus próprios grupos, cuja interação e nível social criam signos gestuais diversos, os quais são utilizados no convívio, em situações pragmáticas. Caracteriza-se pelo uso do eufemismo, principalmente quando os enunciados são intensos, gerando humor ou palavrões, assuntos que exigem, de certa forma, sigilo e sutileza, apresentando-se de forma mais abreviada.

A gíria externa é determinada por dois tipos de empréstimos linguísticos: um da própria comunidade surda; o outro da comunidade ouvinte. Os empréstimos decorrem de termos mais despojados, menos técnicos, utilizados no cotidiano dos ouvintes. Tais empréstimos são aproveitados, adaptados e transformados para a língua de sinais, como no exemplo de OXI [Imagem 2]. Cita-se a influência exercida também de gírias

e palavras de outros estados e países, em consequência da integração das associações de surdos [Silva, 2015].

Imagem 2 – Gíria externa utilizada no Rio Grande do Norte: OXI



Fonte: Silva [2015].

Segundo o autor, há o aproveitamento da palavra da língua portuguesa para a gíria na Libras. A expressão da gíria significa: “A pessoa está muito surpresa”, e é realizada pela datilologia da palavra, conforme abreviação, do mesmo modo como há gírias em que apenas a EFC é suficiente para transmitir o sentido. Nos estudos de Cruz [2020], os dois exemplos de gírias são utilizados por surdos de Tocantins [Quadro 57].

Quadro 57 – Gírias em Libras de Tocantins

 <p style="text-align: center;">INTOLERÂNCIA</p>	<p>O signo gestual é bimanual, simétrico, possui configuração de mão com o dedo médio flexionado, em contato com o polegar, e os demais dedos estendidos. A palma da mão dominante está voltada para medial. A região lateral dos polegares faz contato com a região temporal da cabeça. O dedo médio faz um movimento de extensão, de forma a perder o contato com o polegar. Durante o movimento do indicador, as bochechas estão infladas de ar. O ar é liberado de forma explosiva, de forma a mimetizar uma explosão.</p>
 <p style="text-align: center;">SOLTEIRO</p>	<p>Signo gestual bimanual, simétrico, e possui configuração de mão com os dedos indicador e polegar estendidos e os demais fletidos. A palma da mão está voltada para medial. As mãos fazem um movimento simultâneo, a simular o movimento de uma arma de grande calibre, ao atirar; um movimento abrupto para trás e para frente. A disposição da face assume uma configuração de forma a simular o barulho de uma arma disparando.</p>

Fonte: Cruz [2020].

Segundo Cruz [2020], neste caso não ocorrem empréstimos da língua portuguesa em razão das regras internas do grupo, que, além de não utilizar empréstimos, também não aceita a participação de ouvintes no grupo. Outrossim, a cultura e os valores específicos tomam como princípio uma visão de mundo cuja emergência atrela-se à circulação de um registro específico da Libras. O ingresso nesse grupo é compreendido como uma imersão em um mundo diferente, específico, no mundo do outro, em que há experiências e valores próprios do coletivo, que sustentam a rede de interação e a criação das gírias.

Embora muitos grupos interajam e criem suas próprias gírias, preconizando a cultura do lugar e de seus usuários apenas, há grupos, como o citado por Cruz [2020], que restringem o uso das gírias criadas somente para seus membros. Existem, entretanto, gírias que, apesar de

utilizadas em determinadas regiões, não são reconhecidas em outras por não fazerem parte da cultura local, nem ser habitual o seu uso. Há, porém, muitas gírias conhecidas as quais a comunidade surda utiliza em qualquer região, indiferentemente da questão cultural, como por exemplo, LADRÃO, já citada, além das gírias “007” e “levar o cano”, e um exemplo de signo gestual, que se torna gíria, dependendo do contexto de interação: “esquentado” [Quadro 58].

Quadro 58 – Gírias em Libras: “007”, “Levar o cano” e “Esquentado”

 <p>expressão de “nossa!” boca em “u”</p> <p>1 Mão direita em “o”, com palma voltada para a esquerda</p>	 <p>2 Deslizar a mão para a direita, mantendo a mesma posição em “o”</p>	 <p>3 Com a mão na altura do ombro, fazer o sinal de “7”</p>
 <p>mão em “s” expressão negativa</p> <p>1 Mão esquerda em “s”, palma voltada para baixo, apontando para a direita</p>	 <p>mão em “y”</p> <p>2 Mão direita em “y”, palma voltada para trás, à frente da mão esquerda</p>	 <p>3 Mover a mão esquerda para trás, até o mindinho tocar o queixo</p>
 <p>expressão de raiva mão em “x” mão em “s”</p> <p>1 Mão esquerda em “s”, palma voltada para cima. A mão direita em “x”, com palma voltada para baixo</p>	 <p>2 Esfregar a ponta do dedo indicador direito no antebraço esquerdo, de cima para baixo, indicando irritação ou nervosismo</p>	

Fonte: Hirata [2019].

A maioria das gírias consiste de termos muito utilizados pelos ouvintes. Tais termos, carregados de valoração, são apropriados pelos surdos em forma de gírias. O uso das expressões faciais garante ao interlocutor a compreensão a respeito das características e as peculiaridades atribuídas àquela determinada gíria, como se observa na expressão “nossa”, por meio da boca em “u” e olhos arregalados, referindo-se à pessoa esperta, inteligente, malandra. O mesmo acontece na expressão de indignação ao levar um desagrado de alguém, ou mesmo, na expressão de raiva, a salientar a principal característica de quem é esquentado, esquentadinho, termo muito utilizado pelos ouvintes.

A linguagem e a cultura ouvinte são muito determinantes na constituição linguística e cultural dos surdos, influenciando desde os primeiros signos gestuais criados, até hoje, com o emprego de gestos, expressões e terminologias muitas vezes baseados na imagem dos referentes, como pode-se observar nas gírias da Figura 17.

Figura 17 – Gírias com gestos e expressões idênticas em Libras e Língua Portuguesa



Fonte: Hirata [2019].

Esses termos, habitualmente utilizados no dia a dia dos ouvintes, assumiram, nas línguas de sinais, expressões e signos peculiares, que se mantiveram ao longo da história, tornando-se conhecidos e utilizados em todo o país, decorrentes de outras línguas, como no exemplo do signo gestual OVO, que, sob influência da LSF, até hoje é mantido e utilizado no

Brasil. É evidente que, aos poucos, mudanças sociais, históricas e culturais determinam o uso de certos termos ou signos gestuais, que deixam de ser utilizados ou são substituídos por outros. Esse fato se observa na constituição dos signos gestuais na Libras, cuja carga cultural ouvinte empregada foi sendo substituída pelas peculiaridades da cultura surda, que, em suma, também não deixa de expressar a valoração imprimida pela cultura ouvinte, como nos exemplos de ÁGUA e CAFÉ.

A partir da contextualização em torno dos aspectos linguísticos que constituem a Libras enquanto língua da comunidade surda, nossas análises tomam como princípio a perspectiva do Dialogismo, a relacionar a forma de comunicação e expressão utilizada pelos surdos, já reconhecida como língua, mas que, a partir dos aspectos axiológicos, nos conduzem a observações mais apuradas sobre os elementos que estão implícitos nos discursos, imprescindíveis à compreensão dos enunciados produzidos em interação discursiva.

Referências

ABEL, J. L. M. **Gênios da pintura na pré-história?** Um estudo sobre a produção artística. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Antropologia. Linha de Formação em Arqueologia] - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/antropologia/files/2019/09/JORGE-ABEL.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ALBRES, N. A.; AMBROZIO, A. N.; ALENCAR, S. C.; NASCIMENTO, V. A. Quando o corpo dá vida aos objetos: antropomorfismo na tradução para língua brasileira de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 5-19, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/52049>. Acesso em: 12 fev. 2022.

ALFABETO manual em outras línguas de sinais. Blog L. S. Jaguar, 8 abr. 2016. Disponível em: <http://lsjaguar.blogspot.com/2016/04/alfabeto-manual-em-outras-linguas-de.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ALVES, E. G.; FRASSETTO, S. S. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. **Aletheia**, Canoas, n. 46, p. 211-221, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n46/n46a17.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

ANJOS-COIMBRA, S. O. P. Antropomorfismo e o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 114-135, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/37158>. Acesso em: 18 mar. 2022.

ARAUJO, A. D. S. **As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. Dissertação [Mestrado em Linguística] - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14621/1/2013_AdrianaDiasSambraneldeAraujo.pdf. Acesso em: 2 abr. 2022.

ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.

15, n. 4, p. 695-703, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/pe/a/56TPvnKLPrG7GP8XFjX8tms/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2022.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 140 p.

BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006. 204 p.

BARBOSA, M. O.; VITORINO, A. F.; DIAS, A. B. Um contexto de inclusão escolar de estudantes surdos em escola regular no sertão alagoano. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 176-192, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016176>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BÉBIAN, R. A. A. **Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets**. Paris: Louis Colas, 1825.

BENTES, J. A. O.; HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21 n. 67, p. 851-874, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rbedu/a/qQBcznjw9WRBBkKWYr65Sss/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BENVENUTO, A.; SÉGUILLON, D. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. **Revista Moara, Estudos Linguísticos**, Belém, n. 45, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3707>. Acesso em: 8 mar. 2022.

BERNARAB, L.; OLIVEIRA, C. S. Estudo da Língua Brasileira dos Sinais e da Língua dos Sinais Francesa através da sua formação e da influência do segundo Congresso Internacional de Milão na educação dos surdos. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 29 a 31 de outubro de 2007, Londrina. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/080.htm>. Acesso em: 6 mar. 2022.

BERNARDINO, E. L. A. lidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b4f746097e5749734cfd433.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. (org.). **Um olhar sobre a diferença: Interação, trabalho e cidadania**. Campinas: SP: Papyrus, 1998. p. 21- 51 [Série Educação Especial].

BIDARRA, J.; REIS, L. S. Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 150-168, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3409>. Acesso em: 11 maio 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS. Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 17 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 4 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. INES. **Alfabeto de Libras e Configurações de mãos**. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação. **Nota Técnica SEESP/GAB/ nº 9, de 09 de abril de 2010**. Orientações para a Organização de Centros de Atendimento Educacional Especializado. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4683-nota-tecnica-n9-centro-ae&Itemid=30192. Acesso em: 7 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. SECADI. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue:** Língua Brasileira de Sinais e LP. Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3120077/mod_folder/content/0/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI.pdf?forcedo . Acesso em: 9 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 25 de agosto de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 2 abr. 2022.

CAPOVILLA, F. C.; MARTINS, A. C.; OLIVEIRA, W. G. S. Criando dicionários de línguas de sinais: modelos iconográfico, linguístico e contemporâneo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 152-169, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v18n2/v18n2a09.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais.** Volume II, Sinais de M a Z. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; TEMOTEO, J. G. A importância do novo Deit-Libras para a educação bilíngue da criança surda. In: ANDREIS-WITKOSKI, S.; FILIETAZ, M. R. P. [org.]. **Educação de surdos em debate.** 1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2014. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3548/1/educacaosurdos.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022. p. 103 -127.

CARVALHO, P. V. O Abade de L'Epée no Século XXI. In: JORNADAS DA LGP: Língua. Ensino, Interpretação. 1., 2012. , Coimbra, ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CHAVEIRO, N. Mitos da Língua de Sinais na Perspectiva de Docentes da Universidade Federal de Goiás. **RVCS D, Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, Rio de Janeiro, v. 05, 2009. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=73>. Acesso em: 26 mar. 2022.

COVEZZI, M. M.; PADILHA, S. J. Contato de línguas no estudo de empréstimos linguísticos: Língua de Sinais Francesa/Libras. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 25, n. 38.1, p. 01-192, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7278>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CRUZ, C. P. **Gírias na língua de sinais brasileira**: processos de criação e contextos de uso. 2020. Dissertação [Mestrado em Letras] - Universidade Federal do Tocantins, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2057>. Acesso em: 8 maio 2022.

CRUZ, S. R.; ARAUJO, D. A. C. A história da educação de alunos com surdez: ampliação de possibilidades? **Revista Educação Especial**, Santa Maria, Brasil, v. 29, n. 55, p. 373-384, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/18832/pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DEDINO, M. L. S. M. Incorporação de numeral na Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. [org.] **Libras em estudo**: descrição e análise. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 123-139. Disponível em: https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/09/2012-07-ALBRES-e-XAVIER_LIBRAS_des_ana.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

DESLOGES, P. A Deaf Person's Observations About an Elementary Course of Education for The Deaf. In: LANE, H.; PHILIP, F. [ed.] **The Deaf Experience**: classics in language and education. Cambridge: Harvard University Press, 1984 [Texto escrito em francês, Paris: Morin, 1779].

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. Dissertação [Mestrado] - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93667/282673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 mar. 2022.

DORZIAT, A.; ARAÚJO, J. R. O intérprete de língua de sinais no contexto da educação inclusiva: o pronunciado e o executado. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 18, n. 3, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/BSxdXLDZpgqF5yTfsbHTW3n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2022.

DUARTE, S. B. R.; CHAVEIRO, N.; FREITAS, A. R.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, p. 1713-1734, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QkzPkkNgwTzG69wJKDzN66p/?format=pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.

ENAP. Escola Nacional de Administração Pública. **Curso Básico de Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4121/4/Apostila%20em%20LIBRAS%20-%20Curso%20B%C3%A1sico%20ENAP%202019.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em língua de sinais brasileira: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 79-118.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese [Doutorado em Linguística] - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, LIP, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>. Acesso em: 28 mar. 2022.

FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais: Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/MJ378DGggYhnmTfCFzh6VRy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 ago. 2022.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. **Educação Temática Digital, ETD**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 1998. Tese [Doutorado em Linguística] - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In: CONGRESSO SURDEZ E PÓS-MODERNIDADE: NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 1., CONGRESSO INTERNACIONAL DO INES, 1., SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 7., 2002, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas, 2002. p. 37-58. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/linguaBrasileiraDeSinaisIII/scos/cap15011/1.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FERREIRA, A. L.; WECK, J. T.; SILVA, J. E. F.; SOUSA, M. F. V.; SANTOS, P. R. A. **Aprendendo Libras**: Módulo 2. Disciplina a distância de Libras/UFRN, Natal: EDUFRN, 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/priticila/modulo-2-libras>. Acesso em: 27 mar. 2022.

FERREIRA, F. A. R. A morfologia em libras. **Cadernos do CNLF**, v. 18, n. 7, p. 317-324, 2014. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Fonética, Fonologia, Ortografia, 2014, Estácio de Sá, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/023.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273p.

FERREIRA, S. R. S.; FERREIRA, M. N. O. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67-98, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/19293>. Acesso em: 15 abr. 2022.

FERREIRA-BRITO, L. **Integração social do surdo**. Trabalhos de Linguística Aplicada, n 7, p. 13-22, 1986.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FESTA, P. S. V.; OLIVEIRA, D. C. Bilinguismo e surdez: conhecendo essa abordagem no Brasil e em outros países. **Ensaios Pedagógicos, Revista eletrônica do curso de Pedagogia das Faculdades OPET**, p. 1-10, dez. 2012. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n4/ARTIGO-PRISCILA.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2022.

FINAU, R. A. As marcas lingüísticas para as categorias tempo e aspecto na Libras. In: QUADROS, R. M. [org]. **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 258-298. Disponível em: http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Quadros_Ronice_Estudos-surdos-III.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. 2004. Tese [Doutorado em Letras] -Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27868/T%20-%20ROSSANA%20APARECIDA%20FINAU.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 fev. 2022.

FRIEDMAN, L. The manifestation of subject, object, and topic in the America Sign Language. In: LI, C. N. [ed.]. **Word Order and Word Order Change**. Austin : University of Texas Press, 1976.

FRISHBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 3, p. 696-719, 1975. DOI: <https://doi.org/10.2307/412894>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/412894>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GALVÃO, N. C. S. M.; MIRANDA, T. G. Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Surdocegueira: um Estudo de Caso no Espaço da Escola Regular. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n.1, p. 43-60, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/h3CJWB3N5V5MrxxrrgT8qGB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2022.

GAMA, E. J. **Iconografia dos Sinaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GIROLETTI, M. F. P. **Aquisição da Língua de Sinais para surdo como L1**. Indaiá: UNIASSELVI, 2017. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=24885>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GOES, A. K. S. **Marcadores prosódicos da Libras**: o papel das expressões corporais. 2019. Dissertação [Mestrado em Linguística] - Universidade Federal de Alagoas, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5869/1/Marcadores%20pros%20c%20b3dicos%20da%20libras%20o%20papel%20das%20express%20corporias.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002. 172 p.

GOMES, L. D.; BENASSI, C. A. Linguagem corporal e expressão facial aplicada a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Revista Diálogos: linguagens em movimento**, v. 3, n. 1, p. 222-239, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2948>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GONÇALVES, E. **As obras de arte mais antigas do mundo na grua Chauvet em França**. Euronews. 2016. Disponível em: <https://pt.euronews.com/cultura/2016/07/08/as-obras-de-arte-mais-antigas-do-mundo-na-gruta-chauvet-em-franca>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GONDIM, C. G. Pinturas rupestres: a representação da imaginação do homem primitivo. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 8, n. 4, [11p], abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23751/13038>. Acesso em: 2 mar. 2022.

- HIRATA, G. Existem gírias em Libras? **Super Interessante**, 3 jan. 2019. Consultoria: NAKASATO, Ricardo; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte, MAURICIO, Aline Cristina. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/cotidiano/existem-girias-na-lingua-de-sinais-dos-surdos/>. Acesso em: 14 maio 2022.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- JOFFILY, S. B. Origem motriz da linguagem sonora dos homens: um estudo exploratório. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 62-68, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n3/v15n3a07.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.
- JOHN Bulwer. **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John_Bulwer&oldid=63143833. Acesso em: 6 mar. 2022.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Lengua de signos australiana [Auslan]: una introducción a la lingüística del lenguaje de signos**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 296 p.
- KEGL, J.; WILBUR, R. Where does structure stop and style begin? Syntax, morphology, and phonology vs. stylistic variations in American Sign Language. In: **Papers from the 12 th Regional Meeting**, Chicago Linguistic Society, p. 376-396, 1976.
- LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, set. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedOes/a/wWScZsyPfr68rsh4FkNNKyr/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- LAGE, A. L. S.; KELMAN, C. A. Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá, v. 19, 1-23, maio 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/4vC4ZgxR6SbbrjtrRP9BHpr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004. 353 p.
- L'ÉPÉE, C. M. **La Véritable manière d'instruire les sourds et muets, confirmée par une longue expérience**. Paris: Nyon l'ainé, 1784. 348 p.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Diferenças entre a modalidade falada tridimensional e a modalidade escrita linear: uma questão sobre tradução para língua de sinais. *In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA*, 3., 2012, Florianópolis. **Anais [...]**. Disponível em: https://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_traducao_escrita_lessadeoliveira.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

LIDDELL, S. K. Think and believe: sequentiality in American Sign Language. **Language**, v. 60, n. 2, p. 372-399, 1984. DOI: <https://doi.org/10.2307/413645>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413645>. Acesso em: 25 abr. 2024.

LIMA, E. R. S.; CRUZ-SANTOS, A. Aquisição dos gestos na comunicação pré-linguística: uma abordagem teórica. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 17, n. 4, p- 495-501, 10 out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/qdrXnTJ7m6YzfwWggM5Y67F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 2022.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sr67CQpjmCWzBVhLmvVnKz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LSBVIDEO. Disponível em: <http://www.lsbvideo.com.br/>. Acesso em: 2022.

LUCHESE, A. **Políticas e a educação de surdos no Brasil**. Indaial: UNIASSELVI, 2017. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=25050>. Acesso em: 18 mar. 2022.

LUDWIG, C. R. Sentenças encaixadas relativas na Libras: as marcações não-manuais como estratégia de articulação. **Porto das Letras**, Porto Nacional, TO, v. 6, n. 6, p. 205-222, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10065>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MAIA, M. I. S. A importância da história dos surdos para o avanço da educação. **Revista Porto das Letras**, v. 3, n. 01, p. 101-111, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4765>. Acesso em: 3 mar. 2022.

MARQUES, J. G. T.; CANTARELLI, A. A influência da Língua de Sinais Francesa [LSF] na Língua de Sinais Brasileira [Libras]. **Porto Das Letras**, Porto Nacional, TO, v. 6, n. 6, p. 84-102, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10197/18298>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MARTINS, T. A. Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em libras. 2013. Dissertação [Mestrado em Letras] – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, 2013. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2344/1/Tania.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

MARTINS, T. A. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de libras**. 2020. Tese [Doutorado em Letras] – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, 2020. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/5192>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2001.

MERTZANI, M. Sobre a iconicidade da forma de mão Y. **Alfa, Rev. Linguística**, São José Rio Preto, v. 62, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/LYj6LkTPcbVDGyWrh9yjsFy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MESERLIAN, K. T.; VITALIANO, C. R. Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EDUCERE, 9., 26 a 29 de outubro de 2009, Curitiba, **Anais [...]**. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Analise-sobre-a-trajetoria-historica-da-educacao-dos-surdos.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2022.

MONTE, D. S. A metáfora na Língua Brasileira de Sinais: um estudo bibliográfico. **Cadernos Cajuína**, Piauí, v. 1, n. 1, p. 2-10, 2016. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/4/17>. Acesso em: 10 maio 2022.

MORI, C. C. **O desenvolvimento gestual de uma criança ouvinte e outra deficiente auditiva: um estudo contrastivo**. 1994. Dissertação [Mestrado em Linguística] – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, 1994. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/76148>. Acesso em: 12 mar. 2022.

NUNES, S. S.; SAIA, A. L. ; SILVA, L. J.; MIMESSI; S. D. Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues? **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 537-545, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/GK4bQcHj8pW5h6XnXkBPdHs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2022.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. COLTED, 1990.

OLIVEIRA, W; CAMPELLO, A. R. S. A importância da Língua de Sinais Brasileira na aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Revista Communitas**, v. 3, n. 5, p.

115-136, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/2414/pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

OVIEDO, A. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, v. 37, n. 2, p. 293-313, 2009. DOI: <https://doi.org/10.25100/lenguaje.v37i2.4898>. Disponível em: <https://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php/lenguaje/article/view/4898>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PACHECO, D. Arte rupestre pode ajudar a entender como linguagem humana evoluiu. **Jornal da USP**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 23 de mar. de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/arte-rupestre-pode-ajudar-a-entender-como-linguagem-humana-evoluiu/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

PARELLADA, C. I. Arte rupestre no Paraná: novas discussões. **Revista Tecnologia e Ambiente**, Criciúma, SC, v. 21, n. 1, p. 45-69, 2015. Dossiê IX, Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Regional Sul, Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/tecnoambiente/article/view/1927/1832>. Acesso em: 5 maio 2022.

PEUGEOT Logo. MARCAS LOGOS. Disponível em: <https://marcas-logos.net/peugeot-logo/>. Acesso em: 16 ago. 202.

PEREIRA, M. C. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial n. 2, p. 143-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/sXkGQKsnKbhgRBsPD4mvSjy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PEREIRA, P. F. **Psicanálise e surdez**: metáforas conceituais da subjetividade em Libras. 2007. Dissertação [Mestrado em Letras] - Universidade Federal do Paraná, 2007. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/11336/disserta%E7%E3o%20-%20Priscila%20Frehse%20Pereira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 maio 2022.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso LIBRAS 1**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. S.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. **Língua Brasileira de Sinais III**. 2009. Monografia [Graduação em Letras - Libras na modalidade a distância] - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/TEXTO_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. 2008. Monografia [Graduação em Letras-Libras na Modalidade a Distância] - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. 2009. Monografia [Graduação em Letras-Libras na Modalidade a Distância] - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; MACHADO, R. N.; LUDWIG, C. R. Inventário Nacional de Libras. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n 4, p. 5457-5474, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334/45483>. Acesso em: 6 mar. 2022.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. O primeiro curso de graduação em Letras Língua Brasileira de Sinais: Educação a distância. **ETD, Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 169-185, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/984/999>. Acesso em: 2 abr. 2022.

RAMOS, C. R. **Libras**: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros. Projeto Educação Especial Inclusiva “Módulo Avançado”/Manual do Aluno. Rio de Janeiro: SETRAB / IPPP, 2002. Cap. 4. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=13&idart=168>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RASTIER, F. Tem a linguagem uma origem? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 105-117, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n1/v43n1a13.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. Tese [Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/rosangela_rodrigues.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.

SANTOS, H. R.; TINÉ, R. T. Estratégias discursivas para compreensão de conceitos abstratos e especializados em libras. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 6, n. 1, jan.-abr., 2018. Dossiê temático “Educação, Inclusão e Libras”. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5840/pdf>. Acesso em: 2 maio 2022.

SANTOS, K. R. O. R. P. Projetos educacionais para alunos surdos. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. [org.]. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 71-87.

SANTOS, R. R. A gênese da Língua Brasileira de Sinais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENFOPE, 10., 15 a 19 de maio de 2017, Aracaju, SE. **Anais [...]**.

SILVA, A. A.; CHAGAS, F. A. O. A educação de surdos e o Atendimento Educacional Especializado: percepções e desafios. In.: SEMANA DE LICENCIATURA, 15., 24 a 28 de setembro de 2018, Instituto Federal de Goiás. Jataí, GO. **Anais [...]**. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/17054>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C.; ZANOLLI, M. L. Mães Ouvintes com Filhos Surdos: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23 n. 3, p. 279-286, jul./set., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a06v23n3.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SILVA, D.; FERNANDES, S. F. O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) e a política nacional de educação inclusiva em contextos bilíngues para surdos: um estudo da realidade da rede pública estadual paranaense. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 35-50, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24814>. Acesso em: 26 nov. 2022.

SILVA, G. M. O bilinguismo dos surdos: acesso às línguas, usos e atitudes lingüísticas. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 58, p. 124-144, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2466>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SILVA, I. S. A. F. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira [LSB]**: processo e interpretação. 2015. Dissertação [Mestrado em Estudos da Tradução] - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://www.>

passeidireto.com/arquivo/86026617/giria-em-lingua-de-sinais-brasileira-lsb-processo-e-interpretacao. Acesso em: 8 maio 2022.

SILVA, M. P. M. Subjetividade e surdez. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais [...]**. Tema: É preciso transver o mundo, 2009. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem03/COLE_1690.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SILVA, V. S.; TELES, M. M.; COSTA, E. S. Um estudo dos sinais bimanuais da Língua Brasileira de Sinais na sublocação “costas da mão”. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56702/33911>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SILVA JUNIOR, D. R. C.; STUMPF, M. R. Metáforas Orientacionais em Libras: uma Perspectiva Lexical. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, TO, v. 6, n. 6, p. 37-60, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10007/18296>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SILVEIRA, C. H. Mitos sobre língua de sinais – discussões com alunos de medicina e fonoaudiologia. In: ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 9., 29 de julho a 01 de agosto de 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3002/666>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SIMÕES, M. V. A língua de sinais como foco de construção do imaginário no brincar de crianças surdas. **Educação Temática Digital, ETD**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 24-33, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/788/803>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Medição, 1998.

SOFIATO, C. G. **O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira**. 2005. Dissertação [Mestrado em Artes] – Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/346730>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SOUTO, M. W. A. Oralismo x bilinguismo: filosofias educacionais historicamente contrastantes e presentes na educação para o surdo. In: EDUCERE, CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 28 a 31 de agosto de 2017, Curitiba, PR. **Anais [...]**.

Disponível em: <https://docplayer.com.br/73248277-Oralismo-x-bilinguismo-filosofias-educacionais-historicamente-contrastantes-e-presentes-na-educacao-para-o-surdo.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. 149 p.

SOUZA, R. M. Intuições “lingüísticas” sobre a língua de sinais, nos séculos XVIII e XIX, a partir da compreensão de dois escritores surdos da época. **D.E.L.T.A.**, v. 19, n. 2, p. 329-344, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/wYznBgDdtmRBTzKrt4mzsJC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2022.

SOUZA, T. A. F. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 1998. Tese [Doutorado em Linguística] - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

STELLE, T. G.; STRIEICHEN, E. M. Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais. In: EDUCERE, Congresso Nacional de Educação, 11., 23 a 26 de out. de 2013, Curitiba, PR. **Anais [...]**.

STOKOE, W. C. **Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. 1st ed. University of Buffalo, Dept. of Anthropology and Linguistics, 1 January 1960. 78 p.

SUPALLA, T. Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. In: CACCAMISE, F. [ed.]. **Proceedings of the Second National Symposium of Sign Language Research and Teaching**. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1978. p. 27-45.

TEIXEIRA, V. G.; LEITÃO, C. M. C. Flexão verbal em libras e em língua portuguesa: análise contrastiva. **Revista Philologus, CiFEFiL** Rio de Janeiro, v. 19, n. 55, p. 31-43, jan./abr.2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/55/003.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtiem/Tailândia, 1990. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acesso em: 4 set. 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Conferência Mundial de Educação Especial. Salamanca: Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

VIEIRA, C. R., MOLINA, K. S. M. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/jm5q3PJ3ttkjZrfwJJyzh7n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 561 p. [Psicologia e pedagogia].

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Organização Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018. 176 p.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. 400p.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 90 p.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre Artes Médicas, 1996. 252 p.

WUNDT, W. Elementos de psicologia dos povos: o princípio da linguagem e o pensamento do homem primitivo. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 37, p. 91-101, 2º sem. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n37/n37a10.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>. Acesso em: 7 set. 2022.

ZANONI, I.; SANTOS, E. I. Os Reflexos da Comunicação Total na Atual Interação e Comunicação entre Indivíduos Surdos e Ouvintes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 02 a 05 de setembro de 2014, Foz do Iguaçu, PR. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: INTERCOM, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1069-1.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2022.

ANEXO

Configurações de mãos

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

Configurações de mãos



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Realização:

Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Ministério da
Educação

GOVERNO
FEDERAL





Essentia
EDITORA
IFFLUMINENSE

Tipologia Coolvetica
Geogrotesque
Formato 16 x 23 cm